

DO AUTOR DE "EVENTYR" E "MESE"

FELIPE REINO

Heart





Hart

Hart

FELIPE REINO

*Para minha amiga Dandara e meu avô José que se
mudaram para o andar de cima enquanto eu escrevia
este livro.*

O FUTURO DE BEATRIZ MISSE

*A*ntes de começarem a ler o desfecho da história de Beatriz Misse eu gostaria de deixar algumas palavras. Poucas palavras.

Todos que acompanharam a história pelo site devem se lembrar das várias vezes em que atrasei entregas de capítulos e de como as coisas foram ficando corridas no decorrer dos meses. Não preciso dizer que essa falta de tempo afetou a história e em alguns casos de forma prejudicial. Não será difícil encontrar algumas diferenças entre os primeiros e os últimos capítulos – que acabaram se tornando mais corridos. O resultado final não ficou como gostaria, mas está aceitável.

A trilogia “Eventyr” é muito especial para mim e meus planos para ela não acabaram com esse livro. Eu quero continuar a história de Beatriz Misse de outras formas.

Primeiro: eu pretendo contar algumas coisas sobre o que aconteceu depois deste livro através do Twitter @BeatrizMisse. Ele já estava funcionando antes do lançamento deste e-book e continuará por pelo menos 1 ano.

Segundo: quero ainda escrever alguns *spin-offs* com alguns personagens como Neandro, Linfa, Nicardo. Provavelmente estas histórias aparecerão em forma de contos, mas pode ser que alguma delas vire algo maior.

Terceiro e último lugar: eu quero deixar esta *promessa* de que – em um futuro não muito distante – todos os três livros serão reescritos. A trilogia contém erros dos mais variados e pretendo corrigir-los. Não mexerem na estrutura, apenas retirarei alguns acontecimentos desnecessários, acrescentarei novas cenas e retirarei alguns personagens que, na época, pareciam importantes, mas acabaram não tendo serventia nenhuma. Provavelmente o livro que sofrerá a maior mudança será esse. Pretendo colocar uma nova batalha final e alterar algumas cenas que ficaram um pouco cansativas.

Eu poderia arrumar isso agora, mas eu realmente não estou com cabeça para fazer essa releitura. Por isso deixo o relançamento da trilogia como uma promessa para o futuro.

Espero que, mesmo com as falhas, todos vocês se divirtam e se emocionem com essa parte final da aventura de nossa amada Beatriz Misse.

Um abraço

– Felipe Reino

“O destino só existe por causa de nossas escolhas.”

PRÓLOGO

“Este é o momento!”

“O dia em que a profecia se cumprirá está próximo de chegar!”

“Qual caminho ela irá seguir?”

“Apenas espero que ela faça a escolha certa.”

CAPÍTULO 1 / O PLANO “INFALÍVEL”

Parecia que estávamos ali há séculos, mas tinha apenas uma semana. Uma longa e cansativa semana. Talvez mais longa e cansativa para mim, pro Alexis, o Tales e a Thalassa do que para qualquer outro que estivesse por ali.

Estávamos de guarda no porto, esperando o ataque que havia sido previsto para breve. Iríamos por em pratica o plano que havíamos criado há algum tempo. Esperava não ter que utilizar-lo. Não apenas por Ofir, mas por conta do cansaço que eu me encontrava. Tínhamos criado um sistema de revezamento, mas há dois dias que eu, Alexis, Tales e Thalassa estávamos sem descansar.

Cosmo, Neandro e Nicardo ficaram no castelo, caso algum imprevisto acontecesse. Talvez eles estivessem mais descansados do que nós. Eles seriam mais úteis aqui do que no castelo. Levinda e Camila também estavam no castelo por motivos de segurança.

Tentava manter o foco a todo custo. Era difícil, mas estava conseguindo. Andar de um lado para o outro e jogar copos de água gelada no rosto ajudam um bocado a ficar acordado. Alguns comerciantes que ainda continuaram a morar próximos ao posto nos ajudavam dando alimentação, apesar do prejuízo.

Todos os homens – e algumas mulheres – que estavam no esconderijo de Tales em Leander foram

trazidos para a Capital. Ficaram apenas as crianças e um pequeno grupo de mulheres que não quiseram abandonar seus filhos ou não estavam preparadas para uma guerra.

O cansaço me dominou e acabei não suportando mais e resolvi me deitar um pouco. Fechei os olhos, mas tentei ficar atenta a tudo o que estava acontecendo ao meu redor. Não poderia me deixar levar pelo sono também. Mas quem consegue lutar contra isso quando se está próximo ao seu limite?

– Eles estão chegando! – ouvi uma voz perto de mim.

Demorei um pouco para entender o que aquele aviso significava. E se eu continuasse deitada no canto sem fazer nada acabaria morrendo sem saber o que me atingiu.

Levantei como um relâmpago. Um pulsar de energia dentro de mim acabou me revitalizando para a batalha que estava prestes a começar, exatamente como havia sido previsto.

Homens de armadura preta descem aos montes de vários barcos que chegam bem próximos ao porto. Estávamos todos prontos para a batalha. E eles também.

– Bianor não parece estar entre eles! – disse a Tales que estava do meu lado.

– Não creio que ele apareça tão cedo. – Tales estava apenas esperando pelo primeiro ataque – Bianor só irá aparecer quando as batalhas menores acabarem. Ele nós quer sozinhos.

Antes que todos os “homens de preto” terminassem de entrar no porto o nosso plano foi descoberto. Saímos todos dos nossos esconderijos e começamos o ataque. Obviamente os homens de Bianor revidaram o nosso ataque.

Alguns homens me cercaram e começaram a me atacar. Não tinha muito tempo para tentar lançar alguma magia, por isso apenas me defendi da melhor maneira que pude até Alexis e Tales aparecerem para me ajudar.

Continuamos apenas nos defendendo dos golpes. Revidamos algumas vezes, mas estávamos esperando o momento certo para começar a atacar de verdade.

Tales e Alexis estavam se dividindo, atacando em parceria. Eu e Thalassa começamos a fazer o mesmo.

Atacamos dois deles com golpes na altura do estômago. Tentamos atingir as cabeças, mas eles as protegiam muito bem e sempre conseguiam desviar os golpes. Reparei que Alexis e Tales estavam tendo a mesma dificuldade.

Pouco depois finalmente consegui me distanciar da batalha e voei até alguns metros para

analisar a batalha de um modo mais amplo. A batalha estava favorável para o nosso lado. Os homens de Bianor pareciam inexperientes e estava sendo muito fácil de derrotar-los. Poucos homens que estavam no nosso grupo foram atingidos e a maior parte deles haviam sido feridos de raspão.

Comecei a jogar algumas bolas de fogo e água em alguns homens de Bianor, que caíam como se não tivessem ossos, todos desconjuntados. E todos mortos. Ou pelo menos muito feridos para levantarem. E isso era muito estranho.

O que Bianor pretendia mandando homens tão despreparados? Isso, sem dúvida alguma, não era apenas uma escalação ruim de soldados. Será que Bianor estava obrigando seus prisioneiros a lutarem? Será que todos essas pessoas com quem estávamos lutando eram pessoas inocentes, vítimas de Bianor?

– Alexis! – gritei enquanto voltava para o chão
– Acho que estamos cometendo uma atrocidade!

– O que você está falando? – Alexis perguntou assustado.

– Esses homens... Olhe como eles morrem com facilidade! – disse desesperada.

– Sim, eu reparei nisso também e estranhei. São inexperientes demais para uma batalha como essa.

– Alexis tentava se esconder. Só então reparei que ele estava com um ferimento na mão direita.

– O que foi isso? – perguntei quase gritando.

– Não foi nada. – Alexis orgulhoso como sempre.

– Nada não, isso é alguma coisa sim! – o ajudei a se esconder.

– Foi apenas um golpe de raspão. O soldado me atingiu por sorte. – Alexis segurava a mão.

Realmente o corte não parecia nada de grave, mas ele estava impossibilitado de usar espadas. Daquela família o único que sabia usar com perfeição espadas segurando apenas com a mão esquerda era Neandro, que não estava ali. Peguei uma faquinha que estava pendurada em minha cintura e rasguei um pedaço da roupa de Alexis.

– O que você está fazendo? – Alexis gritou zangado.

– Um curativo de emergência nesse corte. – respondi amarrando o tecido na mão de Alexis.

– Ai! – ele resmungou quando apertei o nó – E tinha que ser com a minha roupa? Por que não tirou da sua?

– Que parar de reclamar? – usei da mesma arrogância – Achei que você já tinha aprendido a ser mais agradecido, mas parece que você continua o mesmo príncipe autoritário e arrogante de sempre.

– O que vocês estão fazendo aí? – Tales nos descobriu – Essa não é a hora para ficar de namorico.

– Nós não estamos de namorico. – Alexis disse bufando.

– Também é uma péssima hora para discutir relacionamento. – Tales aproveitou o esconderijo para recarregar energia.

– Alexis se cortou e eu estava cuidando do ferimento. – respondi com a tranquilidade que a situação permitia. Ou seja, nenhuma.

– Mas você estava falando sobre os homens de Bianor? – Alexis voltou ao assunto inicial.

– Vocês também notaram que eles estão morrendo com facilidade? – Tales perguntou.

– Isso não é estranho demais? – perguntei.

– Sim isso é...

– Tales cuidado! – Alexis interrompeu Tales.

Um soldado estava vindo em direção a Tales, que conseguiu desviar a tempo. Tales derrubou o homem com um golpe nas costas e o segurou pelo braço.

– Mas o que é isso? – Tales disse completamente confuso.

Tales jogou o soldado no chão e arrancou seu capacete. Todos nós levamos um grande susto com o que vimos em seguida. A armadura estava vazia. Completamente oca.

No mesmo instante mesmo instante todas as armaduras que estavam lutando caem inanimadas no chão, se desmontando inteiras. Todas tão ocas quanto a que havíamos visto. Uma fumaça negra começou a dissolver as armaduras até que todas elas desapareceram.

– Mas o que foi isso? – Alexis perguntou confuso.

– Armaduras enfeitiçadas! – Tales falou para ele mesmo e depois repetiu gritando com um tom de ódio – Armadura enfeitiçadas!

– Enfeitiçadas? – perguntei.

– Claro, como não desconfiei antes? – Tales continuava com o tom de ódio – Era para se esperar que Bianor fosse brincar com a nossa cara com esse tipo de truque!

– Mas do que ele está falando? – perguntei a Alexis.

– Armaduras enfeitiçadas eram muito usadas em épocas de guerra. – Thalassa se aproximou – Elas eram usadas com o objetivo de distrair o inimigo e cansar-lo, assim quando houvesse o ataque real todos estariam cansados demais para lutar e seriam facilmente vencidos.

– Já aconteceram casos de batalhas onde os dois reinos mandavam armaduras enfeitiçadas para guerrear, o que acabava causando um grande constrangimento por ambas as partes. – Tales começava a se acalmar – Esse truque acabou deixando de ser usado por conta da facilidade em que se descobria a armação, fazendo com que os soldados que estavam sendo atacados ignorarem a presença do falso exercito.

– Mas eles deixavam as armaduras atacarem e não faziam nada? – perguntei.

– As armaduras só atacam se forem atacadas. –
Thalassa explicou – Elas não tem inteligência e apenas reagem da mesma maneira em que o ambiente onde ela se encontra está. Se esse ambiente estiver em guerra, ela ficará em guerra. Se estiver em paz, ela ficará em paz.

– E nós fomos os idiotas que caímos no truque mais velho que existe! – Tales voltava a ficar com ódio.

– Vocês estão querendo dizer que toda essa batalha foi em vão? – perguntei assustada.

– Infelizmente. – Thalassa baixou a cabeça – Provavelmente Bianor queria nos distrair e nos cansar, como nos tempos antigos.

– E agora? – estava sem ação.

– Bem, não podemos deixar de vigiar. – Alexis continuava segurando a mão – Bianor pode ter armado esse truque para nós pensarmos que ele começará a invadir em outra parte da Capital.

– E pode também ter planejado esse falso ataque para que nós pensássemos que ele queria nos afastar daqui pra justamente atacar em outro local. – Thalassa mostrou a outra possibilidade.

– Acho que o melhor agora é pensarmos com calma em nossos próximos passos! – Alexis estava mais calmo.

– Espero que não aconteça mais nenhuma surpresa hoje. – Tales também havia se acalmado – Caso contrário nem eu, nem vocês e nenhum dos meus

soldados resistiram. Estamos todos exaustos. Fomos levados aos nossos limites nessa brincadeirinha.

– Mas esse falso ataque não foi tão ruim assim.

– Thalassa era quem estava mais centrada – Agora nós já sabemos que Bianor pode querer “brincar” mais um pouquinho com todos nós. Mas se isso acontecer já estaremos preparados e atentos para o verdadeiro embate entre as nossas tropas com as de Bianor.

– A Thalassa está certa! – tentei não parecer nervosa – Temos que aproveitar o dia de hoje e tomar como um aprendizado. Eu nunca participei de uma guerra antes, mas tenho certeza de que agindo desta forma estaremos mais preparados para lutar.

– Beatriz tem razão. – Alexis deu um sorriso tímido – Tudo o que precisamos agora é prestar mais atenção e reforçar nossa vigilância para que isso não aconteça novamente.

– Agora acho melhor...

– Senhor, senhor – um dos homens de Tales o interrompeu – Rápido. É o Acelo.

– Não diga que...

Tales olhou para o rosto do rapaz que o devolveu com um olhar de que não tinha boas notícias. Tales colocou as mãos na cabeça e respirou fundo. Ele olhou para nós como se procurasse uma saída. Só não conseguia entender se ele queria que nós déssemos uma saída pra ele ou se ele procurava uma saída para engabelar-nos.

– Podemos ajudar em algo? – perguntei.

– Não! – ele falou em um tom alto e desesperado.

– Mas se for o que estou pensando...

– Seja lá o que você está pensando, não! – Tales falou um pouco mais baixo – Eu não quero que ninguém venha atrás de mim.

– Mas Tales...

– Beatriz, não! – Tales estava nervoso.

– Será que ao menos podemos saber o motivo?
– Thalassa perguntou preocupada.

– Não! – ele voltou a falar alto – Será que vocês não podem respeitar o meu pedido?

– Tales, isso que você está fazendo não faz sentido. – Alexis se aproximou – Nós sempre lutamos juntos e sempre nos ajudamos. Sempre. De repente você não quer que nenhum de nós vá ajudar seu soldado. Por quê? Nós não iremos matar seu soldado.

– Alexis! – dei um beliscão nele.

– Ai! – Alexis resmungou – Não precisa disso.

– Alexis, Beatriz, Thalassa. Não é nada disso. – Tales se acalmou – Se a situação fosse outra eu até permitiria, melhor, adoraria ter a ajuda de vocês.

– Então por quê? – Thalassa perguntou.

– Eu não posso dizer a vocês o motivo. – ele parecia realmente triste em não poder aceitar nossa ajuda – Talvez, um dia, eu possa contar tudo a vocês.

– Conte agora! – Thalassa insistiu – Não há razões para esconder de nós seja o que for.

– Acredite, há razões! – Tales olhou triste para todos nós.

– Senhor, é melhor nos apressarmos. Já vai começar a anoitecer. – o soldado de Tales o apressou.

– Eu juro que eu irei contar quando for a hora.
– Tales respirou fundo – Por enquanto eu peço apenas que respeitem minha decisão de tomar conta dos meus soldados sozinho.

– Se não existe outro jeito. – segurei nas mãos dele – Vá. Iremos te esperar na casa de Neandro, tudo bem.

– Obrigado! – Tales sorriu.

Tales e o soldados correram tão rápidos que nem pareciam ter ficado quase dois dias sem dormir e ainda participado de uma batalha, mesmo que não tenha sido tão longa quanto esperávamos que fosse.

– O que será que ele está escondendo de nós?
– Alexis perguntou.

– Não sei. – respondi – Honestamente, eu não sei. Mas senti que ele está muito angustiado.

– Você não consegue mais ver o que se passa na mente dele? – Alexis ficou curioso.

– Não. E espero nunca mais conseguir isso. É horrível você saber o que passa na mente das pessoas.

– Nunca pensei que diria isso, mas gostaria que o cabeça de pedregulho estivesse aqui! – Alexis gostava mesmo de zoar com Nicardo. Apreendi a ignorar.

– Eu não sei o que pode ser, mas não estou gostando nada dessa história. – Thalassa continuava

fitando o Tales levando o seu soldado para dentro de um dos estabelecimentos que foram abandonados.

– Confesso que essa história também não está me agradando. – disse em um tom mais baixo que o de costume – Acho que temos motivos para ficar bem preocupados.

– O que foi que você disse? – Alexis perguntou.

– Nada. – balancei a cabeça – Estava apenas pensando um pouco. Vamos?

– Vamos! – Alexis e Thalassa responderam juntos.

Seguimos para a casa de Neandro já planejando como iríamos contar o que aconteceu – isso é, se ele já não ouviu de outra pessoa. Não sabíamos se contávamos ou não da atitude de Tales em esconder-se e não deixar que ninguém ajudasse a cuidar de seus soldados. Talvez nem fosse preciso, o próprio com certeza falaria em outra ocasião.

Chegamos a casa de Neandro no meio da noite. Fiquei o tempo inteiro com o coração apertado – e os pulmões também, mas isso era por outro motivo. Tinha algo de muito grave acontecendo, isso eu podia sentir. Tales estava escondendo um segredo muito grande e provavelmente muito doloroso. Mas o que seria?

CAPÍTULO 2 / SONHOS E DISCUSSÕES

Chegamos a casa de Neandro quase que desmaiando. Estávamos todos muito, mas muito cansados. Neandro e Levinda tiveram que carregar Thalassa até o sofá. Eu e Alexis estávamos bem próximos de chegar aquele extremo de não se aguentar em pé.

– Mas o que houve com vocês? – Levinda perguntou preocupada.

– Tudo que não poderia acontecer! – Alexis respondeu ofegante.

– Vocês andaram do porto até aqui a pé? – Neandro perguntou assustado.

– Sim! – respondi também ofegante – Não havia cavalos. Os que estavam com nosso grupo acabaram sendo levados para o castelo. Eles não chegaram?

– Não. – Neandro respondeu confuso.

– Eu vou pegar uma jarra de água. Não, duas. Vocês estão horríveis! – Levinda estava desnorreada. Deveríamos estar muito horríveis mesmo.

– Conte o que aconteceu? – Neandro perguntou.

– Poderia nos dar um tempo para recuperarmos nossas forças? – Alexis já estava fechando os olhos – Iremos contar tudo, prometo.

– Não, quer dizer, claro. – Neandro também estava desnorreado – Vou ajudar-los a chegar até os quartos.

Desde que foi declarado oficialmente guerra, Neandro resolveu ampliar a sua casa. Construiu mais quartos e banheiros, além de aumentar a cozinha. Neandro e Alexis usaram um pouco de magia para agilizar a obra. Eu e Thalassa continuamos dormindo no mesmo quarto, mas agora cada uma tinha seu espaço. Os meninos também haviam ganhado um espaço para cada um deles. Cosmo ganhou um espaço, mas acabou não utilizando. O Rei Céleo achou mais útil deixar Cosmo no castelo ajudando a projetar algumas armas novas.

Thalassa foi novamente carregada até a cama. Eu entrei no quarto e me joguei na minha cama como se minha vida dependesse disso. E de certa forma ela dependia. Não cheguei sequer a reparar que Levinda já havia posto uma jarra d'água e um copo ao lado de minha cama, na escrivaninha. Bebi a jarra inteira em meio minuto.

Meus olhos fecharam de imediato quando deitei novamente na cama. A janela do quarto estava aberta e a única coisa que senti foi o vento fresco que entrava por ela. Uma esperança crescia dentro de mim nesses momentos. Era como se a natureza estivesse dando um aviso de que ainda existe beleza neste mundo e que nem tudo está perdido. Pelo menos não completamente perdido.

Comecei a lembrar da primeira vez em que estive aqui. Parece que faz séculos que eu acordei

naquela floresta e encontrei o príncipe encantado mais metido e arrogante do mundo. É tão engraçado ver como eu mudei. Eu era tão infantil e insegura. Naquela época eu nunca imaginaria que um dia ficaria de tocaia, apenas esperando a hora de atacar. Nunca imaginaria que um dia eu me tornaria uma guerreira mágica e que um mundo inteiro dependeria de mim para sobreviver. São tantas coisas que mudaram. Esses quase dois anos parecem uma vida inteira se for olha tudo o que já aconteceu comigo.

Cai no sono poucos minutos depois. Poucos minutos *mesmo*. Como já estava virando uma regra, meus momentos de descanso, assim como minhas noites de sono, eram sempre invadidas por pesadelos horríveis. E mais horrível ainda era acordar e não ter o consolo de que aquilo era apenas um sonho ruim, aquilo era um presságio.

Eu estava deitada, exatamente como eu estava fora do sonho. Eu abria os olhos e via um reflexo do sol bater muito forte no local onde estava deitada. Vi o castelo da Capital em chamas. Era terrível. Tentei correr para ajudar, mas não conseguia. Estava presa.

“O castelo está sendo destruído!” ouvi a voz de Alexis.

“Os homens de Bianor estão invadindo o reino!” uma voz que não conhecia era quem falava desta vez.

“Onde está a Beatriz?” era a voz de Nicardo.

– Eu estou aqui! – tentei chamar atenção deles
– Aqui!

“Beatriz, onde está você?” a voz do Rei Céleo
“Onde está você Beatriz?”

– Alguém?! – bati na parede invisível que me prendia – Alguém me tire daqui!

“Beatriz?” uma voz poderosa vinha de dentro da minha prisão “Você precisa voltar!”

– Eu sei, mas como eu saio daqui? – perguntei assustada.

“Use se coração!” a voz se distanciava “Apenas seu coração pode te levar de volta a Ofir!”

– Meu coração? – perguntei – O que você quer dizer com coração?

Acordei com um salto que me levou da cama ao chão. Meu *bumbum* ficou completamente dolorido com o tombo, mas esse era o mais mínimo dos detalhes. Pensei no que aquele sonho poderia significar. Eu? Presa? Já estava assustada demais achando que poderia não dar conta do que estava pra acontecer estando com as duas mãos livres. Se estiver presa...

– Beatriz? – Alexis estava do meu lado – Você está bem?

– Eu... eu... – quase coloquei mais uma preocupação na cabeça de Alexis – Não foi nada. Apenas tive um sonho com o dia de hoje. Com a

batalha. Tudo novamente passando em minha cabeça. Acho que fiquei impressionada, mas estou bem.

– De verdade? – ele perguntou com um olhar de zelo irresistível.

– E eu já menti pra você? – tentei usar do humor para fazer-lo parar de insistir.

– Você quer que eu seja sincero? – ele sorriu.

– Não há necessidade. – retribui o sorriso da melhor forma que pude.

– Apesar de estar um caco você continua linda.

– Alexis me abraçou.

– Mentiroso. – sorri. Desta vez de verdade.

– Mas é verdade! – ele deu um cheiro no meu pescoço – O que eu posso fazer se eu amo você. Amor a gente não escolhe. Paixão até que conseguimos, mas o amor... Ou você acha que se eu escolheria uma garota rabugenta, abusada e encenqueira para ser minha futura esposa.

– Esposa? – fiquei surpresa – Está falando sério?

– Quando tudo isso acabar eu quero me casar com você Beatriz!

– Mas assim, agora? – continuava surpresa – Nós ainda nem completamos 20 anos. E mesmo assim ainda acho cedo.

– Pra quem tem a vida todo pode até ser mesmo, mas nós não precisamos casar agora. – Alexis me apertou um pouco mais – Podemos esperar até eu ser coroadado. E se depender de mim isso ainda vai

demorar muito. Quero que meu pai ainda tenha muitos anos de vida pela frente.

– Mas...

– Veja bem – Alexis me soltou. Coisa que não gostei – nos oficializamos o nosso relacionamento. Assim todos saberão que eu pertencço a você. Depois nós esperamos alguns anos e fazemos a cerimônia.

– É realmente necessário ficarmos noivos? – perguntei.

– É obrigatório. – Alexis ficou sério – Para um príncipe não existe a palavra “namoro”. Aqui em Ofir os príncipes costumam ser prometidos a grandes futuras damas da realeza ou princesas de outros reinos antes mesmo de nascerem.

– Não estou gostando disso. – fiquei nervosa – Você já foi prometido para alguém por acaso?

– Não. – ele achou graça – Apenas os primogênitos são prometidos. Afinal, eles que assumiram o reino. No meu caso, como meu irmão optou por ser deserdado eu acabei sendo o primeira opção para sucessão da coroa. Mas o meu casamento não foi planejado. Acho que eu já estava prometido a você.

– Você quer dizer que eu irei me tornar rainha?
– achei estranho em como isso soava em meus ouvidos.

– Se aceitar meu pedido...

– Você ficaria muito chateado se eu não respondesse nada agora? – tentei não parecer grossa –

Se fosse outros tempos eu responderia a você que sim, mas eu não tenho cabeça para nada disso.

– Claro. – Alexis sorriu – Eu entendo perfeitamente. Não veja isso como uma cobrança, mas uma sugestão de um plano para o futuro.

– Obrigada. – sorri meio sem jeito – Você sabe que tudo o que eu quero é ficar ao seu lado sempre.

– Eu sei. – ele voltou a me abraçar – Eu também quero ficar com você para o resto da minha vida. Nem que seja uma breve vida.

– Não fale isso nem brincando! – me apertei mais a ele – Eu não consigo nem pensar em não poder te ver nunca mais. Agora você é tudo o que eu tenho.

– Acho que não preciso dizer que sinto o mesmo por você!

– Alexis? – perguntei – Poderia me dar um beijo?

– E você ainda pergunta?

Os beijos de Alexis nos últimos tempos tem sido a única coisa que me acalmava de verdade. Eles eram sempre do jeito que precisavam ser. É como se Alexis sempre adivinhasse como eu quero seus beijos. Eles são quentes quando devem ser quentes, doces quando devem ser doces, selvagens quando eu desejo que seja e delicados como o que ele estava me dando, justamente o tipo de beijo que mais me acalma e mais me deixa apaixonada por ele.

– Não acredito! – uma voz ecoava pelas paredes. Parecia vir da sala e parecia ser de Neandro.

– Vamos ver o que está acontecendo? – perguntei.

– Acho que sei o que é. – Alexis olhou aflito – Veja.

Olhei pela janela do quarto e vi dois soldados de Tales na porta. Nenhum deles estava com cara de boas notícias. Pelo contrario, estavam com cara de quem trazia mais problemas para as nossas mãos.

–... E foi isso que aconteceu. – era a voz de Tales.

– Mas por quê? – Neandro perguntava no exato momento em que entravamos na sala.

– Beatriz? – Tales parecia ter encontrado em mim seu ponto de salvação – Contaram-me que estava quase desacordada.

– Eu já estou melhor. – fiz uma cara de quem estava vendendo saúde – A Thalassa que ainda está dormindo. Ela é uma garota forte, mas acho que desta vez acabou sendo demais para ela. Vocês estavam discutindo ou era impressão minha.

– Não exatamente. – Neandro fitou Tales repreensivo.

– Vocês estão me escondendo algo! – já estava entendendo as trocas de olhares – Exijo que me contem!

– Alexis! – Neandro achou graça – Pare de ensinar coisas erradas a Beatriz!

– Eu não estou ensinando nada! – Alexis levantou as mãos – Sou inocente!

– Vocês querem parar com isso? – falei alto – Eu sei que está acontecendo algo que vocês não querem me contar. E melhor me contar logo ou terei que descobrir por mim mesma!

– Não há nada...

– Não! – Tales interrompeu Neandro – Ela está certa. Ela tem o direito de saber.

– Obrigada Tales. – dei um sorriso debochado. Realmente, eu estava pegando as manias do Alexis.

– O que está havendo aqui? – Thalassa se levantou – Estão fazendo uma reunião? Eu dormi por quanto tempo?

– Já é de manhã. – Neandro respondeu.

– E não me acordaram por quê? – Thalassa perguntou esfregando os olhos.

– No estado em que você chegou ontem à noite, achei melhor não te incomodar. Achei até que você dormiria até amanhã. – Neandro ajudou Thalassa a se sentar. Ela ainda parecia cansada.

– Mas o que está acontecendo aqui? – Thalassa quem perguntou dessa vez.

– Era exatamente o que eu estava perguntando a eles faz poucos minutos. – respondi em um tom debochado.

– E eu estava prestes a responder. – Tales voltou a olhar torto para Neandro.

– Então diga logo de uma vez! – Thalassa respondeu em um visível mau humor. Algo nada típico da parte dela que sempre foi tão calma.

– Alguns dos meus homens acabaram com ferimentos mais graves do que pareciam. – Tales começou a explicar – As armas que os falsos soldados usaram parecia estar envenenada. Todos que foram atingidos por ela, mesmo que de raspão, acabaram sendo envenenados. O veneno parece agir da seguinte forma: A primeiro momento causa uma ferida imperceptível, mas com o passar do tempo essa ferida vai se abrindo até corroer todo o local atingido deixando o restante imóvel. Muitos dos meus homens perderam completamente os movimentos dos braços e alguns das pernas.

– Espere! – gritei – Alexis você foi atingido!

– Eu fui? – Alexis balançou a cabeça – Nossa! Tinha me esquecido!

Retiramos imediatamente o curativo improvisado que eu havia feito na mão de Alexis e o que vimos não foi muito bonito. A ferida, que a principio parecia pequena na parte superior, perto do dedo mínimo, agora havia tomado os dois últimos dedos de Alexis e um pedaço da parte inferior da mão, na palma.

– Que horror! – disse alto – Precisamos fazer algo urgente.

– Era exatamente isso que estava falando para Neandro. – Tales tentou ficar calmo – Eu preciso ir com

urgência ao castelo. O Rei Céleo deve conhecer algo que posso eliminar esse veneno antes que atinja os órgãos vitais das pessoas. Mas precisamos agir rápido, não sabemos quanto tempo o veneno demora para infectar outras partes do corpo.

– E por que vocês estavam discutindo sobre algo tão sério? – perguntei nervosa – Vamos imediatamente ao castelo!

– Mas ele não contou que quer cuidar de sabe lá quantos homens sozinho. – Neandro falou em tom de deboche provando que era da família.

– Tales? Aquela história? – perguntei.

– Beatriz, você prometeu esperar!

– Eu sei o que prometi! – respondi.

– Você já sabia dessa história? – Neandro perguntou confuso.

– Sabia. – respondi sem expressão.

– Gente, acho que agora não é lugar para decidir isso. – Thalassa começava a acordar de verdade.

– Será que podemos ir logo? – Alexis parecia desesperado.

– O que foi? – perguntei.

– Eu acho que o veneno está se espalhando.

Olhamos todos para a mão de Alexis. Realmente não parecia nada bem. Estávamos vendo exatamente o caminho se formando. A ferida estava começando a descer, seguindo para o braço de Alexis. Nós tínhamos mesmo algo mais importante para

pensar naquele momento do que se Tales iria ou não ajudar seus homens sozinho.

CAPÍTULO 3 / ESTRANHOS CONHECIDOS

Corremos imediatamente para o castelo da Capital. Como se não bastasse todas as coisas ruins que nos aconteceu nos últimos dias, ainda acontece isso. Eu estava com tanta pena do Alexis. Nunca gostei de ver ninguém sofrendo em desespero, ainda mais alguém que amo tanto como ele.

Estávamos sem cavalo, por isso demoramos mais tempo para chegar ao castelo. A ferida tinha parado de crescer, mas metade da mão de Alexis estava cheia de ferimentos pequenos, enquanto o ferimento inicial tinha estacionado pouco depois do fim da mão.

Alexis não tirava os olhos dos ferimentos e, conseqüentemente, eu também fiquei olhando sua mão de minuto a minuto. Estava com tanto medo de que Alexis pudesse perder o braço. Ele ficaria péssimo se isso acontecesse.

O castelo parecia bem mais triste agora do que da primeira vez em que o vi. Eu não sei dizer quando ele começou a parecer mais sombrio. Neste momento desejei muito poder ver novamente toda a glória e beleza de outrora, já tão distante e quase perdida no passado.

O castelo estava mais bem vigiado do que eu havia imaginado. Soldados e mais soldados estavam

espalhados por todos os cantos, mas ainda parecia insuficiente caso acontecesse um ataque surpresa.

– O que está acontecendo? – Rei Céleo perguntou assustado quando entramos na sala do trono.

– Rápido papai, precisamos urgente de um atendimento médico especial. – Neandro estava quase gritando.

– Atendimento medico especial? – Rei Céleo mudou completamente as expressões de susto para desespero.

– Alexis e mais vários homens de Tales foram envenenados durante a batalha...

– Batalha? – Rei Céleo interrompeu Neandro – Que batalha?

– Não foi informado? – Neandro estranhou – Mas pedi para que mandassem informações para o castelo.

– Isso não importa neste momento. – interrompi – Precisamos urgente ver esse ferimento de Alexis e ajudar os homens de Tales.

– Espere – Rei Céleo se sentou – Vamos com calma. O que está havendo?

– Papai, Beatriz tem razão – Neandro apressou as coisas – Vamos imediatamente para o bloco médico e depois explicamos o que está acontecendo.

O tal bloco médico era um imenso salão, cheio de repartições e médicos – ou algo do tipo – espalhado por todos os lugares. As únicas coisas que diferenciavam o salão de um plantão médico da Terra eram os fatos de nenhum deles usarem jalecos brancos, a ausência das aparelhagens e equipamentos médicos e, principalmente, o fato de todos eles usarem magia.

Alexis foi levado para uma repartição especial. Era um local mais confortável e com alguns acessórios de luxo. Algo bem típico de um príncipe.

– Ótimo...

– Péssimo! – Alexis interrompeu o mago-médico.

– Alexis... – Rei Céleo o olhou repreensivo.

– Vamos dar uma olhada nessas suas feridas. – o mago-médico pegou a mão de Alexis com muito cuidado – Vocês disseram que isso foi obra de um veneno. Estavam certos.

– Agora diga uma novidade! – Alexis debochou do mago-médico.

– Estou surpreso em ver esse tipo de veneno agindo tão rapidamente. – o mago-médico continuava analisando a mão de Alexis com um tipo de lupa flutuante.

– Mas isso pode ser curado? – perguntei.

– Sem dúvida que sim, mas tem um pequeno problema. – o mago-médico olhou torto para mim, Neandro e o Rei Céleo.

– Diga o que é de uma vez! – Alexis estava nervoso.

– O antídoto para esse veneno precisa de uma erva que só nasce em Calidora.

– E Calidora está sob o domínio de Bianor. – chutei uma mesinha, que quase virou.

– Calma! – o mago-médico segurou a mesa antes que caísse.

– Mas não existe nenhuma outra forma de eliminar o veneno? – perguntei desesperada.

– Eliminar não, mas tem uma forma de fazer com que ela não evolua. – o mago-médico começou a explicar – Esse veneno age como um vírus mortal. Ele vai crescendo e crescendo até chegar aos órgãos vitais.

– E como eu faço para fazer com que isso não evolua? Fale logo! – Alexis estava nervoso.

– Ela continuará exatamente no lugar onde ela está, mas você precisará tomar esse remédio aqui. – o mago-médico pegou um frasco dentro de um grande armário – O veneno irá parar de crescer, mas sua mão ficará impossibilitada de fazer qualquer coisa.

– O que? – Alexis deu um salto da cama.

– Pode ser que o seu braço inteiro fique imóvel, mesmo depois de tomar esse remédio, mas isso só vai acontecer se ficar fazendo muito esforço. – o mago-médico parecia ter uma grande intimidade com Alexis.

– Isso não está acontecendo! – Alexis deitou na cama e colocou a mão boa na cabeça.

– E quanto aos meus homens? – Tales perguntou – Eles precisam lutar.

– Sugiro que se quiser proteger seus homens que os dispense. – o mago-médico mudou seu tom de voz deixando mais séria à conversa – Eles podem acabar morrendo caso lutem infectados com esse vírus disfarçado de veneno. Tome essa autorização. Pegue alguns comprimidos, quantos precisar, na sala aos fundos e faça com que seus homens descansem.

– Espere, se os homens de Tales não podem lutar isso quer dizer que...

– Exatamente isso Príncipe Alexis, você também deve ficar de repouso. – o mago-médico deixou Alexis uma fera – Por hora isso é tudo o que posso fazer. Essa guerra está destruindo tudo sem dó. É uma pena que ela não possa ser evitada.

Saímos do salão médico e fomos direto para a sala do trono. Tales voltou imediatamente para o seu acampamento para tratar de seus soldados. Rei Céleo ainda não sabia de nada do que havia acontecido no porto e ficou extremamente abalado quando contamos que a invasão na verdade era um truque para envenenar as nossas tropas e nos deixar enfraquecido para o confronto real.

– Mas isso é um absurdo! – Rei Céleo gritou – Como não conseguiram reconhecer um truque tão antigo?

– Papai, nós nunca que iríamos esperar um golpe desses. – Alexis se defendia.

– Ele tem razão – Neandro tomava partido do irmão – Ninguém nunca esperaria que ele usasse desse truque.

– Mas em uma guerra devemos estar prontos para o previsto e principalmente para o imprevisto! – Rei Céleo estava nervoso.

– Papai, me escute...

– Eu não quero saber – Rei Céleo interrompeu Alexis – Vocês deveriam ter feito alguma coisa!

Rei Céleo respirou fundo e se sentou. Aquele desagradável silêncio pairou pela sala durante alguns minutos. Aos poucos víamos o Rei Céleo se acalmar e sua fisionomia mudar de raivoso para arrependido.

– Perdoe-me, eu não deveria ter falado assim com vocês. – Rei Céleo voltava a ficar de pé – Toda essa situação, esse caos, isso tudo é muito estressante para mim.

– Claro. Eu compreendo. – disse tentando reconfortar-lo.

– Para nós também não está sendo fácil! – Alexis se aproximava do pai.

– Eu não queria que você tivesse que passar por isso. Nenhum de vocês. – Rei Céleo agora estava com um tom de culpa.

– O senhor não poderia evitar. – Neandro abraçou o pai – Como poderia adivinhar que Bianor se rebelaria dessa forma?

– Vocês têm algum outro plano? – Rei Céleo estava mais calmo.

– Por hora não. – Neandro respondeu – Mas precisamos pensar em algo.

– Mas até lá nós pensamos em dividir os grupos. – Alexis começou a explicar – Nossa intenção era mandar um grande número de soldados que estão a serviço de Tales montarem guarda nas redondezas do castelo, mas agora não será mais possível. Ainda mandaremos os soldados, mas em menor escala.

– Vocês estão falando sério? – o Rei Céleo perguntou assustado – Isso é loucura! É um plano muito arriscado. Vocês precisaram de todos os soldados que puderem agora para proteger a cidade. Não podem fazer um desatino desses!

– Mas nós não temos muita escolha. – Neandro tentava acalmar o pai – Temos que nos arriscar para termos uma chance de sobreviver a isso tudo. Papai, nós não podemos vacilar com Bianor em um só segundo.

– Neandro tem razão. – Alexis tentava não olhar para sua mão – Tudo o que pudermos fazer para proteger a Capital nós faremos. Mesmo que seja arriscado. Não é verdade Beatriz?

– Para ser honesta eu partilho da mesma opinião que o Rei Céleo. – também não estava satisfeita com essa decisão – Acho extremamente arriscado. Eu não queria que as coisas tivessem que ser assim, mas eu sou voto vencido.

– Beatriz, se pudesse ser de outra forma poder ter certeza que faríamos – Neandro se aproximou de mim – Mas não existe outra forma neste momento. Precisamos demais de qualquer ajuda.

– Até quando você acha que conseguiremos seguir dessa forma? – perguntei – Se não conseguirmos essa erva que o mago-médico disse os homens de Tales podem ficar parados por toda guerra. Isso se não acontecer o pior.

– Então o primeiro passo é buscarmos dessa erva! – Alexis sugeriu como se fosse a idéia mais incrível que existe.

– Agora você que enlouqueceu! – Neandro falou alto – Você acha mesmo que vai conseguir chegar até Neide? E mesma que você consiga, acha mesmo que volta vivo de lá?

– E não voltaria por quê? – Alexis perguntou irônico.

– Quer mesmo que eu responda? – Neandro tentou avançar em Alexis.

– Sem brigas! – Rei Céleo ordenou.

– Mas papai, esse moleque precisa levar uns cascudos para ver se acorda e entende a idiotice que ele está falando. – Neandro ficou nervoso.

– Mas eu sei que eu posso. – Alexis gritou.

– Alexis, eu também não acho que você deva...

– Até você Beatriz? – Alexis me interrompeu.

– Com esse braço imobilizado você acha que vai poder se defender? – perguntei.

– É por causa desse braço que estou querendo ir para Neide! – Alexis falou alto.

– Se depender de mim você ficará preso até que a guerra acabe. – Neandro gritou.

– E se ela não caminhar bem? – Alexis perguntou – Vai deixar a única esperança de fortalecer as nossas tropas escaparem das nossas mãos? Ou vai esperar a guerra pegar fogo para fazer alguma coisa?

Neandro olhou para Alexis furioso, bufou e saiu batendo a porta como um raio. Rei Céleo segurou o impulso de ir atrás do filho e voltou a se sentar em seu trono.

– Acho melhor vocês fiquem aqui, pelo menos por essa noite. – Ele sugeriu.

– Tudo bem papai. Eu fico. – Alexis baixou a cabeça.

– Eu também acho melhor. – concordei.

– Mas eu não desisti de ir até Neide. – Alexis falou sério.

– Tudo bem meu filho. – Rei Céleo tentava não se estressar – Vá para seu quarto e pense bem. Amanha você diz se ainda que ou não ir para Neide.

Subimos para os nossos quartos. Neandro havia voltado para casa sem nem se despedir. Mas eu não o culpava. Alexis realmente não devia estar pensando direito quando disse que iria para Neide buscar essa erva. Onde já se viu? Correr o risco de ser capturado ou

morto? Mas em uma coisa ele tinha razão: essa era nossa única esperança.

Fiquei no mesmo quarto em que fui “hospedada” da primeira vez que estive aqui. Quanta coisa mudou desde aquela época. Na primeira vez que entrei nesse quarto foi como uma prisioneira suspeita de ser espiã de Bianor. Agora eu sou uma das peças mais importantes para destruir o Bianor. Quase uma convidada ilustre.

O banheiro continuava exatamente como eu me lembrava. A imensa banheira, o “troninho” que achei tanta graça do primeira vez, as tolhas com bordado de água, a pia de porcelana; estava tudo igual. Melhor, quase tudo. O grande espelho estava diferente. A garota confusa e com os joelhos machucados não estava mais lá. Agora estava uma mulher com roupas de guerreira e com um porte confiante e imponente. Não tinha reparado em como eu havia mudado. Eu havia crescido. Foi a primeira vez que havia reparado que já tinha deixado de ser uma garota desastrada e me tornado uma mulher. E apesar de todo o medo que via dentro dos meus olhos, eu estava bela. Eu estava me achando bela, como nunca havia achado em toda minha vida.

Acordei no dia seguinte como se tivesse dormido por séculos. Meu corpo estava com uma preguiça de se levantar. Estava tão bem ali, entre os

cobertores quentes e macios travesseiros que poderia sentir que o mundo estava em perfeita ordem lá fora. Mas eu sabia que não estava e que precisava levantar e tentar por ordem em tudo.

Levantei, lavei meu rosto e olhei para o quarto mais uma vez. Queria decorar-lo. Guardar em minha mente qualquer diferença que pudesse notar em uma terceira vez que aparecesse aqui.

Fui até o quarto de Alexis, mas estava vazio. Fui a sala do trono, ver se ele e o pai estavam conversando, mas a sala do trono também estava vazia. Já estava começando a me preocupar. Subi novamente para meu quarto na esperança de que Alexis estivesse me procurando, mas meu quarto estava do mesmo jeito que havia acabado de decorar.

– Com licença? – perguntei a uma das faxineiras que estava passando por perto – Por acaso você viu o Príncipe Alexis?

– O Príncipe e vossa majestade tiveram que resolver um problema na porta do castelo. – a faxineira respondeu assustada – Parece que é sério.

– O que será agora? – fiquei preocupada – Muito obrigada, pode ir.

O que poderia ser tão sério que o rei em pessoa teve que ir resolver? Não estava gostando nada dessa história. E que loucos. Todos os dois. E se for uma armadilha? Onde estão os soldados que deveriam estar resolvendo essa questão? Quem foi mesmo que disse

que nada está tão ruim que não possa piorar? Ah, sim, o maldito conceito da Lei de Murphy.

Ceguei ao local e tive um grande susto. Vários soldados estavam caídos no chão e várias pessoas estavam assustadas com sabe lá o quê que estivesse no portão.

Aproximei-me um pouco mais e vi Alexis e o Rei Céleo conversando com alguém. Fui para mais perto deles e consegui ver o rosto da pessoa que estava causando tanto tumulto.

– Você?!

CAPÍTULO 4 / AMADEUS

Eu havia visto aquele rosto apenas uma vez, mas já era o suficiente para gravar-lo para o resto da vida. Aqueles cabelos loiros, os olhos esverdeados e o porte de nobreza faziam dele uma pessoa única. Ainda usava um brinco na orelha, mas já havia abandonado a velha e gasta armadura dourada que o vi usando da primeira vez.

– Você conhece esse jovem? – Rei Céleo perguntou.

– Não exatamente. – falei aproximando-me do rapaz – Nós nos conhecemos na época em que fui presa em Calidora com o Nicardo. Ele não é uma pessoa ruim. Deixem que entre.

– Tem certeza? – Alexis perguntou desconfiado.

– Acho que sim. – minha resposta não o agradou.

Rei Céleo fez um sinal com a mão permitindo que o jovem entrasse. O que ele queria? Como esse rapaz havia me encontrado? Eu não me lembrava das coisas que conversamos, mas tinha quase certeza de que não havia dito nada que o fizesse chegar até aqui. Mas isso agora não importava.

Fomos para a sala do trono e Alexis trancou a porta. Pelo visto ele estava mesmo interessado em saber quem era o jovem loiro. E para falar a verdade, eu também.

– Então, jovem, qual o seu nome? – Rei Céleo perguntou.

– Da última vez que nos falamos eu fiquei lhe devendo isso. – o jovem se direcionou a mim, o que fez parecer uma afronta ao Rei Céleo.

– Meu nome é Amadeus Abnara Policarpo Laerte de Calidora, príncipe e herdeiro do reino de Calidora. Ou pelo menos era.

– O que?! – Alexis gritou.

– Isso é sério? – perguntei.

– Mas é óbvio que não! – Alexis já começava a se irritar – O que quer aqui? No mínimo deve ser um espião...

– Essa história de novo não Alexis! – já fui cortando logo o assunto – Eu estive com ele nas masmorras. Ele é tão vítima quanto nós. É tão difícil assim acreditar nos outros?

– Não! – Alexis falou em um tom seguro – Mas a história dele é absurda.

– Por quê? – perguntei.

– Amadeus está morto há anos. – Alexis fitou com ódio o rapaz – Há 19 anos para ser mais exato.

– O que? – estranhei.

– Espere. – Rei Céleo não parecia bem – Deixe-me olhar para você.

– Papai, você não está acreditando nesse...

– Quietos! – Rei Céleo falou tão alto que chegou a fazer eco – Como não reparei antes?

– Papai...

– Já disse para ficar quieto Alexis! – o Rei Céleo falou mais baixo desta vez.

– O que está havendo? – sussurrei enquanto via o Rei Céleo analisar com cuidado o rosto do jovem que se dizia príncipe de Calidora.

– Papai e o Rei Hiero, antigo rei de Calidora, eram muito amigos. – Alexis também sussurrou – Eu tinha apenas dois anos, mas me lembro que papai ficou arrasado quando ele morreu e mais arrasado ainda quando o verdadeiro Amadeus morreu.

– Você é a cara de seu falecido pai, Hiero. – Rei Céleo estava emocionado – Mas seus olhos são da sua mãe, a Rainha Evelyn. Olhos verdes.

– Papai! – Alexis reclamou, mas o pai o ignorou.

– Eu me lembro muito bem da música – Rei Céleo começou a contar suas lembranças – foi o baile mais bonito que Calidora já viu. O tão esperado herdeiro estava para nascer.

– Do que você está falando? – Alexis tentou, mas uma vez, interromper o pai.

– Eu me lembro como se fosse hoje. – Rei Céleo continuou falando – Calidora inteira estava em festa. Sua família estava em uma felicidade enorme, mas nem de longe chegava perto da felicidade indescritível que seu pai, Rei Hiero, estava.

– Papai, o Rei Hiero deve estar se retorcendo no túmulo! – Alexis falou alto.

– Ele parecia finalmente ter começado a viver.
– Rei Céleo estava com o olhar longe – Ninguém

desejou tanto um filho quanto seu pai te desejou. Ele estava realmente no paraíso. Mas então aconteceu...

– O que aconteceu? – sussurrei para Alexis.

– O início das tragédias aconteceu quando Hiero descobriu que estava com uma rara doença. – Rei Céleo continuou a história – Ele sofreu muito, principalmente quando soube que poderia não ter a oportunidade de conhecer o seu filho. Eu fui testemunha de como um homem pode entrar em dois extremos tão repentinamente quanto um raio.

– Papai... – Alexis já estava começando a me incomodar.

– O seu reino também sofreu com isso. – Rei Céleo continuava ignorando Alexis – Enquanto Hiero estava em extrema alegria seu reino estava em paz, feliz, prosperando e compartilhando dessa felicidade tão grande. Mas quando ele descobriu sua doença e entrou no extremo da tristeza... Não foi nada bonito ver Calidora cair em depressão. O reino inteiro sentiu pela doença do rei e passaram tempos de muita infelicidade e dor.

Rei Céleo parou por alguns minutos. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ele respirou fundo e tentou se recuperar da emoção, mas não teve muito sucesso e acabou ignorando as gotas de lágrima que insistiam em cair.

– Quando Hiero faleceu, isso eu me lembro como se fosse hoje, o reino entrou em desespero. – Rei Céleo conseguiu falar – Na época Calidora e a Capital

estavam fazendo grandes negócios. Lucrativos negócios. Nós também sentimos a morte de Hiero e entramos em luto junto a Calidora.

– Eu me lembro desse fato! – Alexis mudou o disco, mas foi novamente ignorado.

– Talvez o único erro de seu pai fosse o de ter confiado o trono ao Circeu, o conselheiro real. Circeu nunca me inspirou confiança. Não acredito que ele lhe devolveria o trono quando completasse a maior idade. – Rei Céleo estava mais calmo – Sabia que aquela não era a escolha mais prudente, acabei deixando que ele cometesse essa loucura.

– Papai...

– Poucas semanas depois você nasceu. Ou melhor, você morreu. – Rei Céleo parecia não notar Alexis.

– Isso se ele realmente for o Amadeus...

– Alexis! – eu disse em um tom repreensivo.

– Sua mãe ficou arrasada com a morte de seu pai. – Rei Céleo continuou – A única coisa que a mantinha de pé era você. Acho que você era a única força que a sustentava. Foi muito doloroso para ela perder você também. Foi muito difícil para ela suportar tudo sozinha.

– Papai, já chaga! – Alexis falou bem alto.

– Alexis, o que é isso? – perguntei nervosa.

– Papai este sujeito não é Amadeus! – Alexis ficou frente a frente com o pai – Pare de agir como se

ele fosse. O senhor não vê os absurdos que está dizendo.

– Absurdos que eu vejo estão saindo de você! – ele finalmente deu atenção ao filho – Não sabe o que diz. Ele é Amadeus Abnara Policarpo Laerte de Calidora, o príncipe e herdeiro do reino de Calidora. – Rei Céleo se afastou do filho – Neste momento era para ele estar sendo coroado rei.

– Não! – Alexis gritou – O senhor está muito equivocado.

– Alexis, por favor, não faça confusão. – pedi.

– Eu não estou fazendo confusão – Alexis continuou fitando o pai – Eu apenas quero fazer meu pai acordar.

– Eu não posso te obrigar a acreditar em mim – o suposto Amadeus resolveu se defender – sua opinião não irá mudar em nada o fato de que eu sou Amadeus Abnara Policarpo Laerte de Calidora.

– Você disse o que? – Alexis se estressou.

– Alexis, você estava pedindo isso. – tentei levar no humor.

– Beatriz, você também está do lado desse...

– Olha, não vá dizer besteiras! – coloquei o dedo indicador na frente da boca.

Alexis olhou pra mim, para o Rei Céleo e para Amadeus. Ele fez um sinal negativo com a cabeça olhou para cima e bufou. Estava com saudades disso. – Tudo bem – ele deu um sorriso claramente falso – eu irei lhe dar o benefício da dúvida. Explique-se.

– Explicar o que? – Amadeus fitou Alexis.

– Não se faça de sonso! – Alexis gritou – Você sabe muito bem o que eu estou pedindo.

– Alexis! – o segurei – Acredito que ele queira que você conte como sobreviveu. Certo?

– Se é apenas isso... – Amadeus e Alexis trocaram mais olhares ameaçadores – Não sei contar como, mas a mulher que me criou e que por muito tempo acreditei que fosse minha mãe me roubou no dia que nasci.

– Já começa dando furo? – Alexis provocou.

– Deixe-o falar! – Rei Céleo repreendeu o filho.

– Como estava contando – Amadeus novamente provocou Alexis com o olhar – Fui criado por uma mãe adotiva e só vim descobrir isso poucos meses antes de completar 18 anos. Fui descoberto por Hiero, que junto com Bianor, acabou descobrindo quem eu era de verdade. Hiero ficou furioso e mandou prender minha mãe adotiva. Não sei o que aconteceu a ela, mas acredito que não deva ter sido nada de bom.

– Imagino. – Rei Céleo estava prestando atenção em cada palavra.

– Fui preso, mas fugi usando uma armadura velha como disfarce. – Amadeus sorriu – Acabei sendo preso outra vez. Foi engraçado.

– Desde quando ser preso é engraçado? – Alexis provocou – Você realmente não deve bater bem na cabeça.

– Alexis... – desta vez eu que o repreendi.

– Eu achei engraçado devido às circunstâncias em que fui pego. – Amadeus sorriu de novo – Estava andando pelos corredores do castelo e acabei entrando em um quarto. Um quarto que deveria estar sendo vigiado, mas aparentemente não estava.

– E isso é engraçado? – Alexis debochou.

– Não – Amadeus continuava sorrindo – O engraçado foi pegar Hiero sentado em um trono... especial, se é que me entendem.

Todos nós rimos neste momento. Alexis tentou segurar, mas acabou dando uma gargalhada leve, quase imperceptível. O Rei Céleo sorriu discretamente, mas soltou algumas rápidas risadas. Só eu e o Amadeus que estávamos as gargalhadas altas.

– Isso é humilhante! – Alexis resolveu tirar a graça da história.

– Isso é engraçado sim! – rebati.

– Continue. – Rei Céleo resolveu encerrar o assunto.

– Eu acabei ficando, contando com os dias antes da fuga, um ano preso. – Amadeus prosseguiu – Foi então que a encontrei. Beatriz, certo?

– Sim. – respondi.

– Ela estava acompanhada de um rapaz simpático. Onde está aquele rapaz? Se não me engano ele era seu namorado? – Amadeus estava começando a perder a noção do perigo.

– Disse muito bem – Alexis falou alto – *era* namorado dela. Agora não é mais. Eu estou com ela e ficarei para o resto da vida.

– Que destino horrível você foi arranjar! – Amadeus provocou.

– Ora seu... – segurei Alexis antes que ele fizesse uma loucura.

– Calma Alexis – dei um rápido beijo nele – Eu bem que reparei na sua postura. Você parecia mesmo agir como um príncipe.

– Minha mãe adotiva me ensinou tudo. – Amadeus deu um sorriso melancólico – Acho que ela tinha esperanças de que eu conseguisse tomar o lugar que é meu de direito. Ela me ensinou até alguns truques de magia.

– Magia? – Alexis gritou.

– Claro que se eu tivesse sido treinado por magos da realeza eu estaria em um nível mais avançado – Amadeus resolveu ignorar Alexis.

– Então é por isso que... burro! – Alexis deu um tapa na cabeça – Eu não reparei nisso. Você usou magia para fazer os homens adormecerem?

– Óbvio... que não. – Amadeus brincou – Aquilo são apenas truques de combate e defesa.

– E como você chegou até aqui? – perguntei.

– Seguindo o seu rastro. – Amadeus foi direto – Eu senti que deveria te encontrar e fui atrás de você. Eu posso sentir onde as pessoas estão.

– Sentir? Tipo, farejar? – perguntei.

– Não. – ele achou graça – Isso é para lobos. Eu apenas sinto a presença dentro de minha mente. Eu vejo o caminho até ela na minha cabeça e sigo.

– Que estranho. – Alexis zombou.

– Depois eu fiquei sabendo que você era a Mallory e resolvi ficar ao seu lado. – Amadeus se aproximou de mim.

– Tira a mão! – Alexis entrou na minha frente – Pode parar com esses olhos de urubu porque Beatriz não é carniça.

– Alexis! – briguei – Pare!

– Não se preocupe. Eu não ligo – Amadeus sorriu – mas se isso te tranquiliza, eu quero apenas ajudar nas batalhas.

– Você está louco? – Alexis gritou – Mas nem pensar!

– Por que não? – perguntei – Alexis, nós precisamos de toda a ajuda que conseguirmos.

– Mas quem disse que ele vai nos ajudar? – Alexis ficou irritado – Não confio nele.

– Alexis! – Rei Céleo falou alto.

– Mas eu confio. – disse me afastando um pouco de Alexis – E gostaria muito que ele ajudasse.

– Mesmo contra minha vontade? – Alexis perguntou em um tom de ameaça.

– Claro! – fui firme – Se isso for para ajudar a salvar Ofir.

– E também concordo com Beatriz. – Rei Céleo se aproximou – Ele é visivelmente um jovem forte.

Percebe-se de longe que ele sabe lutar e ainda tem alguns conhecimentos de magia.

– Isso eu ainda tenho minhas dúvidas. – Alexis bufou.

– Mas, desta vez, você é voto vencido! – falei com gosto – Amadeus, pode ficar com a gente. Você será muito bem recebido por todos, não tenho dúvida!

– Desisto! – Alexis bufou mais uma vez – Mas depois não venham chorando dizendo que ninguém avisou nada.

– Alexis, escreva o que eu digo e não tome isso de forma negativa – Amadeus sorriu – você ainda vai me pedir desculpas. Pode ter certeza.

– Mas era só o que me faltava!

De repente, um barulho de explosão invade todo o castelo. Apesar de o som ter sido muito alto, não parecia estar vindo de dentro do castelo.

– Majestade! – um guarda entra desesperado – Estão invadindo a cidade!

CAPÍTULO 5 / EXPLOSÕES

J á estava começando a ficar com raiva de não poder ter mais um segundo de sossego. Qual era a intenção de Bianor? Nós deixar loucos? Se for ele está conseguindo. Essa guerra estava ficando cada vez mais complicada.

– Nós temos que verificar isso imediatamente!

– Alexis não pensou duas vezes.

– Sim, vão e tomem cuidado. – Rei Céleo parecia ficar muito triste por não poder ajudar nas batalhas.

– Eu vou também! – Amadeus se prontificou a nos ajudar.

– Mas não vai mesmo! – Alexis começou a implicar.

– Alexis, achei que já tínhamos resolvido isso. – falei irritada.

– Não resolvemos não! – Alexis gritou – Você e meu pai decidiram isso, mas os outros do grupo nem sabem da existência dessa pessoinha. Se for para ser justo...

– Que justo? Justo o que? – perguntei – Por favor, Alexis...

– Eu não quero! – Alexis bateu o pé feito criança.

– Alexis cresça! – briguei.

– Isso não é questão de ser ou não ser infantil – Alexis tentou se defender – a questão aqui é confiar ou não nele.

– Mas eu confio, Rei Céleo confia – estava ficando irritada de verdade – só você que parece não confiar.

– E não confio mesmo! – Alexis quase gritou.

– Pra que toda essa implicância? – perguntei – Custa deixar-lo participar da ação?

– Custa! – Alexis gritou – Ele pode nos atrapalhar. E ainda tem a chance dele ser um...

– Espião de Bianor? – adivinhei – Faça-me o favor Alexis de calar essa sua boca e deixar o Amadeus ir conosco!

– Ele não é o Amadeus! – Alexis continuou gritando.

– Ele sendo ou não o Amadeus não me importa – também gritei – ele quer ajudar e ele vai ajudar!

– Se você está tão a fim de proteger esse “inho”, que fique com ele. – Alexis virou o rosto – Mas também não venha me procurar.

– Você está terminando comigo? – perguntei.

– Estou! – Alexis não olhou para mim.

– Ótimo! – bufei – Se você quer assim!

– Ótimo pra mim também – Alexis continuou sem olhar pra mim – É exatamente assim que eu quero.

– Então vai ser assim! – virei o rosto para ele também – Ótimo!

– Ótimo mesmo! – Alexis ficou emburrado.

– Digo mais – retruquei – É mais que ótimo. É ótimo, ótimo, ótimo.

– Então... arg... Que seja, pra mim está ótimo! – Alexis voltou a me fitar no mesmo instante em que eu voltei a olhar pra ele.

– Eu te odeio! – gritei.

– E eu te odeio mais! – Alexis rebateu.

– Mas eu te odeio o dobro do que você me odeia! – continuei gritando.

– É eu te odeio o triplo desse dobro! – Alexis falou alto.

– E eu te odeio o...

– Desculpe – Amadeus interrompeu – Vocês poderiam decidir quem se odeia mais depois? Acho que agora temos algo mais importante para fazer!

– Minha nossa, as explosões! – gritei.

– É tudo culpa sua! – Alexis alfinetou.

– Minha? – perguntei.

– Sua sim! – Alexis insistiu.

– Quem estava barrando a inda de Amadeus a ação? – dei minha alfinetada.

Ficamos nessa discussão durante todo o caminho até a cidade. Amadeus foi conosco e acredito ter tentado ignorar a nossa infantilidade. Se eu me visse fazendo isso teria vergonha de mim mesma. Uma guerra acontecendo e eu brigando com o Alexis para saber quem começou com o que. Acho que foi uma péssima segunda impressão pro Amadeus.

Chegamos à cidade e não encontramos nada. As explosões pareciam ter acabado e não tinha ninguém invadindo a cidade. Se não fosse os rastros

das explosões poderíamos pensar que não aconteceu nada por aqui, que foi apenas um engano.

As casas não foram completamente destruídas. As poucas que foram atingidas havia perdido apenas uma parte do telhado, mas nada que não pudesse ser reparado rapidamente. Os danos maiores estavam nos estabelecimentos. Toda mercadoria estava perdida e muitos dos estabelecimentos estavam em ruínas.

– Não! – Alexis sussurrou – Isso não podia ter acontecido!

– Mas o que foi que passou por aqui? – perguntei a mim mesma.

– Moça? – Amadeus foi mais rápido que eu e Alexis – A senhorita estava por aqui quando tudo aconteceu certo?

– Foi horrível! – a moça tapava os olhos com as mãos – Foi tudo horrível.

– Será que poderia nos contar o que aconteceu? – perguntei.

– É muito importante! – Alexis ajudava a moça a se levantar.

– Foi tudo muito horrível! – a moça não tirava as mãos dos olhos.

– Sim, você já disse isso. – Alexis falou baixo.

– Alexis! – dei um beliscão no bumbum dele – Deixe a moça se recompor.

– Desculpem-me – a moça começava a se acalmar – É que foi tudo muito horrível mesmo.

– Mas a senhorita consegue se lembrar de algo? – Amadeus perguntou calmo – Como começou? A senhorita viu?

– Eu... – a moça respirou fundo – Sim, eu vi. Foi horrível.

Alexis bufou e virou os olhos para cima. Eu, novamente, dei um beliscão no bumbum dele, que revidou com um tapa leve na minha mão. Olhando assim nem parecíamos recém ex-namorados.

– Você poderia tentar se lembrar de algo além do horrível? – Alexis tentou não ser rude, mas foi.

– Não estrague as coisas! – sussurrei no ouvido de Alexis.

– Mas nós não temos tempo a perder! – Alexis sussurrou de volta.

– Nós temos tempo sim! – Amadeus o enfrentou – O pior parece já ter passado.

– Disse bem – Alexis rebateu furioso – *parece*.

– Não enche! – Amadeus fez sinal de desdém e voltou a aparar a moça.

– Ele disse o que? – Alexis se enfureceu.

– Calma Alexis – já fui segurando-o.

– Você acredita mesmo que é um príncipe – Alexis tentou se acalmar – Pois bem, prove e porte-se como um príncipe. Você está agindo feito um vândalo.

– Você é um príncipe legítimo certo? – Amadeus encarou Alexis.

– É evidente que sim! – Alexis encheu o peito mostrando superioridade. – Pois então você já tem

provas o suficiente de que estou me portando como um príncipe, pois não fiz nada de diferente do que você vem fazendo desde que nós conhecemos.

– Mas que atrevido! – Alexis falou alto.

– Do nada. – a moça começou a reagir – Do nada.

– Do nada o que? – perguntei carinhosamente.

– Do nada. – ela voltou a repetir.

– Ótimo – Alexis bufou – pelo menos ela mudou de página. Já tava cansado do “foi terrível”.

– Alexis! – dei um tapa em seu ombro.

– Mas é verdade! – Alexis passou a mão no ombro estapeado.

– Moça, por favor, tente se lembrar. – perguntei com cuidado.

– Eu estava andando – a moça parecia estar começando a se recompor – estava indo até o mercado. Eu precisava comprar frutas. Frutas para os meus irmãos. Esse tem sido tempos difíceis para todos nós.

– Sim, mas chegue ao ponto. – Alexis novamente foi rude. Olhei com cara feia para ele.

– Continue. – disse segurando a mão da moça.

– Eu entrei no mercado, quando... quando...

– Quando o que? – Alexis foi mais gentil desta vez.

– Não! – a moça começou a gritar – Por favor, não me machuque! Não me machuque!

– O que estava tentando te machucar? – Amadeus perguntou.

– O monstro – a moça estava desesperada – Um monstro horrendo.

– Um monstro? – perguntei – Como era esse monstro? Você pode nós contar? Você consegue?

– Era horrendo! – a moça tapava os olhos – Era muito horrendo. E aqueles olhos. Oh, o que eram aqueles olhos. Eles gritavam. Gritavam de horror. Suas cabeças lutavam pelo controle do corpo e os olhos gritavam. Eles gritavam.

– Cabeças? – Amadeus ficou preocupado.

– Eram cabeças de que? – perguntei.

– Eram cabeças de homens. – ela sussurrou – Cabeças de homens em um corpo de dragão. Mas os olhos não. Os olhos eram diferentes. Os olhos gritavam. Eles gritavam. Eles gritavam.

– Mas como isso começou? – perguntei.

– Do chão. – a moça continuava com os tapados – Ele abriu um buraco do chão e veio subindo e subindo soltando fogo pela nariz. Seus gritos pareciam explosões. Grandes explosões.

– E o que aconteceu com esse monstro? – Amadeus perguntou.

– Não! – a moça destapou os olhos. Estavam arregalados de forma quase inumana – Eu não vi nada. Eu não sei de nada. Se eu souber de alguma coisa ele vai vir me pegar. Ele me pega. Ele me pega!

– Ele não vai te pegar – tentei tranquilizar a moça – Nós protegeremos você.

– Não. – a moça continuava com os olhos arregalados – Você não podem me proteger. Ninguém pode me proteger. Apenas eu posso me proteger. Ele só vai vir me pegar se eu contar. Se eu não contar ele não vem. Eu só estarei a salvo quando ele vier novamente se eu não contar.

– Vier novamente? – Alexis falou alto – Ele vai atacar novamente a cidade?

– Não! – a mulher gritou desesperada – Eu não falei. Eu não falei. Eu não falei.

– Calma moça! – tentei segurar-la, mas ela se debatia demais.

– Eu não falei nada. – ela continuava gritando – Eu não falei nada.

– Moça espere! – Amadeus tentou segurar a moça, mas ela conseguiu escapar.

A moça correu pela cidade feito louca. Ela continuava gritando e parecia completamente desgovernada. Corremos atrás dela. A moça correu até o porto.

O porto não era assim tão longe da cidade, mas de qualquer forma era um bom caminho. Tentamos segurar-la e quase conseguimos algumas vezes, mas ela parecia completamente fora de si e continuava correndo. Ela correu e correu e nem viu que foi em direção ao mar. Ela se atirou de tal forma que não conseguimos imaginar-la sobrevivendo aquilo, mas

Alexis e Amadeus pularam na água de qualquer forma. Não encontraram nada.

– Que coisa horrível! – eu estava chorando.

– Mas de onde saiu um monstro tão horrível assim a ponto de enlouquecer uma pessoa até a morte? – Amadeus também parecia triste.

– Eu não sei – Alexis ficou sério – mas ele precisa ser destruído o quanto antes!

– Nisso eu sou obrigado a concordar com você.

– Amadeus também ficou sério.

– Eu só espero que isso não tenha acontecido com mais ninguém. – respirei fundo.

Voltamos para a cidade e encontramos Neandro e Nicardo. Eles estavam tão confusos quanto nós quando chegamos para averiguar o que havia acontecido por ali. E pela cara que eles fizeram quando nos viram provavelmente já desconfiavam de que viria bomba pela frente.

– O que aconteceu? – Neandro perguntou assustado.

– É uma longa história. – Alexis respondeu – Vamos para o castelo e no caminho eu te conto.

– E esse amigo de vocês? – Nicardo perguntou fitando Amadeus.

– Ah, esse? – Alexis respondeu em um tom hispido – Esse é uma história mais longa ainda.

– Nicardo, você fica aqui e vigia a cidade, tudo bem? – Neandro sugeriu.

– Tudo bem. – Nicardo não pareceu gostar tanto assim da idéia.

– Agora conte o que aconteceu. – Neandro apressou o assunto.

– Ao que tudo indica, um novo monstro surgiu.
– contei – Falamos com uma moça e ela contou, completamente atordoada, que o monstro saiu do chão e que tinha duas cabeças humanas grudadas em um corpo de dragão.

– Cabeças humanas? – Neandro estranhou.

– Foi o que eu pensei. – Amadeus entrou na conversa – Não acham muito estranho um monstro com cabeças humanas?

– Isso só seria possível se houvesse alguma experiência de metamorfose – Neandro cogitou a hipótese – mas esse tipo de experiência é proibido!

– E desde quando Bianor liga para o que é ou não é proibido? – Amadeus lembrou muito bem.

– Mas para que ele faria algo tão terrível? – Neandro perguntava mais para si próprio.

– Castigo talvez? – Amadeus sugeriu – Alguns pobres inocentes que acabaram na linha de fúria de Bianor.

– Mas teve outra coisa estranha nessa história.
– lembrei – A moça mencionou varias vezes sobre os olhos do monstro. Olhos que gritavam.

– Olhos que gritavam? – Neandro se assustou – Isso é realmente muito estranho.

– Ela pareceu ficar muito traumatizada com esses olhos. – continuei contando – E ainda disse que o monstro irá voltar.

– Como? – Neandro se apavorou – E onde está essa mulher? Precisamos falar com ela imediatamente! Nós precisamos de mais informações para...

– Não vai dar! – encurtei a conversa – Ela ficou tão amedrontada por ter nos contado isso que saiu desesperada em direção ao porto e se jogou ao mar.

– Eu e esse ao meu lado até tentamos ajudar – Alexis não parava de implicar – mas o corpo da moça desapareceu.

– Desapareceu? – Neandro ficou chocado – Essa guerra está indo mais longe do que eu gostaria.

– Eu também não estou gostando nada do rumo que essa guerra está tomando. – tentei consolar Neandro.

– Ninguém está gostando. – Alexis concordou.

– Eu não sei se estou preparada para enfrentar o que está por vir. – confessei.

– Mas é melhor que fiquem preparados – Amadeus colocou a mão no ombro de Neandro – essa guerra ainda nem começou.

– Infelizmente eu sei disso! – Neandro baixou a cabeça.

– Então não fique com essa cabeça baixa e vamos juntos enfrentar o que vier! – Amadeus animou o grupo.

– Você está certo! Não devemos fugir. –
Neandro ergueu a cabeça e fitou Amadeus – Mas, com
perdão da indelicadeza, que é você?

CAPÍTULO 6 / MEDOS

*A*madeus contou toda a sua história a Neandro. Alexis Fe questão de ressaltar os pontos que ele achava absurdos ou fictícios. Mas Neandro não pareceu se deixar levar por Alexis. Ele parecia estar tão convencido de que Amadeus era quem dizia ser quanto seu pai. Claro, Alexis ficou furioso.

– Eu achei que você teria um pouco mais de juízo! – ele gritou.

– Eu não entendo o motivo de você não conseguir acreditar nessa história. – Neandro parecia tentar achar traços familiares em Amadeus.

– Você quer que eu liste? – Alexis debochou – Mas vou logo avisando que a lista é grande.

– Alexis! – falei alto – Será que, por apenas um minuto, você não poderia ficar calado?

– Vocês estão brigando de novo? – Neandro sorriu.

– Estamos! – Alexis ficou emburrado.

– Como é bom ver isso – Neandro achou graça.

– Bom? – Alexis e eu gritamos juntos.

– Claro. – Neandro sorriu debochado – É o único vestígio dos bons tempos de paz e tranquilidade de Ofir. Fora que eu sei que isso é passageiro. Aposto como um está louco para correr pros braços do outro.

Fechei a cara para Neandro e Alexis fez o mesmo. Não gostei do comentário e sabia exatamente o motivo. Era a mais pura verdade. Eu não via a hora de

Alexis me pedir desculpa para eu poder voltar para os braços dele. Por que mesmo às vezes sou tão orgulhosa? E eu tinha que me apaixonar por um rapaz tão orgulhoso quanto eu.

Amadeus e Neandro continuaram conversando e nos ignoraram. Eu não os culpo. Alexis e eu ainda estávamos discutindo. Uma discussão chata e sem fundamentos que só estávamos sustentado ainda por ser uma forma de chamar atenção do um do outro. Apesar de me enxergar agora como uma mulher, ainda tinha sentimentos de uma adolescente insegura e orgulhosa. Mas às vezes esse orgulho é quebrado por um sentimento maior.

Chegamos ao castelo e fomos correndo contar as novidades ao Rei Céleo. As más novidades.

– E então? – Rei Céleo perguntou – O que houve?

– As notícias não são nada boas papai. – Alexis já foi preparando o terreno.

– Parece que surgiu um novo monstro. – comecei a contar – Quando chegamos à cidade ele já havia sumido, mas conversamos com um moço que viu tudo o que aconteceu.

– Ela contou que o monstro tinha duas cabeças humanas presas em um corpo de dragão. – Amadeus contou – E acreditamos que Bianor possa estar fazendo experiências usando humanos como cobaia. Provavelmente algum tipo de castigo ou coisa parecida.

– Mas Bianor está indo longe demais! – Rei Céleo se apavorou.

– A moça também mencionou sobre os olhos da criatura. – Amadeus lembrou – Ela dizia que os olhos gritavam.

– Olhos que gritam? – Rei Céleo se perguntou – O que isso quer dizer?

– Nós também não sabemos. – Neandro respondeu.

– E a moça ainda contou que esse monstro voltaria. – contei o fato mais importante – Logo em seguida a moça saiu correndo, completamente fora de si, e se jogou ao mar desaparecendo sem deixar rastros.

– Que coisa horrível! – Rei Céleo lamentou.

– Bianor está tentando de todas as formas nos enfraquecer. – Neandro controlava a raiva – Ele já fez nossos homens se cansarem e ficarem imobilizados e agora destruiu todas as lojas da cidade.

– Vocês não haviam me contado esse fato. – Rei Céleo se assustou – Precisamos fazer alguma coisa e rápido.

– Papai – Neandro o segurou – Neste momento não há muita coisa a se fazer além de se preparar e ficar atento. Deixei Nicardo de vigia na cidade e Thalassa em minha casa. Tales está no porto e nós iremos ficar pelo castelo.

– Eu me sinto tão impotente em não poder ajudar. – Rei Céleo estava realmente perturbado com isso.

– O senhor não foi treinado para as batalhas. – Neandro consolou o pai – Na sua época Ofir estava em perfeita harmonia, não havia motivos de preparar um rei para batalhas desse porte. Vovô era muito sábio, mas não tinha noção de que o senhor viveria uma guerra.

– Eu os preparei melhor por precaução. – Rei Céleo sentou-se em seu trono – Mas eu deveria lutar. Sim, é isso que irei fazer! Vou me juntar a vocês.

– Não papai! – Neandro o parou – O senhor precisa ficar aqui. Não deixarei que o senhor se arrisque desta forma.

– Mas filho...

– Não papai! – Alexis entrou na conversa – O Neandro tem razão. O senhor precisa ficar aqui.

– E a mamãe? – Neandro perguntou – O senhor precisa ficar aqui. Acredite; o senhor já está ajudando.

– Por falar na Rainha Alina, como ela está? – perguntei.

– Ela continua um pouco fraca, mas já está bem melhor. – Rei Céleo respondeu – Às vezes ela fala algumas coisas, mas logo volta a dormir.

Eu me sentia péssima toda vez que me lembrava da Rainha Alina. Ela me ajudou tantas vezes, em tantas situações e agora eu nem conseguia visitar-la

direito. Essa guerra estava tomando o tempo de todos nós.

Subi até o quarto onde ela estava. Ela dormia profundamente. Era triste ver-la naquela situação. Queria tanto fazer alguma coisa para ajudar-la.

– Rainha Alina, não demore muito para acordar! – sussurrei no ouvido dela.

Sai do quarto e quase tropecei em um dos soldados que estava vigiando o quarto. Com a rainha inconsciente, qualquer proteção era pouca.

Fui até o quarto de Alexis. Era um quarto digno de um príncipe. Provavelmente a casa onde morava devia ser menor que o quarto dele. Sua cama dava para quatro pessoas dormirem sem problemas. Cinco se deixasse um pouquinho mais apertado. Acho que me perderia durante a noite se dormisse em um quarto tão grande assim.

As paredes eram todas brancas com vários detalhes em ouro. Eram longos e grossos fios de ouro que se fantasiavam de pilastras na parede e fazia quase uma cascata quando chegava ao teto.

O teto havia, além do exageradamente grande e dourado lustre, uma pintura imensa de um céu com vários anjos e querubins e todas as outras espécies que existem. Era uma pintura belíssima e deveria ter demorados meses – talvez até anos – para ser terminada.

Havia também um grande espelho com mais anjos esculpidos em ouro fazendo a moldura e mais abaixo havia uma lareira branca e com mais detalhes dourados.

Candelabros eram coisas que não faltavam no quarto. Estavam espalhados por todos os cantos – mas para iluminar um quarto daquele tamanho, acho que tinha o suficiente.

O guarda roupa era embutido na parede, com suas portas revestidas em ouro e uma grande cortina de cor vinho tapando a entrada.

No chão havia um tapete tão belo quanto grande. Havia uma cadeira solitária em um canto do quarto e algumas outras coisas que não reconheci.

Parei de reparar no quarto quando me dei conta de que jamais conseguiria listar tudo o que havia ali sem que me perdesse. Era um quarto realmente belo, mas um pouco exagerado.

– Beatriz? – Alexis se assustou – O que está fazendo aqui?

– Eu? – fiquei sem ação – Bem, eu estava... como posso dizer? Eu estava... O que você está fazendo aqui?

– É o meu quarto! – ele falou o óbvio.

– Claro, seu quarto. – virei os olhos – E agora você fica no seu quarto? Você não tem vergonha não?

– De ficar no meu quarto? – ele estranhou – Beatriz você está bem?

– Alexis me abraça – corri desesperada para os braços dele.

– O que foi? – ele me abraçou forte.

– Estou tão assustada com tudo o que está acontecendo. – desabafei – Eu não sei se vou conseguir aguentar essa pressão. Eu preferia não saber que o destino de Ofir depende de mim.

– Calma Beatriz. – Alexis beijou minha testa – Calam. Eu estou aqui.

– Eu tenho tanto medo de falhar, decepcionar este mundo.

– Fique calma Beatriz. – ele continuava me abraçando.

– E se eu falhar? – comecei a chorar.

– Você não ira falhar. – Alexis segurou minha mão – Pode ter certeza que não irá.

– Como pode ter certeza? – perguntei ainda chorando.

– Eu estou com você. – ele sorriu – O Neandro está com você, a Thalassa, o Tales, o carinha de pedra.

– Carinha de pedra? – achei graça.

– Muito bem. – ele me beijo.

– Alexis, me desculpe por hoje mais cedo. – encostei minha cabeça em seu peito – Você sabe que eu quero você ao meu lado para sempre.

– Eu também te quero ao meu lado pro resto da vida. – ele sorriu – Você nasceu para mim, assim como eu só existo pra você.

– Sabe que agora eu estou me achando ridícula.
– sorri.

– Ridícula? – ele estranhou.

– Sim – continuei achando graça – tudo o que eu disse foi tão infantil quanto a sua atitude de implicar com Amadeus.

– Esse assunto de novo? – ele olhou torto.

– Tudo bem, parei! – bati na boca – Não falo mais neste assunto.

– Mas você tem razão – ele sorriu – fomos infantis.

– Mas não vamos falar mais nisso. – enxuguei as lágrimas – Neste momento eu quero apenas ficar com você e esquecer essa guerra maldita.

– Você não precisa ter tanto medo. – Alexis passou a mão em minha cabeça – Eu já disse que você não está sozinha.

– Alexis... – suspirei – Você não entende.

– Você acha que eu não estou com medo? – ele segurou meu queixo – Eu estou morrendo de medo. Eu já estava com medo antes da guerra começar.

– Antes? – estranhei.

– Eu estava prestes a completar a maior idade quando você apareceu e mudou minha vida. – ele fitou o grande espelho – Se você não tivesse aparecido e me feito fugir para ir atrás de minha mãe eu teria sido apresentado como o novo herdeiro. *Eu.*

– É verdade! – às vezes me esquecia de que, quando tudo isso acabasse, Alexis seria proclamado o novo herdeiro do trono.

– Eu estava morrendo de medo do dia em que teria que assumir o trono. – Alexis continuou fitando o espelho – Eu tinha medo de não conseguir dar conta da responsabilidade. Tinha medo de decepcionar o meu povo. Tinha medo de não honrar com a memória do meu pai e sujar o nome da família. Eu tinha medo de ser rei.

– Mas isso é normal, todos nós temos medo quando grandes responsabilidades são postas em nossas mãos. – falei também fitando o espelho – Mas nós devemos enfrentar-las e seguir em frente, sem medo.

– Exatamente! – Alexis sorriu –Então a senhorita pode me dizer o motivo de estar chorando até agora a pouco?

– Eu estava com... – engoli a seco – Estava com medo de enfrentar a responsabilidade que foi entregue a mim.

– É a senhorita pode me dizer por qual razão que não está seguindo o próprio conselho? – ele sorriu debochado.

– Alexis! – dei um tapa leve no seu peito.

– Como você mesma disse – Alexis e eu estávamos conversando com nossos reflexos – Não podemos fugir do medo, mas enfrentar-lo. Estamos todos juntos nessa guerra e estaremos junto até o final.

– Juntos até o fim! – sorri.

– Você vai ficar aqui no castelo, certo? – Alexis perguntou.

– Eu irei. – assenti – Precisam mais de mim aqui. Só quero ir buscar algumas coisas na casa de Neandro, você vem comigo?

– Sim eu vou. – ela falou com uma mansidão que não é de costume. Ele parecia ter ficado em paz com ele mesmo.

– Então vamos? – perguntei sorrindo.

– Vamos! – Alexis devolveu o sorriso.

Fomos o caminho inteiro conversando. Fazendo mais declarações de amor e mais planos para o futuro. Mas havia uma coisa que ainda me deixava triste nesta história. Quando tudo isso acabasse? Eu teria que voltar para Terra, para casa. Como eu poderia viver tudo o que eu e Alexis estamos planejando se não estiver aqui? Tentei não pensar nisto.

– Ouro, prata ou Bronze? – Alexis perguntou.

– Mas que pergunta é essa? – estávamos fazendo joguinhos no meio do caminho.

– É uma pergunta! – ele sorriu – E nem é tão difícil assim.

– Ouro? – chutei.

– Resposta errada! – Alexis fez careta – É verdade que gosto muito de ouro, mas quando se trata de botões, os de prata sempre causam uma aparência harmoniosa. Ouro fica um pouco espalhafatoso.

– Sei – fiz outra careta – como se uma camisa com botões de prata não fossem!

– Mas eles não são! – Alexis sorriu.

– Tudo bem Alexis, agora é a minha vez! – pensei em uma pergunta – Eu prefiro ganhar um buque de: rosas, tulipas ou narcisos?

Continuei seguindo o caminho e esperando a resposta. E fiquei esperando e esperando e esperando e esperando um pouco mais. Alguma coisa havia acontecido.

– Alexis? – procurei por todos os lados – Alexis, cadê você? Alexis?

De repente ouvi um barulho. Parecia algo correndo muito rápido. Fiquei atenta e me preparei para atacar, até que vi uma criatura minúscula e brilhante descendo do tronco de uma árvore pendurado em um fio. Era uma aranha feita de diamantes, mas como?

Neste exato minuto senti uma forte pancada em minha cabeça e a última coisa que me lembro foi de estar caindo e alguém me segurar, depois disso eu já não me lembro mais de nada.

CAPÍTULO 7 / ACORDANDO COM OS LOBOS

*M*inha cabeça doía muito. Era como se alguém tivesse dado uma paulada na minha cabeça. Sentia que havia feito um galo e tentei encostar, mas minhas mãos estavam presas. Abri os olhos e reparei que estava em um lugar que nunca havia visto na vida.

Eu estava deitada em um tipo de caixão de vidro, o que me fez sentir a própria Branca de Neve, e estava com os braços e pernas amarrados ao caixão. O lugar era tão suspeito quanto à situação.

O local parecia uma sala minúscula. Parecia ser uma sala redonda e eu deveria estar no meio dela. A sala era toda feita de barro e havia vários armários embutidos na parede. No teto havia um lustre. Um lustre grande o suficiente para esconder uma pessoa.

Concentrei-me e deixei que a energia do local fizesse o trabalho por mim. Não demorou muito e consegui fazer com que as amarras que me prendiam quebrassem. Mas não sai do caixão tão rapidamente. Ouvi barulhos e resolvi fingir que ainda estava desacordada.

Entraram duas pessoas na sala. Ouvi passos me rodeando e risos vindo dos dois lados. Eles pareciam estar muito felizes.

– Olha só Max! – o que estava a minha direita disse – Não é incrível?

– Muito incrível! – o tal do Max respondeu.

– Nem posso acreditar. – o da minha direita parecia estar realmente feliz – Você sabe o que isso significa Max?

– Sim! – Max respondeu – Isso significa que... O que isso significa mesmo Ali?

– Santa ignorância! – o Ali pareceu ter perdido a paciência – Eu já te expliquei mais de mil vezes.

– Mas é que é muita coisa Ali! – o Max começou a choramingar – Você fala tanto que eu me confundo.

– Claro que se confunde! Você sempre se confunde! – Ali gritou.

– Explica mais uma vez? – Max pediu manhoso.

– Não! – Ali pareceu hispido.

– Mas por quê? – Max voltou a choramingar.

– Você ainda pergunta? – Ali estava sendo grosso.

– Pergunto o que? – Max parecia ser muito inocente.

– Está vendo! – Ali gritou – É por isso que eu não vou explicar outra vez.

– Mas eu quero! – Max continuou choramingando.

– Vai ficar querendo! – acho que havia encontrado alguém mais infantil que o Alexis.

– Poxa, você é muito malvado! – Max começou a chorar de verdade.

– Pode chorar que eu não ligo! – Ali pareceu ter se virado, mas não tenho certeza.

– Você não vai me explicar de novo? – desta vez Max falava em um tom mais sério.

– Não! – Ali continuava hispido.

– Então eu vou soltar-la! – Max pareceu se aproximar do caixão.

– Nem pense em fazer isso! – senti as mãos de Ali bater no caixão – Tudo bem que foi muito fácil pegar-la. Fácil até demais. Achei que sequestrar a Mallory daria mais trabalho, mas isso não te dá o direito de soltar-la antes do tempo!

Eu não sabia se havia ouvido realmente o que ouvi ou se era apenas minha imaginação brincando comigo. Esse Ali havia dito que capturou a Mallory? Se ele sabe quem sou e sinal de que eu estava correndo um possível perigo. Apesar de que, julgando a inteligência de ambos, não seria muito difícil de sair dali.

– Como vou saber quando será o tempo certo se você não me conta nada? – Max perguntou.

– Deixe tudo comigo e não faça nada! – Ali ficou mais calmo.

– Assim não vale! – Max brigou – Eu que tive que amarrar o outro. Ele me deu um corte que saiu sangue. Ó!

– Isso não é nem um corte direito! – Ali zombou – Você tem quantos anos? 53? Pare de agir feito criança! – Então pare de me tratar como criança e explica o plano de novo. Eu juro que vou prestar muita, muita, muita, muita...

– Tudo bem! – Ali gritou – Não precisa fazer juramentos, você não vai cumprir mesmo. Mas fique sabendo que essa será a *última* vez que eu explico tudo isso para você.

– Tudo bem! – Max bateu palmas.

– Essa é a Mallory, a da lenda. – Ali falou bem devagar – Ela vai salvar Ofir. Ela é a chave da guerra que vai começar. Sem ela Ofir estará perdida. Está entendendo?

– Mallory, lenda, chave, guerra, perdida. Estou entendendo tudinho! – Max bateu palmas novamente.

– Sei... – Ali não pareceu confiante na resposta de Max – Vamos continuar. Eu pretendo pedir ao Rei Céleo, o grande governante da Capital e rei mais importante do mundo de Ofir, um resgate milionário por essa garota aqui.

– Rei, governante, mundo, milionário, garota. – Max parecia estar prestando atenção.

– Eu mereço... – Ali bufou – Quando nós conseguirmos o dinheiro do resgate iremos até Menelau e compraremos uma casa imensa e gastaremos essa fortuna em investimentos e nos tornaremos os seres mais ricos de Ofir. Entendeu tudo?

– Claro! – Max disse sorridente.

– Então repita o que entendeu! – Ali falou como se esperasse bomba.

– A Mallory é a lenda de uma chave que ficou perdida e acabou com um rei e virou governante de um mundo de milionários onde ela virou garota e agora

nós iremos comprar a casa dela e virar milionários também!

Um minuto de silêncio pairou pelo ar. Provavelmente o Ali estava fazendo uma cara impagável e o Max deveria estar olhando sem entender nada para Ali. Já começava a me sentir ridícula por me deixar capturar por esses dois patetas. Acho que já li um livro com isso.

O silêncio foi quebrado por barulhos de passos e resmungos e depois outros passos e outros resmungos – desta vez misturado a choramingo – e por fim a porta batendo. Abri um olho para conferir se eles haviam deixado a sala. Estava vazia novamente.

Abri o caixão de vidro e pulei para fora dele no mesmo instante. Fui até a porta, mas estava trancada. Pensei em arrombar-la, mas acabei ouvindo os dois se aproximando outra vez. Dei um salto para trás e esbarrei em alguns livros e cadernos. Ouvi os passos se aproximando da porta e voei para o teto em uma tentativa de conseguir fugir sem ser vista e sem precisar partir para violência.

A porta se abriu e dois lobos entraram. Um lobo era maior e mais forte. Provavelmente o Ali. Ele tinha o pelo branco e cinza e usava um colete preto e botas marrons. Sua calça parecia ser de couro e estava rasgada até o joelho na perna direita. Sua postura era de um grande líder e parecia usar um brinco dourado na sua orelha esquerda.

O outro, que deveria ser o Max, tinha os pelos marrons e era mais gordo e baixo que o seu companheiro. Ele usava uma camisa branca com as mangas rasgadas e uma calça azul com um furo por onde passava o rabo dele. Ele estava com a pata inteira dentro da boca, o que dava a ele um aspecto infantil.

– Cadê a garota? – Ali perguntou gritando.

– Eu não sei! – Max respondeu.

– Max por acaso você soltou a prisioneira? – Ali continuou gritando.

– Como se eu estava o tempo inteiro com você? – Max continuava com a pata na boca.

– Mas você é um incompetente mesmo! – Ali deu um tapa na cabeça de Max.

– Ali! – Max tirou a pata da boca para esfregar o local onde Ali bateu – Isso dói sabia?

– Mas é para doer! – ele não parava de gritar – Você deixou a Mallory escapar!

– Eu não deixei não! – Max choramingou.

– Deixou sim! – Ali analisava o caixão – Se não teria visto-a fugindo!

– Mas eu estava com você! – Max reclamou – Se eu não vi, você também não vi.

– Cale a boca Max! – Ali gritou.

– Por que você é tão malvado comigo Ali? – Max voltou a choramingar.

– Quer mesmo que eu dê motivos? – Ali começou a farejar.

– O que foi Ali? – Max perguntou.

Bem devagar eu fui chegando perto deles, por trás, e os peguei de surpresa agarrando-os pela gola da camisa. Os dois levaram um grande susto.

– Por favor, não nos machuque! – Max gritou.

– Se quiser machucar esse traste, fique a vontade! – Ali zombou – Agora se me der licença!

Ali puxou a camisa e se soltou. Chegou perto do caixão, arrumou o local e ficou me encarando com uma cara de bravo muito engraçada.

– Queira fazer o favor de voltar para esse caixão de vidro! – Ali ficou batendo o pé.

– Você está brincando comigo? – gargalhei.

– Não! – Ali continuou sério.

– E o que te faz pensar que eu te obedeceria? – disse ainda achando graça.

– Eu sou autoridade aqui! – Ali fez como se tirasse poeira do travesseiro.

– Enfrentei dragões, monstros de fogo, exércitos e várias outras criaturas poderosas para acabar prisioneira de uma dupla de patetas.

– Eu também sou pateta? – Max perguntou como se já tivesse esquecido de que eu o estava segurando pela gola da camisa.

– Sim, mas não é mais pateta do que aquele ali! – respondi com deboche.

– Viu Ali! – Max zombou – Você é mais pateta do que eu.

– Nossa! – Ali também zombou – Que coisa horrível de se dizer. Agora se puder me fazer o favor de torcer o pescoço desse sujeito e voltar para o caixão...

– Cala a boca! – gritei.

– Você me mandou calar a boca? – Ali ficou sério.

– Mandei e mando outra vez. – continuei gritando – Cale essa sua grande e fedorenta boca!

– Mas eu não estou ouvindo o que eu acho que estou ouvindo. – Ali se zangou.

– O Ali ficou bravo! – Max tapou os olhos – Não gosto de ver quando Ali fica bravo. Sempre sobra pro Max. Sempre pra mim.

– Calma Max, desta vez ele não fará nada com você! – garanti.

– Virou defensor dessa anta! – Ali foi rude.

– Eu não tinha dito para você calar a boca? – perguntei sarcástica.

– Você está pedindo um sacolejo na fuça! – Ali fechou os punhos.

– Você bate em mulher? – zombei – Típico.

– Por que está com medinho? – ele também zombou.

– De você? – cai na gargalhada – Nunca!

– Então vem que eu quero ver! – ele gritou.

– Só se for agora! – também gritei.

Soltei o Max e fui em direção ao Ali. A sala era pequena e quase no mesmo instante sofremos o impacto. Foi bem rápido. Na verdade tudo foi bem

rápido. Parei o soco que Ali estava preparando e o peguei pela perna girando-o por completo e o derrubando no chão.

– Agora eu quero ver você tentar me obrigar a deitar neste caixão de novo! – disse triunfante colocando o pé no pescoço dele igual a uma heroína de jogo de vídeo game.

– Tudo bem! – Ali tirou meu pé do pescoço dele – Você venceu!

– Ótimo! – sorri deixando-o se levantar – Agora eu quero saber de tudo!

– Tudo o que? – Max perguntou.

– Tudo o que aconteceu. – respondi – Desde o início.

– No início eu era um bebê lobo muito...

– Cale a boca Max! – Ali gritou – Ela está perguntando sobre o sequestro.

– É sobre o sequestro? – Max perguntou inocente.

– Sim Max. É sobre o sequestro. – ele tinha um coração puro.

– Então tudo bem! – Max sorriu – Mas o Ali que sabe essa história.

– E eu estou me perguntando o que ele está esperando para começar a contar. – fitei o Ali zangada.

– Eu não sei se você conhece a situação dos seres errantes neste mundo. – Ali começou a explicar – Não somos tratados na maior parte deste mundo como seres de maldade ou abominações, o que não é justo.

Outra, se for olhar por esse ângulo os povos de Neide, Leander e Sotero...

– Corta logo esse papinho e vamos ao que interessa! – gritei.

– E vamos ao que interessa! – Max imitou meu tom de voz – E o que interessa mesmo?

– O sequestro, meu querido. – respondi sorrindo.

– Tudo bem. Só estava querendo te pôr a par sobre o atual estado de um ser errante. – Ali se zangou – Queríamos pedir uma grana alta pelo seu resgate. Você é a Mallory, a chave da guerra, eles pagariam qualquer coisa para te ter de volta.

– E o que vocês fariam com esse dinheiro? – perguntei.

– Comprariamos uma mansão em cada reino de Ofir e iríamos nos tornar os produtores mais importantes de cada reino, assim gerariamos lucros tão grandes para cada reino que ninguém poderia nos tratar com discriminação. Seríamos os maiores.

Por um instante fiquei em dúvida de quem era mais inocente e iludido daquela história. Como alguém pode sonhar tão alto no meio de uma guerra tão ameaçadora?

– E você pretendia ficar esperando até a guerra acabar? – tive que quebrar a ilusão dele – Ou você achou que no meio dessa guerra toda que está para começar você conseguiria alguma coisa?

– Mas...

– Os reinos de Sotero e Leander foram completamente destruídos – interrompi o Ali – e os reinos de Calidora, Menelau e Neide foram tomados por Bianor.

– Mas...

– E honestamente, eu não acredito que Bianor possa ter alguma consideração por vocês. – continuei interrompendo – Caso conseguisse comprar as mansões que tanto sonha, no mínimo, ele cobraria impostos altíssimos para cada prego que você comprasse.

– Eu não pensei nisso! – Ali parecia envergonhado.

– Pelo visto não pensou em muita coisa! – zombei.

– E onde está o Alexis? – perguntei.

– O garoto do cabelo grande? – Max perguntou.

– Sim! – respondi apreensiva – Esse mesmo!

– Eu amarrei em uma árvore e o amordacei! – Max respondeu cheio de orgulho – Mas ele fez dodói aqui ó!

– Imagino. – olhei o corte minúsculo. Aquilo provavelmente foi a unha de Alexis.

– Agora ele deve estar com muito medo de mim! – Max sorriu.

– Com certeza ele está. – achei graça.

– Mas é verdade! – Max insistiu.

– Max? – Ali o fitou entediado – Cale a boca.

– Tudo bem! – Max fez um gesto como se fechasse a boca com chave.

– Bem melhor assim! – Ali suspirou aliviado.

– Coitado do seu amigo! – brinquei.

– Ele não é meu amigo. Eu escolho bem minhas amizades. – Ali fechou a cara – Esse é o meu irmão. Mas alguma coisa? – Ali perguntou debochado.

– Sim. – respondi – Como sabia que eu era a Mallory?

– Isso eu não posso contar! – Ali sorriu debochado.

– Foi da pintura! – Max respondeu.

– Max, seu idiota! – Ali gritou.

– Não chame o coitado de idiota! – briguei com Ali – Conte-me mais sobre essa pintura!

CAPÍTULO 8 / CAMINHOS QUE NÃO LEVAM A NADA

Sáímos da salinha e fomos para outra sala, desta vez maior. Max abriu um baú e pegou um pedaço de papel enrolado, parecendo um pergaminho. Ele desenrolou e olhou bem para o pedaço de papel e depois olhou para mim e assentiu com alguma coisa. Provavelmente um pensamento que teve.

– Veja! – ele se aproximou.

Peguei o pedaço de papel e desenrolei. Era uma pintura minha. Uma pintura perfeita. Se não fosse pelo cabelo preso em coque e o vestido de rainha, poderia dizer que alguém muito talentoso estava me observando e resolveu me pintar.

– Mas é incrível! – admirei – É realmente incrível!

– E tem mais. – Max estava todo animado – Veja o que está escrito em baixo.

Olhei a frase que estava escrita no final da pintura. Uma frase estranha e perturbadora demais para ser verdade.

– “Vida longa a Rainha Beatriz I, a imbatível.” – estava chocada – Onde vocês conseguiram isso?

– Roubamos há uns 100 anos atrás. – Ali respondeu – Na época em que o avó do Rei Céleo governava.

– E vocês têm quantos anos mesmo? – perguntei assustada.

– Eu tenho 190 – Ali respondeu – e o Max tem 178.

– Tudo bem, isso não é exatamente o tempo de vida de um lobo. Pelo menos não da forma como aprendi. – tentei digerir aquilo, mas estava tentando entender mesmo o motivo da minha surpresa. Já era para ter me acostumado – O que mais vocês sabem sobre essa pintura?

– Bem, sabemos que ela foi uma visão de alguém muito importante na época. – Ali começou a puxar pela memória – Não lembro o nome do pintor, mas lembro que essa pintura já era antiga quando a roubamos.

– Quantos anos? – estava assustada.

– Uns 200 anos... 210 no máximo. – Ali respondeu.

– E vocês sabem o motivo desse pintor ter feito esse retrato? – estava aflita.

– Como disse, foi uma visão. – Ali começou a andar pela sala – Não me recordo muito bem, mas parece que ele acordou uma noite e começou a pintar um retrato de uma rainha, mas não conseguia ver o rosto. Somente depois que a pintura estava prestes a ser finalizada que ele conseguiu ver o rosto da rainha e junto com o rosto veio essa mensagem.

– E o que mais aconteceu? – perguntei.

– Não sei. – Ali me decepcionou – Eu não me lembro de muita coisa. Só sei que essa pintura era muito valiosa na época.

– Tem certeza que você não se lembra de mais nada? – insisti.

– Acredite, seu eu soubesse de mais alguma coisa eu lembraria. – Ali sorriu.

– Você tem certeza mesmo? – continuei insistindo.

– Que coisa mais chata – Ali falou alto – já disse que não me lembro de mais nada.

– Mas você precisava lembrar! – fiz cara de choro.

– Não, eu não precisava! – Ali fechou a cara – E quer saber, se eu soubesse não te contaria.

– Sabia! – gritei.

– O que? – Ali se assustou.

– Você sabe de mais alguma coisa e não quer me contar! – continuei falando alto.

– Mas será que eu encontrei alguém mais irritante que o Max! – Ali virou os olhos.

– Ali! – Max gritou – Eu não sou irritante.

– Você é sim Max. – Ali falou de forma debochadamente carinhosa – Você é uma anta!

– Mas você vai me contar o que sabe? – eu já não estava mais me reconhecendo. Havia ficado obcecada por aquela pintura.

– Ótimo. – Ali respirou fundo – Que parte do “isso é tudo que me lembro” você não entendeu? Eu explico de novo.

– Você disse que se soubesse de algo não me contava! – comecei a falar feito uma tonta – Sempre

que alguém diz “se soubesse de tal coisa não te contaria” é por que sabe!

– E como você chegou a essa conclusão? – Ali achou graça.

– Bem, sempre falamos isso para reforçar a idéia de que não sabemos mais nada – expliquei minha teoria – E como todo bom mentiroso, usar um artifício deste para parecer que realmente não sabe de nada pode ser uma boa jogada.

– Olha aqui... – Ali se interrompeu deixando o dedo indicador esticado no ar – Faz sentido.

– Não disse! – sorri vitoriosa.

– Mas eu realmente não sei de mais nada! – Ali parecia estar se controlando – Agora me devolva essa pintura!

– Mas nem por cima do meu cadáver! – sai do meu tom de voz.

– O que? – Ali gritou.

– Ela não vai devolver a pintura! – Max entrou na conversa.

– Eu entendi! – Ali resmungou.

– Então está perguntado por quê? – Max bufou.

– Cale a boca Max! – Ali gritou – E como assim não vai devolver a pintura?

– Isso aqui agora é meu! – falei alto – Tenho que investigar-la melhor.

– Eu não escondi isso durante 100 anos para perder assim tão fácil! – Ali tentou tomar a pintura da minha mão, mas eu o empurrei.

– Agora que já resolvemos o problema...

– Resolvemos nada! – Ali me interrompeu – Devolve essa pintura!

– Já disse que não! – falei alto – E como estava dizendo...

– É Ali, ela estava falando e você interrompeu.
– Max brigou com o irmão.

– Obrigada Max, mas eu gostaria que ninguém me interrompesse. – sorri para ele – Eu quero que vocês me mostrem como sair daqui.

– Claro é por...

– Calado! – Ali interrompeu o irmão tapando sua boca – Agora nós podemos entrar em um acordo. A pintura pela saída.

– Tudo bem! – bufei – Eu acho a saída sozinha.

– Tem certeza que quer se aventurar por esses corredores subterrâneos? – Ali perguntou sarcástico.

– Eu já corri por um labirinto em chamas. – lembrei – Acho a saída de olhos fechados!

– Então vá em frente! – Ali debochou – Está esperando o que?

– Realmente! – fiquei brava – Não sei o que eu ainda estou fazendo aqui. Seu desaforado.

A sala em que estávamos tinha três grandes corredores do lado direito e um corredor do lado

esquerdo. Resolvi seguir pelo mais obvio para mim, o da esquerda.

– Aquele desaforado! – resmunguei – Espero que ele e o Alexis nunca se conheçam. Ele seria uma péssima influência para ele. Já imaginou o Alexis duas vezes pior? E por qual raio de motivo eu estou falando sozinha?

– Talvez você seja doida mesmo! – Ali apareceu na minha frente.

– Ai! – gritei – Como você apareceu aqui?

– Por aquele corredor! – ele apontou para um corredor mais a frente.

– Mas o que? – gritei.

– Esse corredor da no segundo corredor, ou corredor do meio se preferir, da outra sala. – Ali sorriu.

– Ótimo! – bufei.

– Quer tentar o acordo agora?

– Não! – gritei.

– Você sabia que eu poderia tomar a pintura de você? – Ali continuou sorrindo.

– E levar outra surra igual a que eu te dei agora a pouco? – perguntei.

– Esquece. – ele ficou constrangido. Ponto pra Beatriz! – De qualquer forma eu continuo duvidando que você consiga achar a saída.

– É o que veremos! – mandei um olhar furioso para Ali.

De repente um barulho tomou conta do lugar. Era como se um gigante estivesse caminhando no

andar acima do nosso. Lembrei da época em que a Camila morou em apartamento, porém o barulho dos passos era muito maior e muito mais assustador.

– O que é isso? – perguntei – As pessoas costumam dar passos tão fortes assim?

– Na verdade não, mas acho que sei o que pode ser. – Ali olhou temeroso para o teto.

– Então diga logo criatura! – estava preocupada.

– Ultimamente esses barulhos se tornaram frequentes. – Ali continuava com o tom temeroso – Provavelmente algum monstro deve estar agindo.

– Ah, um monstro. – demorei em perceber a gravidade – Você disse *um monstro*?!

– Sim! – Ali agora respondeu como se fosse a coisa mais natural do mundo.

– Agora eu realmente preciso sair daqui! – fiquei desesperada – Rápido, onde é a saída?

– Não irei te dizer! – Ali sorriu maliciosamente.

– Ótimo! – resmunguei – Vou continuar procurando por mim mesma.

Entrei em outro corredor e segui o mais depressa que pude. Andei corredor por corredor, mas parecia que todos acabavam dando no mesmo lugar – ou dando em lugar nenhum. No final eu estava novamente na sala, com Ali e Max a minha espera.

– Por favor, a saída, ou eu terei que usar a força! – disse séria.

– Use da força então. – Ali respondeu debochado.

– Eu estou falando sério! – o peguei pelo pescoço – Onde é a saída?

– Nossa que garota violenta! – Ali debochou da minha cara mesmo com a voz abafada e quase sem respirar.

– Eu não estou brincando! – fiquei furiosa.

– E o que vai fazer? – Ali continuou debochando – Vai me matar? Vá em frente e me mate!

As palavras dele me tocaram. Ele sabia que eu não seria capaz de matar um outro ser. Matar monstros é diferente de matar seres mau caráter. Para esses eu preferia entregar ao rei e deixar que ele cuide do restante.

Soltei o pescoço de Ali, que caiu no chão. Com muito sacrifício tirei a pintura da minha cintura e entreguei a Ali.

– Agora me mostre a saída! – tentei não gritar.

– Muito bem! – ele sorriu pegando a pintura – Poderia ter sido muito mais fácil se você tivesse feito isso antes.

– Já entendi! – falei alto – Agora me mostre a saída.

– Claro. – ele sorriu.

Ali seguiu até ao centro da sala e me apontou para uma parede. A princípio não entendi o que ele queria e cheguei a achar que ele estava brincando com

minha cara, mas depois reparei em pequeninos feixes de luz saindo de uma linha arredondada.

– Aquela que é a saída? – quis ter certeza.

– Exatamente! – Ali sorriu.

– Fala sério! – disse alto – Eu estive com ela o tempo todo debaixo do meu nariz e não percebi?

– O que eu posso fazer? – Ali continuava com seu sorriso debochado e irritante na boca – Inteligência é uma dádiva dada para poucos.

– Engraçadinho! – fiz careta para ele – Mas saiba que eu volto para buscar minha pintura!

– Vai sonhando! – Ali abriu a passagem – Siga essas lanternas e você chegará até uma escada. Há uma “tampa” que serve de porta para o mundo superior.

– Mundo superior? – achei graça.

– Esquece. – Ali bufou.

– Até mais Beatriz! – Max se despediu sorridente. Provavelmente nem se lembrava mais que eu havia sido prisioneira dele.

– Até Max! – respondi sorridente.

Ali fechou a porta e o túnel ficou um pouco mais escuro. O túnel era igual aos corredores que passei, porém com lanternas maiores. As lanternas ficavam penduradas não muito alto, na altura do meu ombro, e seguiam em fileira.

O chão e a parede – obviamente – era feitas de pedras e barro. Era um túnel subterrâneo muito bem construído, o que me fez pensar que deveria ter sido

feito pelos avós ou bisavós deles – eles sozinhos não teriam essa capacidade.

O caminho estava sendo longo, mas desta vez não achei que pudesse estar sendo tapeada por Ali. Diferente dos túneis da casa dele, esse parecia estar levando a algum lugar. E realmente levou.

Depois de muito tempo eu finalmente cheguei a escada que ele estava falando. Era uma escada larga, feita de madeira e muito alta.

– Para que escadas se você pode voar? – disse em voz alta.

Voei até o topo do túnel e encontrei a tal porta que Ali havia dito. Era um pedaço redondo de madeira, muito pesado. Tive que usar quase toda a força que tinha para empurrar a porta e novamente fiquei pensando em como aqueles dois conseguiam fazer isso sozinhos.

A passagem dava exatamente no mesmo lugar onde eu estava quando fui sequestrada: o meio do caminho para casa de Neandro. Estava prestes a seguir de volta a cidade quando encontrei com Neandro, Nicardo, Amadeus e Thalassa.

– Beatriz! – Nicardo falou nervoso – Onde você estava?

– O que aconteceu? – perguntei apavorada.

– Um escorpião gigante atacou a cidade. – Neandro explicou – Por sorte nós chegamos antes dele causar grandes danos e conseguimos destruir-los.

– Sem sua ajuda! – Nicardo estava estranhamente agressivo.

– Desculpe, mas eu não tive culpa. – me defendi – Eu estava esse tempo todo no subsolo.

– E o que você fazia no subsolo? – Thalassa perguntou confusa.

– Eu fui sequestrada por dois seres errantes. – comecei a contar o que aconteceu – Eram dois lobos. Eles me levaram e acharam que poderiam... Ah, esquece. Eu fui levada por esses dois até o subsolo e acabei ficando presa. Eu consegui que eles me libertassem agora.

– Lobos? – Neandro achou graça – Os seres errantes que tomaram forma de lobos não costumam ser muito inteligentes.

– Eu pude perceber. – disse constrangida.

– E como você deixou-se capturar dessa forma?

– Nicardo perguntou quase gritando.

– Calma Nicardo. – fiquei um pouco amedrontada – Você está tão estranho.

– É mesmo Nicardo. – Neandro concordou – O que está havendo?

– Desculpe. – Nicardo ficou constrangido – Acho que é essa guerra que está me tirando do meu normal.

– Tudo bem. – disse mais calma – Só não precisava ser tão agressivo comigo. Está perdoado.

– Mas essa eu também queria saber. – Neandro sorriu.

– O que? – fingi que não sabia.

– Como você foi capturada por dois seres considerados “burros”? – Neandro riu.

– Vocês estão se divertindo não é? – fiz careta para eles – Eu sei, admito, foi realmente um descuido. Eles são muito burros.

– Mas você vai contar? – Neandro insistiu.

– Que curioso! – fiz cara feia e depois soltei um sorriso forçado – Eu não me lembro. Juro.

– Claro. – Neandro debochou – Não precisa ficar tão vermelha. Seu nariz não vai crescer. Eu acho.

– Mas eu estou falando sério! – falei alto.

– Tudo bem Beatriz. – Thalassa veio para o meu lado – Eu acredito em você.

– Obrigada. – sorri – Mas teve uma coisa muito estranha que encontrei com os dois.

– O que? – Neandro perguntou.

– Prefiro falar com todos juntos. – fiquei séria.

– Tudo bem, mas primeiro temos que achar o Alexis! – Neandro também ficou sério – Ele foi levado com você?

– Minha nossa! – lembrei – O Alexis!

CAPÍTULO 9 / DECISÃO ARRISCADA

Não precisei procurar muito por Alexis. Ele estava poucos metros de onde eu sai, amarrado dos ombros aos tornozelos em uma corda grossa, feita de um material que eu desconhecia e parecia bem forte.

– Finalmente apareceu alguém! – Alexis gritou assim que nos viu chegar – Pensei que ficaria aqui igual a um carneiro posto para sacrifício.

– Que exagero Alexis! – disse em tom de deboche – Carneiros não são sacrificados desta forma.

– Engraçadinha. – ele fez língua – Agora me tirem daqui!

– Você está muito arrogante para uma pessoa que está completamente imóvel. – resolvi brincar um pouquinho e fiquei rodeando a árvore.

– Quer parar! – Alexis gritou – Você vai ficar dando voltas ou me tirar daqui?

– Depende. – sorri maliciosa.

– O que foi desta vez? – Alexis bufou.

– O de sempre. – continuei sorrindo – As famosas palavrinhas mágicas que demonstram que, além de educação, você tem um pouco de humildade.

– Então agora vai ser sempre assim? – ele revirou os olhos – Tudo bem. Poderiam me desamarrar desta árvore? *Por favor?*

– Agora sim falou como uma pessoa educada. – dei um tapinha de leve no rosto de Alexis.

Peguei uma faca que estava amarrada na cintura de Nicardo e segui para a árvore. Continuei brincando um pouquinho com Alexis, rodeando a árvore até finalmente tentar cortar a corda. Uma corda realmente resistente.

– Que demora! – Alexis reclamou.

– Do que é feito essa corda? – perguntei – Parece que eu estou cortando um pedaço de mármore.

– Eu não faço a mínima idéia. – Alexis respondeu.

– Onde está o nó? – Neandro perguntou.

– Acho que estão perto do meu tornozelo. – Alexis apontou com a cabeça.

– Mas isso aqui é um nó oceânico. – Neandro se espantou. Eu também.

– E o que viria a ser um nó oceânico? – perguntei – Nunca ouvi falar.

– Nem nunca ouvirá falar novamente! – Neandro desistiu – Esse nó foi extinto há muitas décadas por ser quase impossível de se desatar. Somente quem fez o nó poderia ter alguma idéia de como começar.

– Deixe-me ver! – joguei a faca na mão de Neandro, que agarrou rapidamente.

O nó era realmente diferente de tudo o que eu aprendi nos acampamentos de verão que minha mãe sempre me obrigava a frequentar na infância. Era a gambiarra mais bem feita que eu já havia visto.

– A coisa está feia! – também desisti de desatar aquele nó.

– E vocês vão me deixar preso aqui? – Alexis se desesperou.

– Não. – fui direta – Espere um segundo. Estou tentando pensar em algo.

– Mas não demora muito que meu braço já está ficando dormente! – Alexis tentou se acalmar.

– Vou pensar melhor se você parar de ficar falando. – respondi – Já sei!

– O que? – todos perguntaram ao mesmo tempo.

– Afastem-se! – quase ordenei, o que pareceu assustar-los um pouco – Mas não precisa ser tanto assim.

Não tinha certeza se isso daria certo, mas já tinha visto algo parecido em alguns filmes de magia e neles sempre funcionava. Fechei os olhos e me concentrei. Fui notando a energia fluir e logo comecei a sentir minha mão ficar mais úmida. Era exatamente o que queria.

Joguei um jato de água sobre a corda e rapidamente enviei outro jato, congelando a água e esperei um pouco antes de virar uma de lutadora de vídeo game e dar um chute na parte congelada da corda. E tudo saiu exatamente como eu havia imaginado. A parte congelada se estilhaçou em mil pedaços e a corda cedeu e caiu como chumbo no chão.

– Agora eu fiquei realmente impressionado! – Alexis continuava parado no mesmo lugar.

– Tudo foi muito bonito, mas nós temos coisas realmente importantes. Sem ofensas. – Thalassa direcionou o “sem ofensas” a mim.

– Não fiquei ofendida. – respondi não só por educação, eu realmente não havia ficado.

– Vamos continuar seguindo até minha casa. – Neandro apontou o caminho com os olhos – Eu acho que já tenho algo em mente.

Entramos na casa de Neandro feito loucos. Pouco antes de chegarmos, uma chuva forte começou a cair e tivemos que nos apressar para não chegar completamente encharcados. Foi inútil.

Depois de enxutos e devidamente vestidos fomos para a sala. Neandro tinha um plano e estávamos todos ansiosos para ouvir. Os planos de Neandro, em sua maioria, eram bons.

– Conte o que pensou. – disse ainda enxugando meus cabelos.

– O plano que bolei é arriscado, mas é nossa única saída no momento. – Neandro estava visivelmente receoso em contar sobre seus planos.

– Fale logo Neandro! – Alexis falou alto.

– Já ficou claro que Bianor quer nos desestabilizar – Neandro começou – disso ninguém discorda, certo?

– Certo. – todos nós dissemos quase ao mesmo tempo.

– Ele provavelmente está querendo eliminar o maior número de pessoas possíveis – Neandro continuou – e isso nos inclui. Acredito que, se ele aparecer, vai ser apenas para dar o golpe final. Seu exercito está intacto e não temos como reforçar nossos exércitos de nenhuma maneira. Somos o único reino que ainda sobrevive longe das garras de Bianor.

– Sim, já sabemos de tudo isso que você falou.

– Alexis interrompeu – Mas será que pode pular essa introdução e ir direto ao plano?

– Alexis! – dei um tapa em seu braço – Que coisa feia!

– Não enche! – ele respondeu na mesma hora.

– Vamos parar de criancice! – Neandro chamou atenção de Alexis e, conseqüentemente, a minha também.

– Como eu estava dizendo, se tudo continuar desta forma o nosso reino será tomado e Bianor irá controlar toda Ofir e as chances de voltarmos a ser o que éramos se dissipa feito água.

– E o plano? – Alexis interrompeu novamente.

– Não existe outra saída a não ser revidar. – Neandro parou de enrolar.

– Revidar? – eu e Alexis falamos ao mesmo tempo.

– Sim. – Neandro continuava com o tom receoso – Eu sei que é arriscado, mas é a única forma de fazer algo pela Capital.

– Mas quando você diz “revidar”...

– Eu quero dizer ir a Calidora, onde se encontra o maior número de soldados de Bianor, é fazer uma bagunçazinha por lá também. – Neandro antecipou a resposta para pergunta de Alexis.

– Mas você realmente deve estar louco! – falei alto e levantei do sofá – Como nós iremos invadir Calidora, fazer uma “bagunçazinha” e voltar sem sermos pegos?

– É um risco que temos que tomar! – Neandro defendeu sua idéia.

– Mas é quase suicida. – continuei falando alto – E se você está pensando em invadir Calidora, vai ter que tirar alguns homens que estão vigiando o porto e o castelo.

– Eu sei disso. – Neandro ficou sério – Beatriz, essa idéia não surgiu do nada.

– Mas é o que parece! – quase gritei. Eu já estava trabalhando nela faz algum tempo.

– Desde que soube da planta de Calidora que curaria o ferimento do Alexis e dos homens de Tales eu tenho pensado nisso. – Neandro tentou falar o mais devagar possível – Não queria ter que usar-la, mas é a única escolha.

– Eu não acredito no que você está falando! – continuei quase gritando – E vocês não vão falar nada?

– Eu acho muito perigoso – Alexis começou a se manifestar – mas concordo com Neandro. Essa é nossa única alternativa.

– Você também Alexis? – fiquei decepcionada.

– Independente da decisão que for tomada eu estarei com vocês. – Amadeus não parecia estar em cima do muro.

– Você fica insistindo em querer lutar com a gente? – Alexis já começou a implicar.

– Alexis, o Amadeus está nos ajudando muito. – Thalassa defendeu Amadeus – E eu penso como a maioria. É um plano arriscado, mas é o que temos.

– Acho que qualquer passo que déssemos agora seria arriscado. – Nicardo também se mostrava a favor daquele plano absurdo.

– Ótimo. Mesmo que o Tales estivesse aqui para votar ao meu favor vocês teriam vencido. – fiquei emburrada – Por falar nele...

– Está tratando de um dos seus homens. – Nicardo respondeu – *Escondido*.

– Mas o que o Tales tanto esconde? – Thalassa fez a pergunta que não quer calar.

– Então ficou decidido desta forma. – falei – Vocês irão mesmo invadir Calidora.

– Parece que sim. – Alexis sorriu debochado.

– Falou o palhaço. – fiquei irritada.

– Nós precisamos começar a agir depressa. – Neandro voltou ao assunto principal – Todo o tempo é preciso agora. Eu vou para o castelo contar nossas

decisões para o meu pai e depois começar a planejar a invasão. Alguém me acompanha?

– Eu irei com vocês. – Linfa quase se materializou – Eu também irei participar dessa missão.

– O que estão colocando na água desse povo? – estava quase revoltada – Linfa você enlouqueceu?

– Eu? – Linfa sorriu – Por quê?

– Linfa... – Alexis tentou dizer algo.

– Eu também não vejo impedimentos. – Neandro me surpreendeu. Definitivamente estavam colocando algo na água deles.

– Você concorda mesmo com isso? – Alexis parecia estar de acordo comigo.

– É *claro*! – Neandro reforçou sua opinião dando uma entonação mais incisiva no “claro”.

– Mas, com todo respeito, você sabe lutar? – Alexis perguntou.

– Eu só sei lutar. – Linfa brincou.

– E eu posso garantir que ela luta muito bem! – Neandro abraçou a esposa.

– Estou começando a ficar com medo dessa “missão”. – disse colocando aspas com o dedo na palavra “missão”.

– Que seja. – Alexis fez um gesto de rendição com as mãos – Como você mesmo disse Neandro, todo tempo é precioso.

– Claro. Vamos! – Neandro endireitou o corpo como se quisesse colocar ordem no local.

Seguimos para o castelo quase correndo. Estávamos repetindo tanto esse caminho nos últimos meses que já começávamos a deixar rastros por onde passamos. Por hora isso não fazia a menor importância.

Chegamos ao castelo e a primeira coisa que vimos foi Cosmo. Estava há tanto tempo sem ver-lo que se demorasse mais um pouco eu nem iria reconhecê-lo. Thalassa foi correndo dar um abraço e um beijo um pouco mais longo que o normal. Ignoramos.

– O que vocês vieram fazer aqui? – Cosmo perguntou preocupado – Não me diga que aconteceu algo de grave?

– Não exatamente. – Neandro tentou parecer calmo – Queremos falar com o meu pai. Temos um plano um pouco arriscado para executar.

– Plano arriscado? – Cosmo levantou a sobrancelha direita – Não sei por que ainda me assusto com isso.

– Eu sei! – falei – O plano é realmente arriscado e eu sou completamente contra.

– Eu também estava indo falar com o Rei Céleo.
– Cosmo continuou abraçado com Thalassa – Vamos todos juntos. É bom que já fico sabendo que plano arriscado é esse.

Entramos na sala sem sermos anunciados – nossa aparição no castelo já estava virando uma sirene de urgência e formalidades do tipo eram dispensáveis. Rei Céleo parecia já saber do que se tratava, seu rosto não estava muito “contente”.

– Papai as coisas já estão ficando fora de controle. – Neandro dizia o obvio – Nós precisamos fazer algo e é por isso que estou aqui.

– Imagino. – Rei Céleo não demonstrava mais nenhuma emoção – Conte-nos.

– O Cosmo quer falar algo também. – lembrei em uma tentativa de fazer Neandro e os outros desistirem da idéia de invadir Calidora. Desde o inicio sabia que não funcionaria. Mas pelo menos tentei.

– O que eu tenho para falar é rápido e direto. – Cosmo se pôs um passo à frente – Eu e minha equipe já terminamos a frota de submarinos que o senhor pediu.

– Isso é ótimo. – Rei Céleo tentou mostrar alguma expressão de gratificação, mas falhou.

– Estão todos apenas esperando para serem usados. – Cosmo completou.

– Isso é ótimo! – Neandro ficou contente com a notícia – Se for permitido, queremos usar um em nossa missão.

– Conte esse plano. – Rei Céleo parecia cansado demais para demonstrar qualquer tipo de expectativa.

– Como já deve ter percebido – Neandro chegou mais perto do pai – Bianor quer fazer com que nosso exercito diminua o máximo possível. Podemos dizer que ele já está atacando, aos poucos, apenas para tirar nossas atenções detonar com nosso exercito. E o que nós estamos fazendo?

– Nada. – Rei Céleo respondeu inexpressivo.

– Exatamente. – Neandro parecia um daqueles vendedores ambulantes fazendo propaganda de um produto milagroso – Nós não estamos fazendo nada. Se continuarmos assim Bianor irá conseguir o que quer.

– E o que você tem em mente filho? – Rei Céleo continuava inexpressivo.

– Invadir Calidora! – desta vez Neandro foi direto.

– O que?! – Rei Céleo pulou de seu trono como se um raio de energia tivesse passado por seu corpo.

– É arriscado? Sim, mas é nossa única saída! – Neandro defendeu sua idéia.

– Mas isso é realmente muito arriscado. – Rei Céleo balançou a cabeça como se tentasse entender o que estava acontecendo – Invadir um reino requer um exercito. Você está pensando em retirar homens da proteção da Capital?

– Papai – Alexis entrou em defesa do irmão – nós não temos muito que fazer. Mas ficar parado também não vai nos adiantar de nada.

– Se não fizermos algo agora pode ser tarde demais. – Neandro e Alexis ficaram cercando o pai.

– Eu disse que era um plano arriscado demais. – comentei – Mas sou voto vencido.

– Entendo. – Rei Céleo não parecia realmente entender.

– Papai – Alexis falou com uma voz manhosa e nada apropriada para o pedido e nem para ocasião – pense bem e nos ajude.

– Mas filho...

– Papai é a nossa única chance! – Neandro resolveu reforçar mais ainda o fato.

– Eu estou apoiando a decisão geral, mas acredito que o melhor caminho seja invadir. – Amadeus resolveu deixar suas opiniões bem claras.

– Eu concordo com a Beatriz – Cosmo tomou meu partido – Não sei se seria a melhor saída.

– Cosmo, já não é mais questão de melhor saída – Alexis se aproximou dele – essa é a única saída.

– Tem certeza? – perguntei.

– Você consegue pensar em algo melhor? – Alexis levantou as sobrancelhas. E eu não conseguia pensar em outra saída.

– Eu não gosto nenhum pouco desta situação, mas vocês dois tem razão. – Rei Céleo já havia decidido o que fazer – Não consigo pensar em nada. Essa é a única saída.

– Isso que dizer que...

– Vocês estão autorizados. – Rei Céleo adiantou a resposta de Alexis.

– Então podemos passar para a segunda fase: planejar o ataque! – Neandro se animou.

A idéia de invadir um reino nessas circunstancias me apavorava. A idéia de poder perder alguém em uma batalha era horrível. Eu me sentia completamente responsável por qualquer coisa que viesse acontecer. Eu era o principal motivo disso estar

acontecendo. Eu que estava destinada a trazer paz a Ofir ou destruir-la de vez. Era impossível não se sentir responsável. Só esperava que esse plano desse realmente certo e que essa guerra acabasse o quanto antes.

CAPÍTULO 10 / ESTRATÉGIAS E LENDAS

A semana passou feito vento de tão rápida. Não queria que passasse tão rápido. Esperava que mudassem de plano e que não fosse mais preciso invadir Calidora e correr um risco tão grande. Mas tudo ocorreu como esperavam.

Tales não quis participar da missão. Ele iria continuar cuidado dos homens que se feriram e não quis que nenhum de deles fosse à missão. Preferiu espalhar-los pelo porto e nos arredores do castelo.

Cosmo também ficou. Ele seria mais útil no castelo. Agora que a frota de submarinos estava pronta, ele e sua equipe estavam começando a desenvolver um armamento novo, para aqueles que não sabem usar magia. Quando a coisa pegasse fogo mesmo teríamos que ter todo o tipo de reforço possível. Isso era péssimo.

Todos nós ficamos a semana criando as estratégias de ataque. Tales e Cosmo, apesar de não participarem da ação, ajudaram a bolar o plano.

- Você não acha que seria um pouco arriscado?
- Tales questionou uma sugestão de Alexis.
- Ganharíamos tempo. – Alexis se defendeu.
- Mas os riscos de serem pego aumentam consideravelmente. – Tales continuava contra.
- Então o que você sugere? – Alexis perguntou.

– Que tal a parte norte? – Linfa deu a idéia – Ela é uma parte pouco vigiada e não é tão distante do castelo. Poderíamos entrar sem sermos vistos.

– E nos espalharmos entre o povo para não chamar muita atenção. – Thalassa completou.

– É uma opção válida! – Cosmo sorriu satisfeito.

– Andaríamos um pouco, mas chegaríamos em segurança com certeza. – Neandro, claro, comprou a idéia de Linfa.

– Então está fechado. – Tales organizou as idéias – Sairemos daqui a três dias, com dois submarinos seguindo em frente e mais dois esperando ao redor. Entraremos pela parte norte.

– Alexis, Nicardo e Beatriz irão seguir para o caminho do castelo – Neandro começou a dividir grupos – Linfa, Thalassa, Amadeus e eu iremos dar cobertura.

– Por mim tudo bem. – Thalassa fez sinal positivo com o dedo.

– Os grupos não serão problema. – Alexis sorriu.

– Ótimo. – Neandro continuou – Quando eu der o sinal os demais soldados irão invadir aos poucos e se misturar com o povo.

– Quando o grupo de Alexis entrar no castelo, vocês podem dar o sinal para atacar. – Tales continuou a estratégia – Teremos que tomar muito cuidado nesta hora. Eles estarão em maior número e atacaram com toda a força.

– Alexis, Nicardo e Beatriz – Neandro voltou a falar – Vocês irão aproveitar esse momento para libertar todos os prisioneiros possíveis das masmorras do castelo.

– Você realmente irá deixar Linfa lutar? – perguntei.

– Pode confiar Beatriz. – Linfa sorriu – Eu mando bem.

Não estava muito certa de que Linfa poderia ser uma boa lutadora. Depois que inventaram essa idéia, Neandro só fala de Linfa como se ela fosse uma verdadeira amazona, coisa que não combinava em nada com Linfa e seus belos cabelos loiros. Apenas seus olhos azuis eram fortes. Seria ali que encontraríamos essa Linfa guerreira?

No final do dia já estava tudo completamente decidido. Nós entraríamos primeiro e depois os soldados do primeiro submarino seguiriam atrás. Iríamos nos misturar e esperar o momento certo para começar o ataque. Daríamos o sinal para o outro submarino e os outros soldados entrariam em ação. No meio da confusão, Alexis, Nicardo e eu entraríamos no castelo e libertaríamos os prisioneiros. Caso algo falhasse, deveríamos recuar o mais rápido possível. Não me pareceu um bom plano, mas o resto do grupo aprovou. Mais uma vez fui voto vencido.

– Você não gostou do plano? – Alexis perguntou enquanto me abraçava.

– Honestamente? – o fiz me abraçar mais forte
– Estou achando tudo arriscado demais.

– Ninguém disse que não seria arriscado. – Alexis tentou dizer isso de uma forma delicada, mas acabou saindo um pouco grosseiro.

– Eu sei. – suspirei triste – Mas eu queria que tudo isso acabasse de uma forma que não colocasse ninguém em risco.

– Você sabe que isso não é possível. – Alexis deu um beijo na minha cabeça – Infelizmente isso é uma guerra e em guerras sempre haverá riscos.

– Talvez se eu não me sentisse responsável – aproximei minha cabeça para mais perto da de Alexis – acho que aceitaria melhor tudo isso.

– Beatriz! – Alexis desfez o abraço – Não fique carregando essa cruz tão grande. Cada um tem seu destino e você não é responsável pelo mundo.

– E eu consigo? – sorri – Tento dizer isso a mim mesma sempre. Mas acho que não sou muito boa em me convencer de seja lá o que for.

– Mas aconteça o que acontecer você não estará sozinha. – Alexis deitou em meu colo – Você tem ao Neandro, a Thalassa, o Tales. Por mais que eu não goste você tem o Nicardo e principalmente você tem a mim. E eu posso garantir que, se depender de mim, você nunca ficará sozinha.

– Você quando quer consegue ser muito bom com as palavras. – passei a mão em seu cabelo.

– Eu sempre sou bom com as palavras! – Alexis se gabou.

– Mas não pode elogiar mesmo! – o empurrei do meu colo, mas logo o puxei de volta e o beijei.

– Eu gosto tanto quando estamos assim. Bem. – Alexis sorriu.

– Eu também. – deitei ao lado dele.

– Pena que esse momento não pode durar para sempre. – meu lado pessimista aparecendo.

– O céu está tão bonito hoje. – Alexis continuou deitado.

– Realmente. – comecei a reparar – Esse céu, essas luas. Sempre que aparecem eu sinto como se fosse um aviso de que as coisas poderão melhorar.

– Então se apegue a isso. – ele se virou para ficar rosto a rosto comigo – As coisas vão melhorar. Você vai ver. Tudo vai voltar a ser como antes.

– Não. – sentei-me – Como antes eu tenho certeza que não será. Muita coisa aconteceu. Muito foi destruído. Muito foi perdido para sempre. E ainda tem a ferida no coração dos que sofrem com o que está acontecendo. Essa marca eles carregaram por toda vida.

– A vida não é feita apenas de alegrias. – Alexis segurou minha mão – Precisamos da tristeza. O sofrimento e a dor são necessários para que possamos crescer. Não existe obstáculos que não possamos superar.

– Será? – perguntei.

– Pode ter certeza! – Alexis tentava me animar com sorriso. Estava conseguindo.

– Espero que tenha razão. – deu um sorriso forçado – Acho que senti algo pingando.

– Está começando a chover! – Alexis olhou para o alto – Vamos entrar!

A chuva caiu mais depressa do que esperávamos, mas conseguimos entrar na casa de Neandro secos. Ou mais secos do que achamos que chegaríamos. Não tinha ninguém na sala, mas ouvimos barulho na cozinha. Provavelmente Linfa.

– Oi? – perguntei. Nenhuma resposta. – Oi? – tentei de novo.

– Quem está na cozinha? – Alexis perguntou. Ninguém respondeu.

Alexis fez sinal com a cabeça para entrarmos na cozinha e verificarmos o que era. Apesar de já termos anunciado para quem quer que estivesse na cozinha que ele não estava sozinho, decidimos ir devagar.

– Mas o que é isso? – gritei.

Alexis ficou tão pasmo quanto eu. Era uma cobra enorme. Muito grande mesmo. Provavelmente uns 5 metros de largura e 2 de altura. Tinha o corpo todo escamado em prata, com tons mais escuros na cabeça. Seus olhos eram imensos e – assim como o lobo que de hora em outra aparece para mim – tinha duas chamas no lugar.

Ela fez um barulho estranho quando nos viu e abriu a boca. Achei que iria nos engolir vivos, mas ela fez o contrario. Recuou e fugiu atravessando a janela como um fantasma e aos poucos foi sumindo.

– Você viu o que eu vi? – perguntei.

– Não sei. – Alexis estava gaguejando – Mas se o que você viu foi uma cobra gigantesca, acho que a resposta é sim.

– Ótimo! – tentei me acalmar – Louca pelo menos eu sei que não sou.

– O que era aquilo? – Alexis continuava parado no mesmo lugar.

– Não tenho certeza, mas acho que sei. – respirei fundo.

– Acha que é obra de Bianor? – Alexis começava a se movimentar novamente.

– Não. – fiz um sinal negativo com o dedo – Lembra do lobo que eu te contem algum tempo?

– Aquele que aparecia muito em seus sonhos e que você viu pela primeira vez nas montanhas? – Alexis começava a voltar ao normal.

– Esse mesmo! – me sentei – Os olhos dessa cobra. Eles eram os mesmos olhos daquele lobo. Você sabe alguma coisa!

– Beatriz, o que eu sei é só linda. – Alexis achou graça.

– Aquilo pareceu linda para você? – perguntei.

– Reza a lenda que Ofir foi criado por três grandes irmãos guardiões. – Alexis começou a explicar

– Ansur, o mais novo, ficou encarregado de gerar a terra e as águas, assim como tudo que cresce delas. Astra, a do meio, criou tudo o que fica no céu, incluindo o dia e a noite. E por fim vinha Anselm, o mais velho, que se encarregou de dar vida ao mundo de Ofir.

– Conte mais. – o interrompi sem querer.

– Esse guardiões tinham forma de animais. – Alexis prosseguiu – Ansur, a ave. Anselm, o lobo e Astra, a cobra.

– Então você quer dizer que...

– Se tudo isso for verdade, acabamos de encontrar com um dos guardiões mágicos. – Alexis completou meu pensamento.

– Mas o que guardiões sagrados poderiam estar querendo aqui? – perguntei.

– Eles criaram esse mundo. – Alexis começou a acreditar na lenda – Eles podem estar tentando fazer algo por esse mundo.

– Mas isso ainda não explica o fato de encontrarmos um deles na cozinha. – estava intrigada.

– Acho que, se for para sabermos, vamos ter que esperar e ver. – Alexis deu de ombros.

– O que está acontecendo? – Neandro entrou.

– Nós vimos uma cobra gi...

– Uma cobra girando. Quero dizer, rondando a janela. – Alexis me interrompeu.

– Onde ela está? – Neandro perguntou.

– Já a espantamos. – Alexis e eu trocamos olhares.

– Que estranho. – Neandro olhou pela janela –
Tantos anos vivendo aqui e nunca vi uma cobra por
essas redondezas.

– Mas com essas confusões que a guerra tem
gerado pode ter trazido algumas para cá. – Alexis
tentava disfarçar.

– Pode ser. – Neandro acreditou –
Provavelmente queria se esconder da chuva. Melhor
fechamos a janela.

– Achei que estavam nos seus quartos. –
Neandro pegou um copo d'água – Todos já foram se
deitar.

– Ficamos um pouco lá fora, apreciando a
noite. – Alexis sorriu.

– Estava uma bela noite mesmo. – Neandro
voltou a olhar pela janela – Boa noite.

– Boa noite! – Alexis e eu falamos juntos.

– Por que não contou ao Neandro? – perguntei
assim que ele saiu.

– Ainda não temos certeza de nada. – Alexis
sussurrou – Acho melhor não ficarmos colocando mais
preocupações na cabeça deles. Vamos guarda isso só
para nós. Pelo menos até termos certeza do que se
trata.

– Tudo bem. – falei baixo – Mas só até termos
certeza.

– Agora vamos dormir. – Alexis desconversou –
Está tarde mesmo.

– Boa noite! – dei um beijo rápido em Alexis.

– Boa noite! – Alexis deu outro beijo.

E claro que não consegui dormir direito. A possibilidade de ter visto um dos seres guardiões não me saía da cabeça. Mas isso não era o mais confuso. O mais confuso era o motivo que levou ao Anselm e a Astra aparecerem por aqui. Provavelmente Ansur já deve ter aparecido, voando por esse céu e eu nunca reparei. O que eles estariam tramando? Provavelmente algo bom. Ou será que não? Por um instante me passou um terrível pensamento de que eles poderiam estar planejando destruir o que criaram. Sim, Ofir estava corrompida bem antes da minha chegada. Seria o meu destino dar o golpe de misericórdia? Destruir Ofir era a verdadeira missão que me foi designada? Não queria pensar nisso.

Aos poucos fui ficando cansada e minhas pálpebras foram ficando cada vez mais pesadas, até que me vi em total escuridão. O sono sempre chega para quem está cansado.

CAPÍTULO 11 / MUDANÇA DE PLANOS



s dias novamente correram feito maratonistas. Odiava essa pressa toda que as horas tinham em passar. Até pareciam estar querendo brincar com minha cara. De qualquer forma eu já estava mais conformada com o plano e acordei decorando cada passo que eu teria que dar.

A cobra, ou melhor, Astra – a essa altura eu já tinha me convencido de que o que eu e Alexis vimos era realmente um dos guardiões – não apareceu. Também não esperava que aparecesse novamente. Alexis e eu continuamos mantendo em segredo a aparição de Astra, por mais estranho que isso pudesse parecer. O que Alexis temia?

Sáímos bem cedo e seguimos para o porto. Cosmo e sua equipe conseguiram mandar quatro submarinos para lá sem chamar muita atenção. Os submarinos percorreram um túnel subterrâneo. Assim como todo bom castelo, o da Capital também tinha seus segredos.

Alexis, Nicardo, Neandro, Linfa, Thalassa, Amadeus e eu seguimos no primeiro submarino, junto com mais oito soldados. O submarino estava maior que o primeiro e mais bem equipado. Cada submarino seguiu com 15 passageiros, totalizando um exercito de 60 soldados incluindo a “turma principal” – que agora contava com Amadeus e Linfa como oitavo e nono

integrante. O número não é muito grande comparado ao que vamos enfrentar, mas não podíamos deixar a Capital desprotegida.

Minhas mãos gelaram no mesmo momento em que entrei no submarino. Talvez só neste instante que fui realmente perceber o que estávamos fazendo. Acabei me sentindo um pouco idiota, mas meu estômago embrulhou quando pensei nisso. Mas logo passou. Tinha coisas muito mais importantes para fazer naquele momento. Já era tarde demais para voltar atrás.

– Você está preocupada? – Nicardo se aproximou.

– Muito. – confessei.

– Não está confiando nesta missão? – ele perguntava como se estivesse certo que tudo iria correr bem.

– Não é questão de estar ou não estar confiante. – consegui manter meu tom de voz – Minha preocupação é com o que pode acontecer. Essa missão pode seguir como planejada e mesmo assim perdemos mais gente.

– Mas se perdemos alguém, já será algo fora do planejado. – ele tentou usar um tom de piada, mas logo se concertou quando percebeu que o assunto era sério.

– Você entendeu o que eu quis dizer. – disse séria.

– Acho que sim. – desta vez ele falou com mais seriedade.

– Eu sei que parece bobagem, mas eu sinto que se algo acontecer a qualquer um nessa guerra será culpa minha. – fitei o chão.

– Não fique guardando tanta responsabilidade para si própria. – Nicardo sorriu – Não é tarefa sua manter todos seguros.

– Claro que é! – falei mais alto do que gostaria
– Eu vou salvar Ofir. Ou destruir-la.

– Algum problema por aqui? – Alexis praticamente se materializou do nosso lado.

– Só estávamos conversando. – Nicardo respondeu calmo.

– Poderia me juntar à conversa? – Alexis falou em um tom mais grosseiro do que educado.

– Sente-se! – Nicardo fez um gesto com a mão
– Estava tentando convencer essa garota de que não é responsabilidade dela cuidar de todos.

– Ainda essa história? – Alexis se sentou quase bufando.

– Sim! Ainda essa história. – respondi nervosa.

– Beatriz, eu já disse que todos que estão aqui sabem dos riscos. – Alexis segurou minha mão – E eles querem fazer isso. Aposto como eles se sentiriam humilhados se fossem deixados de fora dessa luta. Eles estão fazendo isso não só pela honra a Ofir, mas por eles próprios.

– Alexis tem razão Beatriz. – Nicardo cortou o impulso de segurar minha outra mão – Se algo acontecer...

– Para de insinuar que pode acontecer algo! – novamente falei mais alto do que gostaria.

– Tudo bem. – Nicardo se levantou – Só não tome todo o peso do mundo para você.

– Acha mesmo que eu não já tentei? – voltei ao meu tom normal – Eu tento colocar na minha cabeça essa maldita idéia, mas não entra. Provavelmente meu cérebro entraria em curto se eu insistisse mais.

– Você é realmente uma caixinha de surpresa Beatriz. – Nicardo sorriu – Sabe que desde que voltei da Terra nunca mais consegui ver o que se passa na sua cabeça?

– Engraçado. – esqueci da batalha que estávamos prestes a travar – Eu também não consigo mais ver a mente de ninguém. Quando voltei do meu “coma” eu ainda sentia as intenções das pessoas, às vezes conseguia visualizar exatamente o que se passava dentro da cabeça de cada um. O que será que houve?

– Eu continuo sabendo o que se passa na cabeça de todos. – Nicardo sorriu – Mas quando tento ver sua mente... É estranho.

– Como assim estranho? – fiquei assustada.

– Não é como se não houvesse nada. – ele agora parecia falar para si próprio.

– Você está me assustando. – falei.

– E está *me* assustado! – Alexis arregalou os olhos.

– As coisas que passam na sua mente são um absoluto mistério para mim. – Nicardo voltou para nós
– Elas aparecem e desaparecem. É como se sentissem que estão sendo observadas e se escondessem de mim.

– Definitivamente eu estou com medo. – levantei.

– Aonde você vai? – Alexis perguntou.

– Para ali. – apontei para uma direção qualquer
– Não há muitas opções dentro desse submarino. Mesmo ele sendo do tamanho que é.

– Desculpe Beatriz, mas não pude controlar. – Nicardo se levantou – E que quando começo a pensar nisso...

– Tudo bem. – o interrompi – Se você puder nunca mais falar sobre esse assunto já estará mais que desculpado.

– Entendi. – ele sorriu.

– Chegamos! – Neandro me assustou.

– Já? – falei alto.

– Cosmo fez várias melhorias nesses submarinos. – Neandro deu um leve sorriso.

– Ótimo. – bufei – Chegou à hora.

– Beatriz – Alexis me abraçou – você tem que pensar positivo.

– Claro! – fiz cara de deboche – É muito fácil pensar positivo em casos como esse.

– Você está muito nervosa! – Neandro me fitou assustado – Não deveria ficar tão tensa antes de uma

luta. Estamos todos nervosos, mas temos que tentar manter a calma.

– Para vocês é muito simples. Não serão vocês que irão salvar ou destruir Ofir. – gritei.

– Beatriz! – Alexis ficou sério – O que está acontecendo com você? Eu já não estou te reconhecendo. Você sempre foi um pouco estressada, mas agora está exagerando.

– Alexis – respirei fundo – Tudo bem. Eu já estou melhor. Você tem razão, acho que estou exagerando um pouco. Podemos seguir para a missão?

– Podemos? – Neandro rebateu olhando diretamente para mim.

– Podemos! – tentei parecer confiante.

– Ótimo! – Neandro sorriu – Vamos seguir com a missão.

– Quando quiser! – Alexis tentou quebrar o clima dando uma entonação mais cômica a frase.

Estava tudo saindo como planejado. Assim como havia sido previsto, a parte norte de Calidora não havia uma viva alma. Na verdade havia alguns guardas, mas eles pareceram não perceber e estavam um pouco distantes.

Neandro saiu na frente e Alexis o seguiu. Depois saíram Nicardo e Amadeus e por fim Thalassa, Linfa e eu. Seguimos disfarçados até o caminho que levava para a cidade do castelo. Neandro deu o sinal e um dos soldados que estava de vigia começou a comandar os homens que haviam viajado em nosso

submarino. Eles se espalharam pelo local e pegaram os guardas de surpresa. Assim que a barra ficou limpa eles deram o sinal para os homens do outro submarino. Seguimos todos para a cidade.

Calidora não parecia mais a mesma. As casas medievais deram lugar a mansões imensas e luxuosas. As pequenas lojas que existiam ali, agora eram quase um shopping de tão grandes. Seja lá o que Bianor estivesse planejando, de uma coisa eu tive certeza quando vi a cidade: Bianor quer tudo, menos destruir Ofir. Mas existe algo de muito errado nisso tudo.

Continuamos seguindo discretamente. Espalhamos-nos com o povo, que parecia bem menor agora. Outra coisa estranha foi as expressões das pessoas. Elas pareciam tão superficiais e egoístas. Andavam e agiam como se existissem apenas eles no mundo. Calidora estava virando um reino de magnatas e isso era definitivamente estranho.

– Você também percebeu? – Alexis cochichou.

– Que está tudo muito estranho por aqui? – perguntei.

– Bianor fez alguma coisa muito séria. Ainda não sei dizer o que. – ele olhava em volta.

– Mas desconfia. – completei.

– Sim. – ele continuava olhando ao redor – Desconfio.

Não sabia do que Alexis desconfiava e nem me lembrei de perguntar. As coisas estavam rumando para

um caminho tão inesperado que começava a temer pelo pior. E isso, claro, não era nada bom.

– Vamos seguindo para o castelo. – Nicardo apareceu.

– Vamos. – Alexis não tirava os olhos das pessoas ao redor.

– Isso aqui está mais sinistro do que filme de terror japonês. – deixei escapar.

– O que? – Alexis perguntou confuso.

– Esquece. – fiz um sinal com a mão – Vamos seguir com o plano.

– Espere! – Nicardo entrou na minha frente, o que me fez acabar derrubando Alexis perto de uma árvore.

– Está maluco? – Alexis falou baixo.

– Olhe. – Nicardo se agachou.

Os portões do castelo estavam sendo abertos. Ouvimos sons de cavalo e nos deparamos com uma cena tão bizarra quanto a do povo estranhamente frio. Uma fumaça preta surgiu no ar e foi se transformando em um imenso corcel negro. Logo em seguida asas tão imensas quanto o animal surgiram e uma imagem começou a se formar, montada no cavalo. Era Bianor. Meu coração gelou quando vi aquela imagem subindo aos céus e sobrevoando a cidade. Mas o susto de ser descoberto passou assim que ele sumiu da mesma forma que apareceu. A coisa estava realmente ficando séria.

– Acho melhor esperar pelo sinal de Neandro. – falei.

– Mas que cheiro estranho é esse? – Nicardo franziu o nariz – Está vindo da direção do Alexis.

– O que? – Alexis se assustou – Não fui eu. Juro. Eu não faço essas coisas na frente dos outros.

– O que é isso debaixo da sua mão? – perguntei.

– O que? – Alexis se levantou.

– É uma flor! – falei – Você esmagou a pobrezinha.

– E era ela que estava soltando esse cheiro. – Nicardo cheirou a flor.

– Olhe! – falei um pouco alto – Ela está voltando ao normal.

– Que planta estranha! – Alexis falou.

– De que espécie ela pertence? – perguntei.

– Nunca vi antes. – Nicardo fitava a flor.

– Corram! – Alexis gritou.

Virei rapidamente. Havíamos sido descobertos. Os guardas que estavam vigiando o castelo estavam vindo em nossa direção. Não tínhamos outra saída além de seguir o conselho de Alexis. Avistei Neandro e Linfa de longe. Eles não haviam sido descobertos, mas já tinham reparado que o plano não estava correndo como o planejado.

– E agora? – gritei enquanto corríamos.

– Acho que teremos que lutar. – Nicardo respondeu.

Nicardo parou e virou uma cambalhota se pondo frente a frente com os guardas. Ele puxou uma das espadas da mão de um dos guardas e começou a defender os golpes que já começavam a ser investidos contra ele e contra nós.

Vi Neandro fazendo sinais para Linfa e um dos soldados que estava no nosso submarino repetindo para os demais. Agora a coisa iria ficar feia de verdade.

Neandro retirou o disfarce e veio nos ajudar. Logo outros guardas de Calidora apareceram e as pessoas que estavam na praça simplesmente pararam tudo o que estavam fazendo e ficaram observando, de longe, toda a confusão.

Thalassa também entrou em cena e logo em seguida Amadeus também mostrou as caras e por fim Linfa apareceu, com duas grandes espadas na mão. Não sabia onde ela havia encontrado, mas eram belas espadas. E para minha surpresa, ela sabia usar-las muito bem.

Linfa lutava com um híbrido de delicadeza e fúria que nunca havia visto antes. O modo como ela se defendia e atacava era impressionante. Ela não parecia à mesma Linfa que eu conhecia. Mas mesmo com passos e golpes delicados, havia algo de feroz em seus ataques. Seus olhos pareciam os de um tigre de olho em sua presa.

Amadeus e Thalassa estavam lutando em conjunto com alguns soldados, fazendo golpes que se fossem ensaiados não saíam tão perfeitos. A sincronia

era perfeita. Ela saltava dos braços de um para os de outro, pegando impulso enquanto atacava pelos ares. Amadeus usava as costas de um soldado para por mais força em seus chutes, enquanto suas espadas batiam com a mesma força nas armaduras, perfurando-as.

Neandro, Alexis e eu estávamos apenas nos defendendo. Havia mais guardas ao nosso redor e qualquer movimento precipitado poderia ser perigoso. Tentávamos nos afastar, mas estava muito difícil. Os guardas não davam trégua e atacavam com toda a força. Havia perdido Nicardo de vista e desejava que ele estivesse por perto, preparando algo para nos ajudar.

Notei que mais soldados estavam aparecendo. A batalha já estava ficando fora do controle. Não queria que chegasse a tanto.

Thalassa e Amadeus começavam a ter dificuldades para lutar. Por varias vezes quase foram atingidos, mas não demorou muito para Linfa aparecer e dar um reforço. Era estranho, mas eu não estava conseguindo pensar em nada. Minha mente estava completamente perdida e desesperada. Só conseguia defender e defender.

– O que está havendo aqui? – falei um pouco alto.

– A situação está ficando insustentável. – Neandro cochichou para ele mesmo.

– Lutamos? – sugeri.

– Não há outra alternativa. – Alexis respondeu.

E realmente não havia. Precisávamos sair daquilo ou acabaríamos sendo derrotados pelo cansaço.

Consegui executar uma magia de água e afastar os guardas. Alexis aproveitou a deixa para tomar distancia e fôlego. Neandro fez o mesmo. Ataque com mais golpes d'água e Alexis começou a atacar com suas espadas. Neandro usava suas espadas de gelo. Começamos a ter alguma vantagem, mas ainda era muito pouco. Toda aquela situação não estava ajudando a me fazer ficar concentrada na luta. Acabei perdendo o equilíbrio.

– Beatriz! – Neandro gritou – Cuidado!

Uma espada veio em minha direção. Se Neandro não tivesse avisado teria me acertado, mas ainda sim fui atingida de raspão no ombro. Alexis correu e me empurrou para trás dele, atacando os guardas que estavam na minha frente. Levantei e tomei fôlego antes de defender outro golpe que veio feito relâmpago. A situação estava ficando perigosa demais e iríamos perder se continuássemos neste ritmo. Até que aconteceu.

– O que é isso? – Neandro gritou. Um berro aterrorizante ecoou pela praça.

– Não creio no que vejo! – Alexis caiu para trás. Literalmente.

Todos de repente pararam a batalha e ficaram desesperados com a imagem que surgia. Uma sombra

que ocupava toda a praça. Um dragão enorme. Todos se desesperaram.

A correria foi geral e neste momento acabamos virando algo insignificante. Ao que parecia aquilo não pertencia a Calidora e os guardas começaram a atacar o monstro que se aproximava.

– Rápido e a nossa deixa! – Neandro sussurrou enquanto fazia alguns sinais. Todos entenderam.

Alguns guardas tentaram impedir nossa fuga, mas o pandemônio que se formou era tão grande que acabamos conseguindo nos livrar deles com facilidade.

Corremos o mais longe que pudemos. Quanto mais andávamos, mas surpresas tínhamos com as mudanças que ocorreram em Calidora. Chegamos até uma estrada de terra, que levava em direção a uma floresta – ou o que havia restado dela. Resolvemos nos esconder por ali temporariamente.

– Estão todos bem? – Neandro perguntou.

– Sim. – quase todos responderam em coro.

– Ótimo. – Neandro suspirou aliviado – Os submarinos ficaram vazios?

– Não. – um dos soldados respondeu – Achemos melhor mandar apenas metade dos homens. Ainda tem soldados escondidos.

– Bom. – Neandro deu outro suspiro de alívio – Realmente muito bom.

– Mas de onde surgiu aquilo? – perguntei.

– Seja lá de onde, veio em boa hora. – Neandro estava ofegante – Só espero que isso não seja mais um problema para nós. Estão todos aqui.

– Acho que sim. – Linfa olhava entre os soldados.

– Espere um minuto! – também estava observando – Onde está Nicardo e Amadeus?

CAPÍTULO 12 / REENCONTROS E REENCONTROS

U

m aperto enorme invadiu o meu coração. Nicardo e Amadeus desapareceram. Imediatamente eu pensei no pior e constatee o quanto eu estava sendo pessimista nos últimos meses. Mas creio que qualquer pessoa no meu lugar agiria da mesma forma. Ou não?

– Precisamos achar-los! – Linfa me acordou dos meus pensamentos.

– Claro! – disse impulsivamente – Eles podem estar em perigo. Precisamos voltar!

– Voltar? – Alexis se assustou.

– Sim, voltar! – falei alto.

– Beatriz, eu entendo sua preocupação. – Alexis se aproximou – Por mais que eu não goste daqueles dois, não quero que nada de ruim aconteça.

– Não Alexis. – Neandro interrompeu – A Beatriz tem razão. Não podemos deixar ninguém para trás. Não desta forma.

– Você está de acordo com essa idéia? – Alexis se assustou.

– Eu iria sugerir exatamente isso. – Neandro ficou sério.

– Eu também acho que devemos voltar. – Thalassa apoiou a idéia.

– Vocês estão calculando o risco do que pretendem fazer? – Alexis perguntou.

– Eu sei exatamente o risco que iremos correr – Neandro continuou defendendo a idéia – e sei que os

dois correriam o mesmo risco se qualquer um de nós estivesse no lugar deles.

– Mas não sabemos como está a Praça de Calidora. – Alexis continuava contra – Depois que aquele dragão, ou o que for aquilo, apareceu... Gente é loucura!

– E o que você sugere? – Neandro perguntou – Abandonar os dois sem sequer saber o que aconteceu?

– Alexis, eles são nossos amigos. – Thalassa tentou convencer-lo – Amigos não abandonam amigos.

– Eu sei disso...

– Se sabe o que ainda está fazendo? – interrompi – O que todos nós estamos fazendo? Perdendo tempo?

– Beatriz! – Alexis falou alto – Você sempre é a primeira a ser contra planos arriscados. O que deu em você agora?

– Alexis, não me faça perguntas difíceis. – fui sincera – A única coisa que tenho certeza e que não posso deixar que nada de ruim aconteça a ninguém. Apenas isso.

– Mulheres são assim e ponto. – Linfa sorriu – Acho que isso é uma das milhares de coisas que vocês homens nunca entenderam.

– Tudo bem. – Alexis levantou a mão – Desisto. Se for o que vocês querem, não serei eu que tentarei impedir.

– Mas você vai vir conosco! – falei.

– O que? – Alexis se assustou.

– É claro! – consegui sorrir – Pensou que iria ficar na moleza enquanto nós enfrentamos sabe-se lá o que?

– Estava bom demais! – Alexis bufou – Eu vou.

– Muito bem. – dei um tapinha em suas costas.

– Ótimo! – Neandro foi para o meio do grupo – Os soldados podem voltar para o submarino. Será mais seguro manter o maior número de homens em segurança caso algo dê errado.

– Você está falando sério? – Alexis gritou.

– Alexis, se chegarmos aos montes chamaremos muita atenção. – Neandro explicou – Mesmo que a praça esteja uma loucura, não podemos arriscar perder ninguém.

– Claro. – Alexis ficou nervoso – Salvem os soldados e o resto que se...

– Alexis! – tapei a boca dele – Não há crianças no recinto, mas continua sendo feio falar palavrões.

Sobrevoamos a cidade devagar. Tentamos não arriscar procurar por Nicardo e Amadeus por terra.

Tive uma nova surpresa com Linfa. Ela sabia voar. Ela já havia me contado que Neandro ensinou alguma coisa de magia, mas nunca pensei que chegaria a esse ponto. Ela deveria ter treinado muito ou eu sabia menos da Linfa do que julgava.

Chegamos à praça mais rápido do que imaginávamos e encontramos uma confusão ainda maior do que a que havíamos criado. Eram pessoas

correndo desesperadas para todos os lados e guardas tentando controlar a situação. De repente era como se todos tivessem acordado. Apesar do desespero, agora eles pareciam pessoas com alma.

– Vocês estão vendo o dragão? – perguntei.

– Parece que ele sumiu. – Neandro olhava ao redor.

– Então qual é o desespero dessas pessoas? – fitava o povo correndo.

– Não faço à mínima. – Neandro também começou a fitar – Mas seja lá o que for está assustando de verdade essas pessoas.

– Mas seja como for nós não iremos encontrar ninguém no meio dessa confusão. – Linfa tentava enxergar algo.

– Acho melhor descermos. – Neandro falou um pouco cansado.

– Acho que podemos descer ali. – Alexis apontou para um ponto mais isolado da praça. Bem perto do castelo.

Descemos e nos escondemos atrás de alguns arbustos. Estávamos ainda cansados da batalha. As pessoas continuavam correndo como se a vida delas dependesse daquilo e aparentemente ninguém nos viu.

– Será que eles estão no meio desta confusão?

– Linfa observava por entre as folhas do arbusto.

– Espero que estejam bem. – disse enquanto me sentava.

– As pessoas estão exageradamente desesperadas. – Linfa continuou observando – O mundo acabou e eu não fiquei sabendo?

– Acho que você não chutou tão longe. – falei – Este mundo está acabando, isso não há dúvidas.

– Nós vamos ficar parados aqui? – Alexis perguntou.

– Não. – Neandro começava a se recompor – Vamos começar a procurar.

Respirei fundo e levantei. Mas algo muito estranho começou a acontecer. A parte onde eu estava começou a tremer e descer. Era como se um pedaço da terra estivesse caindo. Ou alguém acionando o elevador na parte térrea.

– Mas o que está acontecendo? – dei um salto para o lado.

Aos poucos o buraco revelou uma escada e um túnel. Isso sim era muito estranho.

– Uma passagem? – Neandro estranhou.

– Ou pelo menos se parece com uma. – Alexis também parecia não ter entendido.

– Como será que abriu? – Linfa perguntou.

– Eu senti nessa área. – falei e imediatamente fui procurar algum tipo de botão que eu pudesse ter acionado. Não achei nada.

– Para onde ele vai levar? – Thalassa perguntou.

– Provavelmente para o castelo! – Neandro arregalou os olhos – Claro!

– Será? – perguntei.

– Só há um jeito de saber. – Linfa se prontificou a descer.

– Então vamos fazer o seguinte – Neandro começou a dividir o grupo. Senti-me em um episódio de Scooby-Doo – Beatriz, Linfa e Thalassa descem pela passagem. Se ela sair no castelo tentem ir para as masmorras e libertem os prisioneiros. Alexis e eu vamos procurar Nicardo e Amadeus por aqui.

– Ei! – Alexis falou alto.

– Silêncio! – Neandro colocou o dedo na frente da boca – E sem reclamações!

– Mas não vai ser perigoso ficar só vocês dois no meio dessa confusão? – perguntei.

– Vai ser perigoso para vocês se essa passagem sair em outro lugar. – Neandro falou – Até mesmo se sair no castelo será perigoso.

– Mas estamos em três. – falei.

– Eu valho por dois. – Neandro brincou – Agora vão!

Linfa, que já estava à frente, presenteou Neandro com um sorriso de força e desceu. Logo atrás estava Thalassa, que também parecia não gostar muito da idéia de explorar um desconhecido túnel que pode dar para qualquer lugar. Eu fui a ultima a descer e de cara não gostei nada do que vi.

Assim que descemos a passagem se fechou e a escuridão tomou conta do local. Fiz aparecer uma

chama com minha mão esquerda e não precisou andar muito para reconhecer o local. Era exatamente o mesmo corredor que Nínive usava em suas passagens mágicas. E continuava achando aquele lugar extremamente estranho e perigoso. Algo digno de dúvida. Mas a Nínive já havia nos ajudado tantas vezes.

– Que lugar peculiar. – Linfa reparou.

– E como. – disse para mim mesma.

– Para onde ele vai nos levar? – Linfa perguntou por perguntar.

– Esse é o mistério. – deixei escapar.

Mas havia algo de diferente nesses corredores. Não sabia explicar o que era, mas sabia que existia algo ali que não estava presente da primeira vez que estive “passeando” por eles. Era uma sensação totalmente nova, um desespero diferente. Não estava gostando nada disso.

Não precisamos andar muito para chegar a uma saída. Na verdade a impressão que deu foi de que a porta simplesmente se materializou na nossa frente. E como em Ofir tudo pode acontecer, hesitei em abri-la. Linfa tomou a frente da situação.

Sáímos exatamente onde queríamos sair. Acho que tinha me esquecido desse detalhe. As passagens de Nínive sempre saiam nos lugares onde desejávamos sair.

As masmorras continuavam as mesmas. Sujas, escuras e repleta de inocentes. Estávamos dentro de uma das celas e a passagem havia desaparecido. Não

que isso fosse realmente um problema, mas fiquei um pouco preocupada. Talvez o Alexis e o Nicardo tenham razão em dizer que estou levando tudo a sério demais.

Ouvimos barulhos de guardas se aproximando e resolvemos nos esconder. Pegamos alguns panos velhos que estavam na cela e tapamos rapidamente nossos rostos. Os guardas passaram conferindo cela por cela. E eu já estava gelando.

Vagarosamente um dos guardas chegou a nossa cela. Ele olhou e olhou e olhou mais uma vez. Isso estava sendo péssimo.

– Quem são vocês? – meu coração quase parou.

– Nós? – Linfa tentou parecer segura.

– Sim, vocês! – o guarda se irritou.

– Prisioneiros. – Linfa continuava disfarçando o nervosismo em sua voz.

– Levante-se! – o guarda enxerido agora ordenava – Todos vocês! Quero ver seus rostos!

– O que? – deixei escapar.

– O que você está fazendo? – o outro guarda chegou.

– Quem são esses? – o guarda enxerido perguntou nervoso.

– Você decora? – o outro perguntou – Eu só lembro o número. Nunca rostos, quanto mais nomes. Só números. São três nessa cela e existem três nesta cela. Para mim está tudo certo.

O enxerido olhou mais uma vez para nós e pareceu não se convencer de que estava tudo realmente certo.

– Desta vez eu vou deixar passar. – ele falou quase como se sentisse nojo.

– Fomos salvas por pouco! – Thalassa suspirou aliviada depois que os guardas se foram.

– Eu diria mais, diria que fomos salvas por muito pouco. – Linfa brincou.

– Olhe! – Thalassa falou um pouco alto.

– A passagem apareceu outra vez. – estranhei.

– Essa história está ficando um tanto bizarra e confusa. – Linfa também estranhou – Mas vamos fazer o que temos que fazer.

– Isso! – Thalassa se animou.

Quebrar as grades sem fazer grandes barulhos não foi o problema. Consegui fazer isso com uma rapidez ninja. O grande problema era controlar as pessoas e fazer-las passar pela passagem rapidamente e organizadamente. Quase pensei que não fôssemos conseguir, mas no fim deu tudo certo. Todos os prisioneiros haviam sido libertados. Apesar de não confiar muito naquela passagem, sabia que a eles ela não traria danos.

– Missão cumprida! – Thalassa ergueu a mão para que pudéssemos bater uma nas outras.

– Agora, aproveitando que estamos aqui, poderíamos já ir procurando por Nicardo e Amadeus. –

Linfa sugeriu – Eles podem ter entrado no castelo. Podem ter sido capturados e levados para outro lugar.

– Mas como iremos fazer isso sem chamar atenção? – perguntei.

– Se todas as masmorras agirem da mesma forma eu sei como. – Linfa sorriu.

– Levando em conta que estamos em um reino dominado por um louco psicótico e que nada é como costuma ser, qual seria essa solução?

– Sigam-me! – Linfa continuou sorrindo – Em silêncio.

Fizemos exatamente o que ela pediu e seguimos em direção a saída das masmorras. Já estava imaginando qual era o plano de Linfa e poderia dar certo. Precisaríamos ser rápidas. Se conseguíssemos isso o plano correria exatamente como o planejado.

A primeira parte do plano estava seguindo bem. Os dois guardas estavam de vigia na porta. Eles andavam de um lado para o outro feito sonâmbulos, mas sem os braços esticados. Era mais parecido com uma hipnose, mas no caso deles eu sabia que era sono mesmo.

Seguimos devagar e esperamos o momento em que eles paravam para descansar. Os dois estavam tão sonolentos que parecia até um pecado o que estávamos prestes a fazer de tão fácil que seria.

Thalassa e eu continuamos esperando enquanto Linfa passava para chamar atenção deles. A princípio eles ficaram sem ação, mas depois acordaram e se prepararam para agir, mas Thalassa e eu conseguimos ser mais rápidas e golpeamos os dois pelas costas. Caíram desacordados na mesma hora.

– Ótimo! – Linfa resmungou – Só temos duas armaduras.

– Eu sigo invisível atrás de vocês, não se preocupe. – tentei reconfortar-la.

– Tem certeza? – Thalassa perguntou – Não sabemos quanto tempo ficaremos andando. Mesmo você pode ficar sem energia se abusar demais.

– Tudo bem. – sorri – Eu vou ficar bem.

– Acho que não será necessário. – uma voz surgiu na escuridão. E eu já sabia quem era.

CAPÍTULO 13 / ILUSÕES



ive que evitar um surto de gritos quando nos deparamos com Nínive. Thalassa e Linfa ficaram apavoradas, mas eu sabia que era sem necessidade. Algo me dizia que Nínive está aqui para nos ajudar. Era como se eu pudesse confiar nela. Mas será que eu realmente poderia?

Linfa tentou falar, mas foi impedida por Nínive que pediu silêncio colocando o dedo indicador na frente da boca.

– Esperem um minuto! – consegui ler os lábios de Nínive.

Não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas achei melhor continuar fazendo o que Nínive sugeria. De repente ela estava no comando de tudo agora, o que me fez sentir um pouco estranha.

Nínive olhou em volta, como se quisesse ter certeza que não estava sendo observada por ninguém. Ela então voltou para mais perto de nós três e fez um sinal com a mão pedindo para que esperássemos mais um pouco.

Não sabia explicar bem o motivo, mas a presença de Nínive me fazia ficar mais confiante. Ela trazia uma segurança transparente e sentia como se ela não fosse deixar nada acontecer com nenhuma de nós. Mas ela não era tão digna de confiança. Ou era?

Nínive respirou fundo e abriu outro portal. Novamente fez um sinal pedindo silêncio antes que

qualquer uma de nós pudesse respirar. Ela gesticulou para que entrássemos e foi exatamente o que fizemos. Ela entrou e fechou o portal como se houvesse um zíper invisível na entrada.

– Pronto – ela quebrou o silêncio – Agora podemos conversar com segurança.

– O que está havendo? – perguntei – E o que quis dizer com “conversar com segurança”?

– Eu também estava com saudades de você Beatriz. – ela sorriu – Bianor está dominando toda a Calidora com seus poderes mágicos. Tudo nesse reino acontece de acordo com os caprichos de Bianor. E para que ele tenha certeza de que não está sendo traído, ele colocou ouvidos em todas as paredes do castelo.

– Ouvidos? – estranhei – Claro! Aquele mesmo truque que ele usou em Leander quando estive aqui da primeira vez.

– Exatamente. – Nínive sorriu – Eu não estava muito ligada a Bianor nesta época, mas eu me lembro do acordo que ele fez com a velha Elma. Aquela velha cadela.

– Mas tecnicamente estamos dentro do castelo. – lembrei.

– Não. – Nínive respondeu com grande tranquilidade – Na verdade todo esse longo corredor não passa de um ilusão criada por mim. Essa é a minha magia. Eu crio ilusões. Até mesmo aquelas passagens são obras de ilusão, mas na realidade elas só existem se

eu quiser que elas existam. A passagem que trouxe vocês até aqui, por exemplo, não existe mais.

– Espere! – falei alto – Você nos trouxe para cá de propósito?

– Sim. – ela respondeu – Vocês só conseguiram entrar sem serem notados por Bianor por causa disso. O selo da minha magia não permite que Bianor sequer saiba que eu faço esses truques.

Por um instante eu fiquei completamente sem palavras. Nínive era simplesmente incrível. Bianor era o mago mais poderoso deste mundo e ainda assim ela conseguia enganar-lo. Bianor realmente não deve estar sabendo administrar todo esse poder. Ou seria a Nínive que, por mais absurdo que pareça, consegue ser mais poderosa que Bianor? Quem estava sendo usado por quem? Agora a coisa começou a me assustar.

– Está me olhando de forma tão estranha Beatriz. – Nínive me fitou confusa.

– Não é nada. – continuei fitando-a – Apenas algo que estive pensando.

– Pensar às vezes pode encher sua cabeça de idiotices. – ela sorriu – Tente não raciocinar tanto. Vocês duas também. Digam alguma coisa, mas não pensem demais.

– Eu não tenho muito a declarar. – Linfa olhava ao redor – Tudo aqui parece um pouco lúdico. Eu sinto como se não houvesse chão.

– Mas não há chão. – Nínive sorriu – Esqueceu que isso é apenas uma ilusão. Ela será o que quiser que seja. Se não há chão para você, não haverá chão.

– Mas eu quero que tenha chão. – Linfa começou a falar – Um belo gramado. Uma grande árvore. O quintal da minha casa, Neandro ao meu lado.

– Muito bem. – Nínive suspirou – Se é o que você quer e o que terá.

– Meu quarto. – Thalassa começou a falar – Meu quarto no castelo de Neide. Sinto tanta falta do meu quarto. Minhas coisas. Eu deixei tudo para trás.

– E você quer que isso aqui seja seu quarto. Ele pode ser seu quarto. Basta você querer e ele se tornará. – Nínive falava suavemente.

– O que você está fazendo? – perguntei assustada.

– Nada de mais. – Nínive sorriu – Estou apenas dando a elas uma forma de relaxar. Elas buscaram aquilo que as deixam mais calmas. Aquilo que as relaxa. Elas irão acordar bem mais leves.

– Eu não sei explicar, mas eu sinto que posso confiar em você. – falei.

– E não poderia confiar por quê? – Nínive continuou sorrindo.

– Não sei. – uma estranha sensação tomou conta de mim. Eu queria apenas falar a verdade para Nínive – Você me transmite segurança. Eu sinto como se você pudesse me proteger. Mas você está do lado de Bianor. Isso não é motivo o suficiente para desconfiar?

– Motivo suficiente? – Nínive continuou sorrindo – Você está raciocinando demais. Não deveria ligar a minha pessoa com a de Bianor. Mas acho que você não quer descansar agora. Tudo bem, não há pressa. Conte-me algo.

– Algo? – continuei me sentindo estranha – Alexis e Neandro estão atrás de Nicardo e Amadeus. Eles desapareceram depois que um dragão imenso surgiu na praça. Você os viu?

– Não. – Nínive continuava sorrindo – Eu não vi meu querido irmão. Nem o Amadeus.

– Mas você não conhece o Amadeus! – senti um baque dentro de minha cabeça. Como se tivesse dormindo e acordado de repente.

– Beatriz, já disse para não pensar tanto. – Nínive agora não estava mais sorrindo. Estava séria – Pensar não faz bem. Eu já disse. Mas de qualquer forma, continue me contando tudo.

– Eu não deveria, mas estávamos tentando sabotar o exercito de Bianor. – falei sem pensar – Não queremos, quer dizer, queremos fazer com ele o mesmo que ele está fazendo com a gente. Ele está nos sabotando.

– Mas isso é um erro. – Nínive voltou a sorrir – O exercito de Bianor não está aqui.

– Não? –senti minha voz sair um pouco sonolenta.

– Bianor mandou seu exercito para Menelau. – Nínive falou – Ele está treinando seus homens por lá.

Todos os dias ele segue com aquele cavalo alado para Menelau, só para ver se tudo está saindo como ele deseja.

– E o que ele deseja? – perguntei instintivamente.

– Não acha que está querendo saber demais? – Nínive soltou uma risada – Agora seja uma boa garota e pare de pensar, para o seu próprio bem. Você não quer descansar como suas amigas?

– Não! – novamente senti minha cabeça acordando – Eu preciso estar atenta. Eu não posso deixar que nada aconteça com nenhuma delas. Com ninguém para ser mais completa.

– Você se preocupa demais com os outros e quase não se importa com você. – Nínive voltou a ficar séria – Seja um pouco mais egoísta Beatriz. Esqueça todo mundo e pense em você. Se coloque em primeiro lugar. Você vai ver como é bom.

– Não posso fazer isso. – sentia que estava lutando contra algo dentro de mim.

– Claro que pode. – Nínive continuava séria – Ninguém irá morrer se você pensar um pouquinho em você. É só uma descansadinha, não é nada que seus outros amigos não já tenham feito. Eles não pensaram em você. Eles nunca pensam em você. Apenas você pensa neles.

– Apenas eu... – minha cabeça começava a doer
– Eles estão sempre tão bem. Estão felizes.

– Isso – Nínive se empolgou – Você está indo bem. O que mais você vê?

– Eles não ligam para mim. – as palavras começavam a sair sem que eu quisesse – Eles estão vivendo as vidas deles. Nicardo está feliz, Thalassa e Cosmo estão felizes, Tales está feliz, Neandro e Linfa estão felizes, Amadeus está feliz, ele virou rei. Ele virou o rei de Calidora. Ele venceu a batalha.

– O que você está dizendo? – Nínive ficou furiosa. Sua voz ficou mais grave também.

– Amadeus venceu a batalha. – continuei falando – Ele venceu a batalha.

– Pare com isso! – Nínive havia mudado completamente de voz – Pare com isso!

– Sim ele vai vencer! – minha voz começou a ficar mais firme – Eu também irei vencer. Todos nós iremos vencer. Você será derrotado Bianor. Não há esperança para você.

– Cale a boca garota inútil! – agora eu reconhecia a voz. Era Bianor o tempo inteiro.

– Não tente me amedrontar. – falei confiante – Eu consigo ver claramente a minha vitória. Todos os seus esforços serão inúteis Bianor.

– Você não sabe o que diz! – Bianor gritou.

– E claro que eu sei. – continuei confiante – Eu sou Mallory, destinada a te destruir e trazer a paz de volta a Ofir. Você não será nada depois que todos nós acabarmos com você!

– Pare com isso. – Bianor ainda gritava – Lembre-se do que viu. Você está sozinha. Você sempre esteve sozinha. Eles estão felizes e nem querem saber de você.

– Eu não caio nesse truque outra vez. – as palavras saiam cada vez mais ferozes – Eu não caio em nenhum de seus truques.

– É o que veremos! – consegui ouvi Bianor sussurrar.

De repente um grande espelho apareceu na minha frente. O que eu vi refletido no espelho foi apavorante. Estava refletido não a minha imagem, mas a imagem de uma mulher demoníaca e apavorante. Ela parecia emanar crueldade e tinha certeza de que ela não teria piedade de ninguém. Seu rosto estava fitando o chão, mas algo me dizia que era melhor eu não saber o que estava refletido naquele espelho, fazendo exatamente os mesmos gestos que eu.

– Você está se tornando isso Beatriz. – Bianor falava vitorioso – Encare o rosto dela. Conheça finalmente a verdadeira Mallory!

O rosto atrás do espelho começou a se levantar devagar. O pavor tomou conta do meu corpo. O rosto era o meu, apesar do cabelo desgrehado e picotado, o rosto continuava sendo o mesmo que o meu, mas os olhos estavam mudados. Havia sangue, havia desejo de morte, havia crueldade, havia tudo aquilo que eu mais repudiava. Simplesmente o inverso de tudo o que eu sempre tentei ser.

– Não gostou da sua nova forma Beatriz? –
Bianor gargalhava – Honestamente, eu respeitaria muito mais você se sempre fosse assim.

Bianor se aproximou de mim. Seu reflexo estava vestido com trajes de rei, com direito a coroa e cetro dourado. Ele colocou a mão em meu ombro e sorriu.

– Veja Beatriz, que imagem belíssima. – ele admirava o reflexo – Você nasceu para ser a Mallory. E a Mallory nasceu para ser minha. Nós dois juntos nascemos para governar um novo Ofir, um mundo diferente deste. Um mundo mais justo e mais limpo, onde apenas aqueles que tem a força e a sabedoria superior podem viver.

– O que você está falando? – estava me sentindo estranhamente mais calma.

– Estou falando de um mundo renovado, um reino unificado. – ele falava maravilhado sobre seu projeto – Um mundo perfeito. Governaríamos um mundo de gigantes, pessoas tão incríveis e superiores. Um mundo de perfeição. Um mundo ideal para se viver.

– Esses são seus planos? – perguntei.

– Podem ser os seus também. – Bianor apertou minha mão – Beatriz, você é a garota mais poderosa que este mundo já conheceu. Eu sou o ser mais poderoso que esse mundo já conheceu. Juntos poderíamos governar soberanos. E com o tempo desenvolveríamos um poder inatingível por qualquer

outro ser. Seremos os poderosos governando um mundo de poderoso.

– Mas para que isso aconteça, precisamos eliminar os fracos. Certo? – presumi.

– Vejo que você já entendeu. – Bianor sorriu – Este é exatamente o espírito. Não podemos deixar Ofir ser dominada por vermes.

– Compreendo. – consegui sorrir.

– Então você aceita se casar comigo? – Bianor se empolgou – Se quiser eu posso desistir de todas as outras esposas que queria ter. Nenhuma dela irá me importar se eu tiver você ao meu lado. Apenas diga que sim.

– Você libertaria Linfa e Thalassa primeiro? – perguntei.

– Para que? – Bianor ficou sério – Achei que tinha entendido que precisamos eliminar os fracos.

– E se eu as tornar fortes? – sugeri – Posso trazer-las para o meu lado.

– Para o nosso lado. – Bianor pareceu começar a gostar da idéia – Essa será a primeira prova de que eu realmente te quero como esposa. Não me decepcione ou enfrentará as consequências.

Bianor estalou os dedos e Linfa e Thalassa sumiram.

– O que você fez? – perguntei.

– As deixei em um quarto aqui no castelo. – Bianor sorriu – Elas logo irão acordar. Agora responda, você quer se casar comigo?

– Mas é claro – sorri – que não.

– Você quem decidiu assim. – Bianor ficou sério

– Mas eu disse que você receberia as consequências.

A imagem no espelho começou a se dissolver e aos poucos o que eu conhecia como sendo eu voltou a se refletir no espelho. Bianor já não estava mais com os trajes de rei e a paisagem ao fundo também começou a mudar. Estava reconhecendo. Era a minha cidade, a rua que eu sempre passava para ir à escola. Era a Terra.

– Não posso deixar que você me derrote Beatriz. – Bianor parecia triste.

– O que você está pensando em fazer? – perguntei assustada.

– Você vai ver! – Bianor continuava triste.

Bianor me pegou pelo braço. Ele apertou com tanta força que cheguei a sentir o sangue parar de circular por um momento. Ele parecia não estar satisfeito com o que quer que ele fosse fazer.

– Você e eu poderíamos governar juntos um lindo mundo. – Bianor olhou dentro dos meus olhos – Adeus Beatriz!

Bianor me jogou com toda a força em direção ao espelho. Mas ao contrario do que imaginei, o espelho nas se estilhaçou em mil pedaços. Pelo contrario, ele continuou intacto.

Comecei a sentir algo me engolindo e quando dei conta eu estava sendo tragada pelo espelho.

Eu estava de volta a Terra. Mais uma vez.

CAPÍTULO 14 / COISAS ESTRANHAS ACONTECENDO

Não sabia o que as pessoas a minha volta viram, mas ninguém pareceu estranhar uma garota surgir do nada no meio da rua.

Sai da estrada e segui para a calçada. Não queria ter como presente de boas vindas um atropelamento.

– E agora? – disse para mim mesma – Não faço a menor idéia do que fazer.

– Disse alguma coisa? – um senhor apareceu atrás de mim.

– Não disse nada. – respondi – Desculpe, eu estou meio... Perdida.

– Entendo. – o senhor sorriu – Talvez devesse voltar para casa. Não é seguro para uma moça bonita ficar andando pela rua.

– Eu conheço esse lugar. – tentei parecer simpática.

– Então você não deveria estar perdida. – o senhor respondeu paciente.

– Não era disso que estava falando. – tentei não perder a cabeça – Quero dizer, eu estou perdida em meus pensamentos.

– Então ele te deixou pensar? – o senhor perguntou.

– O que disse? – rebati com outra pergunta.

– Não foi nada. – o senhor respondeu, agora com uma expressão apavorada.

– Quem me deixou pensar? – perguntei – Foi Bianor? Você é de Ofir?

– Não sei de nada. – o senhor começou a surtar
– Não sei de nada.

– Não se apavore. – tentei acalmá-lo – Pode me contar.

– Não sei de nada. – o senhor continuava falando feito louco – Não sei de nada. Não me perturbe, não sei de nada. Não me perturbe. Eu já disse que não sei de nada.

– Sim, já disse. – a coisa estava ficando séria – Mas o senhor precisa se acalmar. Por favor, alguém ajude aqui?

– Ninguém! – o senhor gritou – Ninguém se aproxima de mim. Saia daqui! Vá para sua casa! Saia daqui! Saia agora!

– Senhor...

– Saia daqui agora! – os olhos do senhor mudaram – Você nunca escapará daqui.

– Essa voz? – estranhei.

– Saia daqui menina! – o senhor parecia cansado – Vá para sua casa. Lá você estará segura! Vá para casa!

– Mas o senhor? – estava preocupada.

– Vá para casa! – o senhor continuava gritando
– Para casa!

Sai correndo apavorada. A expressão que estava estampada no rosto daquele senhor estava apavorante. O que estava acontecendo?

De uma forma ou de outra eu queria muito ir para casa. Sem dúvida aquela cidade estava muito estranha. Aos poucos fui reparando que ela estava mais estranha do que eu imaginava.

As ruas estavam idênticas a última vez que a vi, as casas continuavam as mesmas, as lojas ainda estavam nos mesmos lugares, mas as pessoas haviam mudado. Ninguém que eu conhecia parecia estar na cidade. As pessoas eram todas desconhecidas e agiam de forma naturalmente estranha. Eram quase robóticas.

Entrei em casa as pressas. Não era para ser assim, mas a cidade estava me assustando. Estava realmente me assustando. Não entendia absolutamente mais nada. O que Bianor fez?

– Mãe? – chamei – A senhora está em casa? Mãe?

A sala estava do mesmo jeito que sempre foi. A casa estava toda apagada e aparentemente vazia. Segui para a cozinha, também vazia.

– Mãe, a senhora está no quarto?

Continuei sem resposta e resolvi subir.

O quarto da minha mãe estava estranhamente limpo e vazio. A porta do banheiro estava entreaberta. Minha mãe não costumava deixar-la assim. Resolvi olhar. Vazio.

Meu quarto também estava vazio e do mesmo jeito que o havia deixado, porém sem os litros e litros de água que me levaram de volta para Ofir.

– Claro! – disse tão alto que minha voz ecoou pela casa – A caixa!

Procurei a caixinha que havia me levado para Ofir duas vezes. Revirei meu quarto inteiro. Parte por parte. Revirei como nunca havia revirado antes. Retirei os moveis do lugar, joguei tudo o que estava guardado nos armários no chão. Fiz uma verdadeira bagunça, mas nada da caixa aparecer.

– Que ótimo! – olhei as coisas espalhadas pelo chão – Eu que não vou arrumar essa bagunça.

Sem pensar duas vezes me joguei na cama. Deveria ter pensado.

Deitei em cima de algo duro. Parecia um livro. E realmente era. E não era qualquer livro, era o livro. Aquele mesmo que achei em Ofir e acabou vindo comigo para Terra. Na época eu não entendia nada o que estava escrito, mas agora que eu já havia recuperado a memória, provavelmente conseguiria ler-lo.

Abri o livro na esperança de que, por conta do destino, eu pudesse encontrar uma saída para voltar para Ofir. Mas acabei tendo uma surpresa.

– O livro está em branco? – minha voz ecoou novamente pela casa – Será que é realmente o mesmo?

Olhei para a janela e reparei que já havia anoitecido. Eu havia passado o resto da tarde procurando a caixa e nem percebi que a noite tinha chegado. E minha mãe continuava desaparecida.

Desci e fui olhar se por acaso ela não estava a caminho. A casa parecia estar completamente morta e não havia um único barulho em toda a cidade que não fosse os meus passos.

Fui até a varanda. A rua estava completamente deserta. Nenhum sinal de qualquer tipo de ser vivo que não fosse árvores e flores. As casas estavam todas com suas luzes apagadas e as luzes dos postes estavam tão fracas que só conseguiam iluminar uma pequena parte da rua.

Comecei a andar pela estrada deserta. Era extremamente assustador. O vento frio fazia barulho de assovios. Tudo o que estava acontecendo era muito estranho. Começava a desconfiar de que não estava realmente em casa. O que estava acontecendo aqui?

Todas as casas pareciam estar desabitadas. As lojas estavam todas fechadas. Isso não era normal. E as pessoas? Para onde foram as pessoas desta cidade? E essa escuridão?

Resolvi voltar para casa. Estar completamente sozinha e no sentido literal da palavra não era nada reconfortante. Era como se estivesse perdida em uma cidade fantasma.

Continuei olhando a rua pela janela, na esperança de que tudo não passasse de uma pegadinha

e que todos estavam escondidos, apenas esperando o momento para voltarem as suas casa e rirem da minha cara de assustada.

Meus olhos aos poucos começaram a pesar. E continuaram pesando e pesando e pensando. Eles estavam realmente cansados. Eu estava realmente cansada. Tive que ceder.

Acordei quase junto com o sol. Sentia a luz entrar pela janela aberta e só neste momento reparei que havia dormido no chão, ao lado da porta. Levantei com o corpo completamente dolorido. Corri para o quarto da minha mãe na tola esperança de que a encontraria. Mas não encontrei. Voltei para a sala e comecei a ouvir barulhos vindo da rua. Olhei para a janela e tive uma grande surpresa.

– Mas o que significa isso? – disse para mim mesma.

A cidade havia acordado novamente. Pessoas andavam por todos os lados. As casas pareciam estar em festa de tanto entra e sai. As lojas, que na noite anterior pareciam abandonadas, estavam em um de seus melhores dias, repleta de clientes. Definitivamente algo estava muito errado. Definitivamente mesmo.

– Bom dia Beatriz! – um rapaz me cumprimentou.

– Bom dia Beatriz! – agora era uma senhora.

– Bom dia Beatriz! – uma criança.

– Beatriz, bom dia! – um garoto que deveria ser do contra.

Eu andava pela rua e simplesmente não entendia nada. Teria eu perdido novamente a memória? Todas essas pessoas falando comigo como se me conhecessem há anos e eu sem reconhecer um rosto sequer. O que estava havendo?

– Beatriz, você viu o carro novo que comprei? – um homem me parou em frente a sua casa. Ou pelo menos acredito que era.

– Fala Beatriz? – uma garota acenou para mim da bicicleta – Como vão os namorados?

– Namorados? – estranhei.

– Você está muito bonita hoje Beatriz! – nem sei quem falou.

– Será que alguém pode explicar o que está acontecendo? – gritei – Eu conheço vocês?

– Claro que conhece! – alguém falou em algum lugar.

– Você conhece todas as pessoas que estão aqui. – o homem do carro novo falou.

– Não eu não conheço! – estava assustada.

– Você sempre conheceu Beatriz! – o homem ficou sério.

– Eu estou falando que não conheço nenhum de vocês. – comecei a gritar mais alto.

– Você está pensando Beatriz? – o homem falou com certo estranhamento – Você não deveria pensar Beatriz, não nos é permitido pensar.

– Do que vocês estão falando? – estava apavorada – Todos vocês!

– Não pense Beatriz! – um rapaz loiro apareceu – Pensar pode te matar.

– Você viu o que aconteceu com meu marido. – a senhora apareceu por trás de mim – Ele pensou demais e explodiu. *Boom*.

– Mas o que é isso? – eles começaram a me cerca – O que vocês querem?

– Pare de pensar Beatriz! – o homem do carro novo – Você nunca sairá daqui.

– Junte-se a nós. – a garota da bicicleta estava de volta – Você será mais feliz se juntando a nós.

– Eu não quero me juntar a ninguém – continuei gritando – Eu quero sair daqui.

– Você nunca voltará para Ofir. – uma voz falou.

– Vocês sabem de Ofir? – perguntei – Isso é obra de Bianor? Digam!

– Não sabemos de nada. – todos começaram a falar em coro – Não sabemos de nada.

– Está acontecendo o mesmo que aconteceu com aquele velinho. – fiquei mais apavorada.

– Não sabemos de nada. – eles continuavam me cercando – Não sabemos de nada.

Eu precisava sair dali. E não tinha outro jeito. Respirei fundo e sai em disparada empurrando tudo e todos que estivessem no meu caminho. Eles não tentaram me impedir, mas vieram atrás de mim.

Corri o mais rápido que pude e levantei as mãos para o céu quando cheguei em casa. Tranquei todas as portas e fechei as janelas em uma velocidade anormal. Não era como se eu fosse o Flash, mas foi mais rápido do que um humano comum seria. Mas eu não era uma humana comum.

Olhei pela janela e eles estavam parados, apenas observando a minha casa. Era como se não conseguisse ou não pudessem passar pelo portão. Eles apenas olharam e aos poucos foram indo embora.

– Agora eu tenho certeza. – disse pra mim mesma – Não estou na Terra coisa nenhuma.

Fechei as cortinas das janelas. Não queria dar de cara com um deles. Mas precisava estar atenta caso eles resolvessem passar pelo portão. A sensação que tinha era de que estava em um daqueles filmes de zumbi baixa renda que eu costumava assistir quando tinha 12 anos.

– O que está havendo? – subi para meu quarto
– O que Bianor está tramando?

Assim que abri a porta dei de cara com o livro em cima da minha cama. Instintivamente eu o peguei e abri. Passei folha por folha. Todas em branco. Não conseguia entender o motivo daquele caderno está ali, agora que já estava convencida de que Bianor estava tramando algo e que eu não estava na Terra. Até chegar na última página.

Uma mancha negra surgiu e começou a tomar forma de letras. Estava escrevendo uma mensagem. Fui lendo em voz alta.

– Viu... Como... Eu... Não... Sou... Assim... Tão... Cruel...? – a mancha parou de formar letras – O que você quer dizer com isso Bianor? Responda!

Estava tão nervosa que atirei o livro pela janela. Isso acabou quebrando o vidro.

– Mas que droga! – gritei – Agora a mamãe... O que eu estou falando? Eu não estou na Terra. Dane-se essa janela!

Observei o movimento. Não havia mais nenhuma pessoa em volta da minha casa, mas elas continuavam nas ruas. Andando e agindo como se nada tivesse acontecido. Parecia ser mais um dia comum. Virei e fitei a cama.

– Mas o que é isso? – fiquei assustada.

O livro estava de volta. Exatamente no mesmo lugar que ele estava quando cheguei. Em cima da cama.

Novamente o instinto falou mais alto e acabei abrindo-o novamente, desta vez indo direto para a última página. A mensagem não estava mais lá.

– Eu já entendi tudo. – falei olhando ao meu redor – Não precisa mais fingir. Você está querendo me enlouquecer. Eu sei que está. Apareça seu covarde. Venha me enfrentar feito homem!

Obviamente eu não tive nenhuma resposta. Bianor não iria aparecer nunca. Eu teria que descobrir uma forma de sair daquele lugar o mais rápido possível.

Mas o que ele quis dizer com “eu não sou assim tão cruel?” E o que aquelas pessoas queriam dizer com “você não pode pensar?” Era muita coisa para uma única cabeça resolver.

Segui para o banheiro. Precisava lavar meu rosto e ver se conseguiria pensar em algo rápido. Mas Bianor definitivamente queria me enlouquecer.

– Olhe para mim. – era a minha voz – Não tenha medo de olhar para mim.

– Eu sei o que você quer. – continuei fitando a pia sem olhar para o espelho.

– Você não irá morrer se olhar para mim. Eu não sou a Medusa. – ela continuava me provocando.

– Eu não irei olhar. – disse decidida.

– Não seja uma menina má. – era estranho ouvir minha voz naquele tom maléfico – Eu sou você.

– Não! – gritei – Você é uma invenção de Bianor.

Ela deu uma gargalhada assombrosa. Uma sensação estranha me tomou e não consegui mais evitar. Tive que olhar para o espelho. Era exatamente como imaginava. Ela estava lá, rindo diabolicamente.

– Eu sou Mallory! – dissemos juntas.

CAPÍTULO 15 / E ELA SUMIU MAIS UMA VEZ

Alexis Melequíades Arrife Briseu do Corpeu Clístenes de Ofir



Perfeito. Realmente perfeito. Mas que loucura. O que eu estou fazendo aqui? Já estou começando a achar que não deveria ter apoiado essa idéia. Estou com um péssimo pressentimento.

– Disse alguma coisa? – Neandro perguntava.

– Acho que não. – não sabia se estava pensando alto ou se Neandro havia adquirido as habilidades do cabeça de pedregulho.

– Vamos aproveitar que os guardas ainda estão atrás do dragão e passar para aquele lado. – Neandro vigiava a praça – Devemos ficar o mais próximo possível do castelo, mas devemos manter nossas vidas a salvo em primeiro lugar.

– Isso é um pouco obvio, mas é fato. – fui obrigado a concordar – Será que está tudo bem com as meninas?

– Elas estão bem. – Neandro não parecia muito confiante – Elas são espertas.

Assim eu esperava. Continuava com um péssimo pressentimento. Não é que não confiasse nas habilidades delas para se defender, mas existia algo de muito preocupante naquilo tudo. Talvez seja um excesso de zelo – com a Beatriz principalmente – mas

eu tinha certeza de que era algo mais. Era muito mais grave do que isso.

Saímos do local onde estávamos para atrás de algumas árvores, do outro lado do castelo. Havia quase uma floresta atrás do castelo e eu não me lembrava de tantas árvores em minhas outras vidas a Ofir. Definitivamente Bianor queria transformar Calidora em um reino completamente distinto.

Não precisamos esperar muito para ver que Beatriz, Linfa e Thalassa estavam no castelo. Alias, elas não poderiam ter mandado um sinal melhor.

Centenas de prisioneiros estavam saindo furiosamente do castelo. Eles estavam atropelando tudo e todos em uma ânsia descontrolada por liberdade. No início foi engraçado, mas depois ficou assustador.

As pessoas começaram a andar feito loucas e rodavam a praça sem rumo. Era como se tivessem perdido o senso de direção. A impressão que tive era de que eles haviam desaprendido a viver em liberdade. Ou alguém os fez desaprender. Eles estavam enlouquecidos.

– Mas o que está acontecendo? – Neandro perguntava.

– Também gostaria de saber. – respondi.

– Eles enlouqueceram? – Neandro parecia mais estar fazendo uma afirmação do que uma pergunta.

– Ou é isso ou eles são excelentes atores. – observava a situação.

– Isso não me parece muito bom. – Neandro se abaixou.

– Sério? – fui puxado para baixo – Eu acho que isso não é nada bom.

– Devemos fazer alguma coisa? – Neandro estava pedindo minha opinião? O mundo estava mesmo de cabeça para baixo.

– Acho que por enquanto não. – tentei agir como o meu pai agiria – Estamos em dois. Se algo der errado...

– Veja! – Neandro apontou disfarçadamente em direção aos portões do castelo – Guardas.

– Eles provavelmente vieram prender os fugitivos. – observei.

Dito e feito. Os guardas começaram a capturar os prisioneiros. Muitos ainda conseguiram fugir, mas alguns foram presos. Esperava que os que conseguiram escapar chegassem salvos em algum lugar segura. Precisava pelo menos ter essa esperança. Apesar de não ser meu povo, eu me preocupo com eles. Mesmo que não goste muito de demonstrar.

Estava começando a ter certeza de que tínhamos sido precipitados em invadir Calidora. Não que o plano tenha sido ruim. Não completamente. Mas talvez, se tivéssemos elaborado com mais calma, o plano teria dado certo.

Uma dor forte atingiu meu braço. Na verdade não era uma dor, era mais uma ardência. Eu até já sabia do que se tratava. Era o ferimento em meu braço. Ele estava piorando. Retirei a manga da minha roupa para ver até onde o ferimento havia atingido. Já estava perto de chegar ao cotovelo. Estava avançando mais rápido do que esperava.

Como estará os homens de Tales? Isso me preocupava muito. Esperava que todos estivessem bem. No fundo eu até entendo um pouco a Beatriz, não é legal saber que os outros dependem de você. Precisava achar o mais rápido possível essas flores que curariam esses ferimentos, mas onde encontrar-las. Conhecer eu já conheço, mas até agora eu não vi nenhuma.

– Espere! – puxei Neandro para perto de mim – Aquele ali não é o cabeça de pedregulho do Nicardo.

– Cabeça de pedregulho? – Neandro achou engraçado – A Beatriz não está por perto e você aproveita.

– Engraçadinho. – eu ainda estava aprendendo a me controlar – Presta atenção!

– Deixe-me ver. – Neandro olhou na direção que apontava – Mas é ele mesmo. E olhe só, o Amadeus também está ali.

– E agora? – fui obrigado a perguntar.

– Essa confusão toda pode nos ser útil. – Neandro colocou o capuz e saiu em direção ao Nicardo e Amadeus.

– O que está fazendo? – continuei parado.

– Vem logo! – Neandro chamou.

Não tive opção. Acabei sendo forçado a seguir o meu irmão. Corremos feito loucos. Queríamos parecer mais um dos fugitivos que estavam rodando a praça. Não achava esse o melhor jeito de despistar os guardas, mas sem dúvida era melhor eles pensarem que éramos fugitivos do que terem a certeza sobre nossa verdadeira identidade.

Nicardo e Amadeus tinham acabado de entrar em uma loja. Uma alfaiataria. Aparentemente ninguém estranhou os dois entrando. Estavam todos em estado de choque, provavelmente ainda estavam assustados com o dragão. Eles estavam paralisados. Apenas os olhos mexiam na direção em que andávamos.

– Neandro? – Nicardo nos puxou para dentro da alfaiataria.

– Por onde vocês se meteram? – Neandro perguntou.

– Oi pra você também. – me fiz presente.

– Nós estávamos escondidos em cima de árvores. – Nicardo respondeu e continuou me ignorando. Aquele cabeça de pedregulho – Amadeus tinha um plano.

– Que plano? – perguntei desconfiado.

– Eu reparei que as coisas, do jeito que elas estavam, não iriam acabar bem para o nosso lado. – Amadeus começou a explicar o obvio – Vocês

precisavam urgente de uma distração para terem chances de fugir. E foi isso que eu fiz.

– Você fez? – perguntei – E que raio de distração você... Não?! Foi você que...

– Sim, foi ele mesmo. – Nicardo confirmou.

– Que incrível! – Neandro ficou surpreso – Eu podia jurar que aquele era um dragão de verdade. Não sabia que você tinha um nível de magia tão elevado.

– Grandes coisas. – tentei não demonstrar nenhum tipo de admiração. Tudo bem, foi realmente algo muito incrível. Tenho que admitir que nem eu faria algo assim. Mas não posso encher o ego desse desconhecido.

– Mas é agora? – Amadeus perguntou – O que está acontecendo lá fora?

– Linfa, Beatriz e Thalassa entraram em uma passagem que descobrimos perto do castelo. – Neandro contou – Pelo que parece deu direto nas masmorras. Elas seguiram com o plano.

– Mas o fuga dos prisioneiros já não tem muito sentido agora. – Nicardo falou.

– Mas eles continuam sendo inocentes. – Neandro falou – Só não entendi o que aconteceu com eles. Eles não pareciam mentalmente bem. Estavam iguais a zumbis, andando sem rumo.

– Eu também reparei nisso. – Amadeus disse.

– Estavam iguais a esses aqui. – Nicardo apontou com os olhos para as pessoas da alfaiataria.

Eles pareciam nem estar percebendo que falávamos deles.

Não esperamos as coisas se acalmarem. Seguimos para o submarino no meio da confusão. Os guardas pareciam ter perdido o controle da situação. Poderíamos não ter conseguido sabotar os soldados de Calidora, mas estávamos causando um grande transtorno ao reino. Alguma serventia isso deveria ter.

Conseguimos sair sem sermos percebidos. Algo estava conspirando ao nosso favor e eu estava extremamente agradecido por isso. Chegamos ao submarino sem levantar nenhuma suspeita.

– Ótimo. – disse – E agora? O que faremos?

– Não sei ainda. – Neandro estava preocupado.

– Beatriz, Linfa e Thalassa já deveriam ter voltado. – eu estava ainda mais preocupado – Não sei, mas estou com um péssimo pressentimento.

– Credo Alexis! – Nicardo balançou a cabeça como se conseguisse sentir o pressentimento ruim que eu estava sentindo. O pior é que aquela cabeça de pedregulho sempre sabe.

– Não vamos ficar pensando no pior. – Amadeus sempre tentando parecer o mais sensato.

– Amadeus tem razão. – Neandro idem – Precisamos pensar positivo.

– Já está começando a anoitecer. – Nicardo disse – Acho melhor dormirmos nos submarinos e amanhã bem cedo pensamos no que fazer agora. Além

de esperar por Beatriz, Thalassa e Linfa. Elas provavelmente voltaram para o submarino.

– E se elas tiverem sido capturadas? – perguntei – E se algo de muito ruim tive acontecido a elas? Vamos ficar aqui de braços cruzados?

– Eu também estou muito preocupado Alexis. – Neandro mantinha a calma – Mas precisamos estar bem para resgatar-las. Daqui elas não saíram e Bianor não irá fazer nada com elas. Pelo menos nada que não possa esperar.

– Neandro está certo. – Amadeus disse – Se bem conheço Bianor, ele não irá fazer nada sem que todos vocês estejam presentes. Ele gosta de ver as reações das pessoas. Se ele tiver que matar...

– Não diga essa palavra! – falei.

– Desculpe. – ele ficou constrangido – Tem razão. Mas se algo de ruim for acontecer com elas, nós ficaremos sabendo.

Não consegui dormi. Fiquei girando e girando no espaço que me foi reservado como cama. Definitivamente eu não queria que nada de mal acontecesse a Beatriz. Nem as outras. Eu estava muito preocupado. Resolvi respirar um pouco de ar noturno. Ele tem algo que o ar matinal não tem. É mais frio e denso.

Ouvi um barulho. Algo se rastejava em algum lugar. Escondi-me atrás de uma árvore. Sabia que era

perigoso ficar andando pela floresta sozinho, mas eu me garantia. Fosse o que fosse eu estava preparado para lutar.

Comecei a sentir uma sensação estranha. Era como se alguém estivesse se aproximando por minhas costas. Eu já havia sentido aquela sensação antes. E eu sabia exatamente o que era.

– O que está fazendo aqui? – me virei – Ótimo. Agora vai ficar me rondando também?

– E minha missão. – sua voz era muito irritante – Eu devo vigiar a Mallory e todos que a cercam. Isso inclui você também.

– Maravilha. – bufei – Eu realmente não queria ter sido um dos privilegiados. Eu não entendo, mas também prefiro nem entender.

– Você está atrás da Mallory? – Astra perguntou – Não perca seu tempo. Ela não vai voltar.

– O que você está dizendo? – quase gritei.

– Mallory agora é prisioneira de Bianor. – Astra se enroscou em mim – Ela foi aprisionada em um espelho mágico. Assim como aconteceu com sua mãe.

– Espelho mágico? – perguntei – Ela está no subterrâneo de Calidora?

– Não. – os olhos de Astra brilharam – Ela não está nessa dimensão. Ela está em um mundo paralelo.

– E o que aconteceu com Linfa e Thalassa? – perguntei preocupado.

– Asss duasss foram mandadasss de volta para a Capital de Ofir. – Astra se afastou – Elasss esstão bem. Não sssão o alvo de Bianor. Não no momento.

– E o que eu devo fazer? – comecei a me desesperar – Como resgato Beatriz?

– Apenasss a Mallory pode ssse libertar. – os olhos de Astra brilharam novamente – Apenasss ela pode dessscoibir o caminho de volta para Ofir. Ninguém maisss.

– E você? – perguntei – Os guardiões? Nenhum de vocês não podem fazer nada por ela?

– Nenhum de nósss temosss esse direito. – Astra colocava sua língua para fora – Não podemosss interferir nasss decisões das pessoasss. Apenasss elasss podem essscolher osss caminhosss que irá trilhar. Nósss ajudamosss apenasss quando sssomosss chamadosss.

– Como foi o caso da Linfa. – lembrei do que ela havia me contado – Ela pediu para que Anselm retirasse o veneno dela e foi isso que ele fez.

– Ele ssse assusssstou um bocado quando dessscoibiu que Mallory podia ver-lo. – Astra parecia sorri – Masss não perca asss esssperançasss. Bianor ainda foi muito bom com ela. Deixou livre para dessscoibir o caminho de volta. Ele poderia ter amarrado Mallory e deixado em uma dimensssão vazia igual aconteccceu com sssua mãe.

– Então realmente não possso fazer nada? – imitei seu modo reptiliano de falar.

– Não deveria zombar de mim dessa forma. –
os olhos de Astra arderam em chamas.

– Desculpe. – fiquei calmo – Foi apenas um
modo de expressar.

– Melhor que ssseja. – os olhos dela se
acalmaram.

– Agora é apenas esperar. – olhei para o céu
irritado – Que ótimo!

CAPÍTULO 16 / ENCONTRANDO UMA VILA EM UMA CAVERNA (?)

Astra sumiu no instante em que o sol começou a nascer. Era divertido ver como ela fugia do sol. Ela tem vários momentos onde se torna assustadora, mas definitivamente esse não era um momento.

Meu braço começou a arder novamente. Precisava achar rápido aquelas ervas. Meu braço parecia muito bem para quem via superficialmente. Ela até tinha começado a cicatrizar. Mas por dentro, a dor beirava ao insuportável às vezes. Mas eu não posso demonstrar. Principalmente pela beatriz. Ela já está tão preocupada com tantas coisas, não posso dar mais preocupações para essa menina enjoada que eu tanto amo.

Ficava imaginando os homens de Tales. Alguns estavam feridos com gravidade. O que estava acontecendo com aqueles homens? E qual seria esse maldito segredo que o Tales tanto esconder? Isso está parecendo àquelas histórias que Beatriz sempre me conta. Como é o nome mesmo? Novelas!

Corri para o submarino. Eu precisava avisar o que Astra havia me contado, mas sem deixar que eles percebam que foi uma das grandes divindades guardiãs de Ofir que me deixou atualizado sobre as ultimas notícias.

Nunca entendi o motivo, mas apenas poucas pessoas poderiam ver os guardiões. E eu sou uma delas. Não entendo também o motivo de não podermos revelar que vemos as divindades, mas isso pouco me importa. Na verdade tudo o que eu mais queria era para de ser perturbado por essa cobra gigante.

– Alexis – Neandro me viu entrando – Onde estava?

– Tomando o um ar. – disfarcei. Mas de certa forma não era mentira.

– Desde ontem à noite? – Nicardo desconfiou – Não te vi entrar.

– Vai ficar me vigiando agora cabeça de pedregulho? – zombei – Eu fiquei observando as estrelas e acabei pegando no sono.

– Você realmente parece ter dormido ao relento. – Neandro sorriu – Melhor, você parece nem ter dormido.

– Mas dormi. – mudei minhas expressões. Fiquei sério – E tive um sonho, não, revelação.

– Que você é um príncipe muito implicante? – Nicardo também aproveitava a ausência de Beatriz para zombar de mim.

– Não. – respondi – Se o que eu tivesse para falar não fosse tão sério eu te daria uma resposta.

– Então diga logo. – Neandro ficou preocupado.

– A Beatriz está sendo mantida prisioneira. – disse.

– Os guardas a pegaram? – Neandro arregalou os olhos – E Linfa? Thalassa?

– Elas estão bem. – tranquilizei – Elas foram mandadas de volta para a Capital.

– Por quem? – Neandro perguntou.

– Bianor. – continuava muito sério – Ela caiu em uma armadilha e agora está presa em uma dimensão paralela.

– Eu realmente gostaria de saber como Bianor aprendeu a fazer isso mesmo antes de se tornar o mago mais poderoso de Ofir. – Neandro socou a própria mão.

– Isso eu não sei responder – continuei explicando – mas acho que é o de menos neste momento.

– Mas como vamos resgatar-la? – Neandro perguntou.

– Não podemos. – disse de cabeça baixa – Apenas Beatriz pode encontrar o caminho para sair de sua prisão. Pelo que pude entender o espelho que foi usado para transportar-la se encontra em outra dimensão paralela.

– Bianor pensou em tudo. – Neandro baixou a cabeça, mas logo a levantou novamente como se tivesse se lembrado de algo – Aquela passagem...

– Muito provavelmente era a armadilha que o meu sonho falava. – conclui o pensamento de Neandro.

– Isso é péssimo. – Neandro socou a mão novamente – Era para se desconfiar.

– Mas espere só um segundo. – Nicardo interrompeu – Como você tem certeza de que isso não foi apenas um sonho?

– Eu tenho certeza! – fui direto.

– Acho que podemos confiar. – Neandro veio em minha defesa – Não é a primeira vez que Alexis tem esses tipos de revelação. E em todas ele estava correto.

– Então a situação é realmente séria! – Nicardo ficou preocupado.

– Eu já disse que sim. – tentei não parecer arrogante em respeito à situação.

– Então precisamos fazer alguma coisa. – Nicardo parecia desesperado.

– Mas apenas Beatriz pode se libertar. – disse.

– E você vai se deixar parar por isso? – Nicardo me afrontou – Alexis, eu não estou te reconhecendo.

Era terrível ter que admitir, mas Nicardo tinha razão. O que eu estava fazendo? Beatriz precisa de mim. Dane-se o que Astra disse, eu vou atrás de Beatriz seja onde for. Ela nunca me abandonou, mesmo quando não se lembrava de mim. Eu não irei abandonar-la agora. Nem agora e nem nunca.

– O que todos nós estamos esperando? – perguntei.

– E isso que eu queria ouvir! – Nicardo sorriu.

– O que vocês pretendem fazer? – Neandro perguntou.

– Acha uma forma de encontrar aquela passagem novamente. – respondi.

– Mas isso é impossível. – Neandro quase gritou – Apenas Bianor tem acesso a ela.

– E isso vai nos impedir de tentar? – perguntei.

– Tentar o que? – Amadeus já veio meter o nariz na história.

– Não é da sua conta. – quase gritei.

– Alexis! – Neandro disse em tom de repreensão – Achei que você tivesse mudado um pouco. Amadurecido.

– Desculpe – sorri – certas coisas nunca mudam.

– Claro. – Nicardo revirou os olhos – Falou o rei da prepotência.

– Não venha com essa de... Esquece. – disse suspirando – Temos coisas mais importantes para fazer agora.

– Mas será que alguém pode me explicar o que está acontecendo? – Amadeus perguntou.

Explicaram toda a história para Amadeus e seguimos em busca da passagem. Seguimos em direção a cidade, mas algo acabou me chamando atenção.

Era uma flor de cor avermelhada e com as pétalas em formato de triângulo. Não tinha cheiro, apenas beleza. Era a flor que tanto procurava. Por um instante acabei deixando a minha atenção se prender na flor e esse foi meu erro.

– Pessoal, vejam isso! – segui um pequeno rastro – Pessoal? Espere. Onde eu estou?

Estava no meio de uma floresta de pedras. Eram pedras para todos os lados. Nunca havia reparado aquele local e nem sabia dizer se surgiu antes ou depois de Bianor tomar o poder.

Tentei achar meu caminho de volta, mas acabei encontrando mais rastros e resolvi seguir-los. Os rastros ficavam mais visíveis no decorrer do caminho e pareciam ter sido escondidos de forma infeliz.

– Para onde isso leva? – estava curioso – Beatriz me perdoe, mas sinto que isso pode ser importante.

Continuei seguindo os rastros até parar na entrada de uma caverna. Era uma caverna muito grande e não parecia receber visitas há um bom tempo – se é que podemos reparar quando uma caverna recebe ou não visitas com frequência.

A Caverna era na verdade um tipo de precipício. Por pouco não cai rumo ao desconhecido. Mas algo me chamava para baixo. Era uma certeza de que seria necessário ir até o fundo da caverna. Como se isso fosse nos ajudar de alguma forma.

Notei que havia uma escada esculpida nas pedras. Uma longa escada. Longa e perigosa. Perigosa demais para se descer sozinho. Mas o que é altura para alguém que pode voar?

Quanto mais descia, mas escuro ficava. Isso era óbvio. Mas eu conseguia ver pequenos focos de luz. Quando cheguei ao fundo notei que os pequenos focos

de luz eram lanternas penduradas. Eram apenas duas, mas podia ver que mais a frente tinha outras.

Continuei seguindo os rastros que podia achar – que no caso eram as lanternas. Elas ficavam cada vez maiores e em maior número. E tive uma grande surpresa quando cheguei ao fim do caminho. A caverna escondia uma vila. Uma vila consideravelmente grande.

As casas eram feitas de pedras e madeira. Havia caminhos de terra cercados por pequenas pedras. As pessoas vestiam roupas largas e finas, como nas ilustrações que via nos livros da época em que Ofir era dominada por indígenas. Não demorou muito para descobrir o motivo das roupas. Apesar de ser uma caverna, lá era quente. Inexplicavelmente quente.

Minha presença logo foi notada e todos da vila se prepararam para atacar. Já senti as dores no braço devido aos esforços que fiz, desobedecendo as ordens médicas. Agora a dor voltava apenas de ver aquele povo inteiro se voltando contra mim.

– Calma! – me manifestei levantando a mão – Eu vim em paz. Não quero machucar vocês.

Um homem alto e parrudo saiu do meio da multidão e veio em minha direção. Ele olhava para meu rosto com expressões que colocariam até aquela cobra da Astra para correr pros braços da mãe. Ele me observou de cima a baixo.

– O que você quer? – o homem parrudo perguntou olhando nos meus olhos. Diretamente nos meus olhos.

– Inicialmente nada. – disse a verdade –
Cheguei aqui por acaso.

– Por acaso? – o homem perguntou.

– Sim. – tentei parecer o mais passivo possível

– Eu sou Alexis Melequíades Arrife Briseu do Corpeu Clístenes de Ofir, príncipe e herdeiro do trono de Ofir. Isso é, se ainda existir algum trono para ser herdado.

– De Ofir? – o homem pareceu acreditar e fez um sinal para que baixassem as armas – Você realmente tem uma boa memória.

– O que? – fiquei preocupado.

– Seu nome. – o homem sorriu – Não é qualquer um que consegui decorar um nome tão grande e complicado.

– É isso? – sorri aliviado – Repito-o desde sempre.

– Muito bem, eu sou Daros. – ele sorriu – Apenas Daros.

– Oi Daros. – disse constrangido.

– Vamos, junte-se a nós. – Daros me pegou pelo ombro – Você parece muito cansado.

– Tudo bem. – respondi sem entender nada.

Daros me levou até uma grande e luxuosa – na medida do possível – casa de pedra. Era uma casa bem organizada, com todos os moveis feitos de pedras e madeiras. Era até jeitosa. Não seria exatamente o lugar que escolheria para viver uma vida inteira, mas sem dúvida era um lugar aconchegante.

– Sabe, apesar de não ser oficial, eu posso me considerar o rei disso aqui. – Daros trazia duas xícaras – Eu fundei essa vila. Somos todos fugitivos da tirania de Bianor.

– Espere! Vocês não moravam desde sempre aqui? – perguntei.

– Somos todos fugitivos, como acabei de dizer.
– Daros ergueu a xícara – A grande maioria morava em Calidora e Menelau, mas temos pessoas de Leander, Sotero, Neide e até da Capital. Posso dizer que essa vila funciona como um refugio para todos aqueles que querem se esconder da guerra que está acontecendo do lado de fora.

– Acho que entendo. – levantei uma sobrancelha.

– Todos aqui, se tivessem continuado lá em cima, teriam se tornado prisioneiro de Bianor de alguma forma.

– Mas Bianor nunca descobriu? – achei estranho.

– Eu fiz um campo mágico protegendo a passagem desta caverna, mas minha magia não é assim tão forte. – Daros soprou o chá gelado – Prova disso é que você passou. Preciso reforçar esse campo. Mas de qualquer forma, não acredito que Bianor não tenha notado. Ele deve estar planejando algo. Por isso estou treinando os meus homens para qualquer trágica eventualidade.

– Deixe-me entender apenas uma coisa. – eu disse – Você sabe usar magia, está treinando um exercito, veio de Calidora... O que você era exatamente?

– Eu era o conselheiro real do antigo rei de Calidora. – vi tristeza nos olhos de Daros – Eu servi ao rei por quase metade da minha vida, até descobrir que ele estava se juntando a Bianor na rebelião que aconteceu a quase três anos na Capital.

– Eu me lembro muito bem desse dia. – as imagens das pessoas correndo desesperadas pela praça passaram claramente na minha frente.

– E você? – Daros perguntou – O que estava fazendo?

– É uma longa história. – alertei.

– Acredito que temos tempo. – ele sorriu.

Daros era grande mesmo sentado. Sua pele avermelhada me fez lembrar os leandineses. Sua cabeça careca parecia uma esfera de metal. Mesmo com as feições mais relaxadas ele continuava sendo amedrontador, mas de uma forma que dava para se acostumar depois de conhecer-lo melhor. Mas algo em seus olhos trazia paz. Eu via a bondade nele.

Contei sobre a história de Beatriz, sobre as batalhas que tivemos que travar, sobre os planos que tramamos desde o inicio para impedir que Bianor iniciasse a guerra e sobre a nossa tentativa de sabotar o exercito de Bianor. Contei também sobre o veneno e sobre a erva que havia colhido.

– Deixe-me ver. – ele estendeu a mão. Mão essa que era três vezes maior que a minha.

– Claro. – retirei a erva da minha bolsa.

– Mas é isso? – ele sorriu – Disse que tem um exército inteiro precisando disso?

– Sim. – respondi.

– Pois acredito que tenho ervas para mais de mil soldados. – Daros sorriu.

– Não diga que...

Daros me levou até uma parte aos fundos da vila. Era uma parte isolada e que, inexplicavelmente, crescia uma das mais diversas vegetações que já vi em minha vida. Era uma mistura de flores que nunca havia visto antes. Realmente incrível. Mas mais incrível foi ver o batalhão de ervas vermelhas que tanto precisávamos.

– Mas isso é inacreditável! – estava realmente impressionado.

– Acha que irá ajudar? – Daros perguntou.

– Sem dúvidas! – estava aliviado – Apenas uma delas já é o suficiente para duas pessoas. Aqui dá para curar todos os soldados e ainda sobra.

– Se quiser, pode levar. – Daros sorriu.

– Sério? – estava estranhamente feliz – Está fazendo isso por mim por quê? Tem tanta certeza de que estou falando a verdade sobre quem sou?

– Tenho. – ele balançou a cabeça – Vejo isso em seus olhos e em seu coração. Você pode até agir

feito um príncipe arrogante, mas existe um coração muito puro e honesto dentro deste peito.

– Tudo bem. Isso foi estranho. – fiz careta – Mas obrigado pelos elogios. Não tenho recebido muito ultimamente. O pessoal lá em cima... – foi então que lembrei – *O pessoal lá em cima!*

– Deixou alguém esperando? – Daros perguntou.

– Sim, deixei! – respondi.

– Vamos, eu te ajudo. – Daros deu um tapa em minhas costas. As pessoas gostam de fazer isso comigo.

Daros fez um grande saco aparecer e, como se regesse uma orquestra, fez varias ervas saírem flutuando direto para o saco.

– Você é bom! – disse.

– Obrigado. – Daros sorriu – Agora passe isso aqui no seu braço.

– O que é isso? – Daros me entregou uma garrafa vermelha.

– É o antídoto do veneno. – Daros ficou sério – Notei que você estava usando um remédio para estacionar o veneno, mas ele não vai durar para sempre.

– Quando você fez isso? – perguntei muito surpreso.

– Agora. – ele sorriu.

– Tenho que admitir – também sorri – Você é realmente muito bom!

– Obrigado outra vez. – Daros fez um gesto de agradecimento com a cabeça.

Voltei à superfície e não demorou muito para encontrar o caminho de volta para os submarinos. Era estranho, mas desta vez pareceu mais fácil que quando estava vindo. Talvez fosse apenas impressão minha.

Encontrei Neandro, Nicardo e Amadeus assim que sai dos “domínios da caverna”. Eles pareciam um tanto preocupados. Muito preocupados.

– Onde você estava esse tempo todo? – Neandro perguntou.

– Achei umas coisinhas. – abri o saco. Resolvi não revelar ainda a vila na caverna.

– Já usei em mim. – deixei escapar. Mas ninguém pareceu notar que eu não tinha a mínima noção de como se fazia o antídoto.

– Aqui tem para todos e um pouco mais. – Neandro estava feliz.

– Acho que devemos voltar. Amadeus sugeriu.

– Eu vou ficar. – Nicardo falou. Maldito disse antes de mim.

– O que? – Neandro se espantou.

– Eu não posso deixar a Beatriz. – Nicardo se fez de herói.

– Eu também vou ficar. – disse fuzilando Nicardo com os olhos – Eu iria dizer isso bem antes dele, mas ele se apressou. Eu também não posso abandonar a Beatriz.

– Vocês estão certos disso? – Amadeus perguntou.

– Eu pelo menos estou certíssimo. – respondi.

– Eu também. – Nicardo devolveu os olhares.

– Então eu também irei ficar. – não sabia o que Amadeus tinha com a história.

– Vocês estão realmente certos? – Neandro perguntou.

– Já disse que sim. – respondi.

– Vocês realmente querem me deixar preocupado. – Neandro bufou.

– Você não vai ficar? – Amadeus perguntou.

– Eu preciso voltar. – Neandro respondeu – Se Linfa estiver mesmo na Capital, eu preciso ver se está tudo bem.

– Entendo. – Nicardo disse.

– Acho que só posso desejar boa sorte. – Neandro entrou no submarino.

Assim que ele entrou que notei. Era a primeira vez que ele me deixava sozinho. Não que eu nunca tivesse ficado sozinho antes, mas eu sempre fugia. Essa era a primeira vez em que ele me passava à responsabilidade de cuidar de mim mesmo. Isso me assustou um pouco. Mas não era pior do que ter que ficar com dois seres quase insuportáveis.

CAPÍTULO 17 / E ELE ESTAVA ESPERANDO POR NÓS

D

e repente eu me vi sem ação. Eu estava no comando e sabia exatamente o que eu queria fazer, mas eu teria mesmo que dar ordens a Amadeus e Nicardo? Não que isso fosse algo ruim, pelo contrario, mas não seria algo fácil. Pelo menos não da parte de Nicardo.

– Cadê a cicatriz no seu braço? – Nicardo falou alto – Ela parece estar sumindo.

– O que você disse? – disfarcei.

– Achei que não soubesse como fazer o antídoto. – Nicardo puxou meu braço – Está sarando rápido.

– Tire as mãos do meu braço cabeça de pedregulho! – puxei meu braço para longe das mãos de Nicardo – Não é nada disso.

– Então o que é? – Nicardo perguntou.

– Eu... Eu esfreguei as folhas no meu braço – continuei disfarçando – Foi isso.

– Sêrio? – Nicardo não estava acreditando – Não acho que seja assim tão simples.

– Pois eu acho que pode ser mais simples do que imagina. – bufei – Você é muito desconfiado.

– E você não dá motivos para acharmos que está escondendo algo de nós. – Nicardo continuou me fitando desconfiado.

– Queria saber como você consegue ser tão chato. – bufei novamente.

– Eu também queria saber quando você vai crescer de verdade e nem por isso fico dando showzinhos. – Nicardo não parecia muito maduro dizendo isso.

– Eu dando show? – perguntei – Está me achando com cara de que?

– Muitas coisas. – Nicardo deu um sorriso debochado – Mas nem todas eu posso dizer.

– Você se acha o sabichão. – Nicardo tinha uma habilidade especial para me tirar fora do sério. Não queria admitir, mas ainda tinha muito ciúme. Eu não via mais tanta paixão nos olhos dele, mas sabia que ainda era apaixonado por Beatriz.

– Vocês dois! – Amadeus interrompeu – Acho que temos algo mais importante para fazer.

– Desculpe. – Nicardo se recompôs – Você tem razão. Temos algo mais importante.

– Você acha que não sei. – tentei não gritar – Se tem alguém que se importa realmente em resgatar Beatriz esse alguém sou eu.

– Sério? – Nicardo ironizou – Não parece.

– Vocês vão começar de novo? – Amadeus quase puxou nossas orelhas.

– Desculpe – Nicardo e eu dissemos quase juntos.

– Agora eu quero que vocês dois apertem as mãos e façam as pazes. – Amadeus saiu do meio de nós dois.

– Está falando sério? – Nicardo falou alto.

– Eu não aperto qualquer mão. – fui mais rude do que deveria. Não gosto muito quando a força do habito fala mais alto.

Amadeus ficou olhando para nós dois com olhos pidões. Não era de cair em chantagens emocionais, ainda mais feitas por homens, mas algo naquele olhar me fez querer fazer tudo se resolver logo. A sensação era quase torturante.

– Muito bem! – Amadeus bateu palmas quando apertamos as mãos – Agora vamos entrar no submarino e planejar algo para mais tarde.

Neandro havia deixado um submarino conosco. Poderíamos precisar. Corrigindo: iríamos precisar. Os soldados voltaram junto com Nicardo nos outros submarinos. Ficamos apenas Nicardo, Amadeus e eu. Com o tempo eu e Nicardo aprendemos a manejar com perfeição essas máquinas de Cosmo. Alis, como estaria aquele maluco? E Thalassa e Linfa? E Beatriz? Sem dúvida essa é a que me dava mais motivos para me preocupar. Eu preciso urgente achar um meio de trazer-la de volta. Não só por Ofir, mas por mim também. Já não posso viver sem ela.

Estava em dúvida se deveria ou não contar a Nicardo e Amadeus sobre Daros e a caverna escondida. Apesar de não gostar dele, em Nicardo eu sabia que não teria problemas e poderia confiar. Agora Amadeus ainda era um mistério. Eu não consigo engolir a história que ele contou. Essa coisa de “príncipe preso por anos

nas masmorras sendo criado por serviçais”, sério, isso não me convenceu. Essa história parece fantasiosa demais. Claro, pode ser verdade. Mas e se não for?

– Pensando muito? – Nicardo olhou sério para mim.

– O que você acha? – perguntei.

– Tem certas coisas confusas. – Nicardo falou mais baixo – Não sei dizer exatamente. Por alto não parece ter motivos para desconfiar, mas ainda é um mistério. Mas a história é real.

– Você já foi melhor. – disse um pouco mais alto do que deveria.

– Magia forte. – Nicardo colocou o indicador na frente da boca – Sempre complica as coisas.

– Quem usa magia forte? – Amadeus apareceu na nossa frente.

– Beatriz! – Nicardo respondeu rápido – Poderíamos rastrear-la, mas a magia dela é forte e acaba causando interferências.

– E você sabe rastrear uma pessoa? – Amadeus pareceu acreditar.

– Não. – a voz de Nicardo ficou em um tom cômico – Acredita nisso? Não sei nem por qual raio de motivo eu toquei nesse assunto.

– Que pena. – Amadeus acreditou – Se pudéssemos rastrear-la seria uma mão na roda.

– Séria mesmo. – Nicardo disfarçava bem.

– Mas no meu sonho ela estava em uma dimensão paralela. – lembrei – A menos que

soubéssemos a entrada exata do portal não adiantaria nada. Fora que apenas quem cria o portal pode abri-lo.

– Mas você conseguiu abrir uma passagem. – Nicardo lembrou – No castelo de Calidora, quando você e Beatriz foram parar naquele labirinto subterrâneo.

– Aquele foi um caso diferente. – falei assustado.

Naquela época era como se não fosse mais eu. Desde que quase virei um ser do bosque muita coisa mudou em mim. Quando tomei de volta minha identidade eu senti um poder novo invadindo meu corpo. Era como se eu pudesse fazer muito mais do que eu julgava saber fazer. E naquele momento, quando coloquei a mão no chão da sala do trono, algo mais poderoso que qualquer outro tomou o controle. Eu tinha plena certeza de já não era mais eu mesmo ali. Quando as coisas se acalmaram, esse poder se aquietou também. E está adormecido até agora.

– Eu estive pensando muito sobre isso. – Nicardo falou – Talvez devêssemos voltar ao castelo e ir para a sala do trono. Talvez a chave para acharmos Beatriz esteja lá.

– Mas não acha esse plano maluco demais? – Amadeus ficou preocupado.

– Talvez, mas não temos muitas opções. – Nicardo tentava tomar a liderança. Tinha que fazer algo.

– Nós iremos ao castelo. – disse – Vamos entrar na sala do trono, talvez possamos encontrar uma passagem por lá.

– Mas foi exatamente o que eu sugeri. – Nicardo fez uma cara confusa.

– Mas eu disse com mais classe. – estufei o peito.

– Claro. – Nicardo sorriu debochado – Tinha que ser você. Eu não estou tentando te tirar da liderança, estou apenas sugerindo um plano.

– E eu não estou com medo de que me tire à liderança. – tentei parecer convincente.

– Sei. – Nicardo levantou a sobancelha direita.

– Vamos continuar armando o plano? – Amadeus já reparava que estávamos prestes a iniciar uma discussão.

– Vamos. – disse – Acho melhor agirmos à noite.

– À noite? – Nicardo perguntou.

– Á noite! – confirmei – Os guardas são em menor número e a cidade fica mais escura. Ficará mais fácil de entrarmos. Não temos mais um exercito nos dando cobertura.

– Alexis tem razão. – Amadeus falou – Todo cuidado é pouco.

– Mas como iremos entrar? – Nicardo perguntou.

– Isso eu ainda não sei. – falei.

– Precisamos pensar rápido se quisermos fazer isso à noite. – Nicardo disse em tom repreensivo – Logo vai começar a escurecer.

– Alguma idéia? – perguntei.

– Vamos pensar. – Nicardo tentou não ficar constrangido por também não ter uma idéia.

Pensamos e pensamos e acabamos decidindo por entrar por debaixo da ponte que levava ao castelo. Era muito arriscado, mas podia dar certo. Talvez estivéssemos todos loucos mesmo. Ainda estava tentando me convencer de que esse não era um plano amador e arriscado.

Chegamos à cidade no momento em que as tochas do castelo foram acesas. Ficamos esperando o momento certo para entrarmos no pequeno rio que havia sido montado em volta da entrada do castelo. Até que eu vi uma coisa. Ou melhor, uma pessoa.

– Indo para o castelo? – ouvi uma voz perguntando.

– Com certeza. – um homem gordo e de chapéu de palha respondia de cima de uma carroça – Se não entregar isso posso ter minha cabeça cortada.

– Que ótimo. – a outra pessoa pareceu não estar prestando muita atenção no que o homem gordo estava falando.

O homem gordo esperou a pessoa – que depois consegui identificar como uma mulher – passar para descer da carroça.

– Preciso mesmo me aliviar. – o homem gordo olhou para os lados e seguiu em direção a algumas moitas escondidas.

– Mudanças de planos! – cochichei.

Rapidamente entramos todos na carroça. O homem gordo parecia estar mesmo precisando se aliviar. Nos agachamos e nos cobrimos com a grande manta que cobria vários sacos. Estava torcendo para que nenhum guarda resolvesse conferir o carregamento da carroça. Não queria uma luta surpresa.

Depois de alguns minutos o homem gordo voltou assobiando e seguiu em direção ao castelo. Tentamos fazer o menos número de barulhos possíveis, mas o homem cantava com tanta dedicação que provavelmente não notaria nenhum outro barulho além de sua voz desafinada. De repente a carroça parou.

– Quem vem? – um guarda respondeu – É você!

– Trouse o pedido. – o homem gordo parecia orgulhoso.

– Muito bom. – o guarda era inexpressivo – Agora leve-o até o local de sempre e suma daqui.

– Como sempre faço. – o homem gordo tentou levar na esportiva – Sabe dizer se a vossa majestade, Rei Bianor, precisará de mais desses?

– Se precisar ele te procurará! – o guarda continuava inexpressivo.

– Espero já ter encontrado alguém para lapidar-los. – ouvi o barulho dos portões abrindo – Não é qualquer um que sabe usar-los para construir algo tão grande.

– Os portões já estão abertos. – a falta de emoção na voz do guarda já estava me irritando – Faço logo o que tem que fazer e pare de nos importunar.

– Muito obrigado. – senti um tom de deboche sendo engolido a seco.

A carroça voltou a ficar em movimento e resolveu conferir o que estava sendo transportado. Nicardo me olhou repreensivo quando me viu abrindo um dos sacos, mas logo mudou para expressões de surpresa. Expressões que eu também compartilhei.

O saco estava cheio de pedaços de cristais. Todos ainda em sua forma bruta. E se todos aqueles sacos estivessem cheios do mesmo conteúdo já tínhamos ganhado mais um motivo para preocupação.

A carroça parou novamente e ouvimos o homem gordo descer. Esperamos os passos dele ficarem distantes até fazermos qualquer coisa. Assim que tive certeza de que o homem gordo joguei a manta branca para fora da carroça. E claro, tive outra surpresa.

– Vocês? – um dos quatro guardas se assustou.

– Você tinha que tirar a manta branca justamente agora. – Nicardo se preparava para a luta.

– Acho que, definitivamente, não é hora para esse tipo de briga. – Amadeus também se preparava para lutar.

Estávamos em um tipo de depósito. Não havia muitas coisas. Tinham algumas carruagens, retratos dos reis antigos de Calidora, alguns objetos que não identifiquei e apenas os quatro guardas estavam presentes. Para nossa sorte.

Não fizemos muito esforço para derrotar-los. Na verdade foi até divertido. Acho que estávamos um pouco enferrujados, mesmo não tendo nem uma semana direto desde a nossa última batalha na Praça de Calidora. Mas já haviam acontecido tantas coisas que aquilo me pareceu uma eternidade.

Amarramos os guardas e pegamos suas armaduras. Não era exatamente a idéia mais original do mundo, mas tem dado certo em quase todas as vezes que foi executada. Agora precisávamos torcer para conseguirmos entrar na sala do trono sem levantarmos suspeitas.

O castelo de Calidora estava muito diferente. Havia várias pinturas de Bianor espalhados por todos os cantos. Além de várias estatuas em cada corredor, sempre posando como o grande herói da nação. Era estranho ver tudo aquilo. Na verdade era quase apavorante. Quase não, era apavorante.

– Acho melhor nos dividirmos. – sugeri.

– Não. – Nicardo cortou rápido a idéia –
Precisamos ficar juntos. Seria muito arriscado.

– Nicardo está certo. – Amadeus também
concordou.

– Claro. Ignorem minhas idéias. – tentei
parecer ofendido.

Eles tinham razão. Foi uma idéia boba. Mas eu
não podia ficar dando muitos créditos para esse dois.
Era melhor manter a pose de soberano ou eles
montariam em cima de mim. Odiava sentir isso, mas às
vezes Nicardo parecia ser uma pessoa bem melhor que
eu.

Seguimos direto para a sala do trono. Não
hávamos muito tempo para perder. Não acreditava
mesmo que o portal pudesse continuar sendo ali. Ainda
mais depois do incêndio que causamos fugindo daquele
labirinto e enfrentando aqueles monstros e homens
sombrias dos quais tenho pesadelos até hoje. Mas de
qualquer forma não custava tentar. Ou custava?

Abri as portas rapidamente e já entrei tirando o
capacete de soldado. Começava a achar que estava
realmente agindo com muita precipitação.

– Demoraram. – Bianor estava sentado no
trono – Achei que não apareceriam mais.

– Do que você está falando? – perguntei.
Odiava aquele silêncio constrangedor que sempre
acontece em situações como essas.

– Não parece óbvio? – ele gargalhou – Claro.
Vocês acharam que estavam me enganando.

– O que você quer dizer com isso? – Nicardo falou furioso.

– Olhem! – Bianor se levantou – Temos dois príncipezinhos no recinto. Que bonitinho. Mas eu já sabia. Aliás, eu estava esperando por vocês.

CAPÍTULO 18 / ESPELHOS NA ESCURIDÃO

B

ianor sorria tão maliciosamente que chegava a dar nojo. Para ser totalmente honesto, apenas falar o nome dele já dava nojo. Acho que podemos triplicar esse nojo e ainda somar-lo com mais dois pontos de raiva e alguns muitos pontos de vontade de apertar o pescoço de um. Exagero? Sem dúvida não para quem já o viu sorrindo tão debochadamente.

– Como assim “eu estava esperando por vocês?

– Nicardo interrompeu minhas contas.

– Exatamente o que parece querer dizer. –

Bianor se sentou novamente – Eu estava esperando por vocês. Todos vocês. Até mesmo esse outro príncipezinho, mas achei que ele não conseguiria chegar tão longe. Vejo que é mais forte e esperto do que pensei. Pena estar do lado deles.

– O lado certo! – Amadeus disse como se fosse homem.

– O lado do mau! – Bianor gritou – O lado arcaico e que não aceita mudanças. O pior lado para se estar! Um lado que não vai levar a nada. Será que vocês não enxergam que tem muito mais a ganhar ficando comigo do que contra mim?

– Quem iludiu a sua cabeça oca? – zombei – Você é que está no pior lado. Mas nós não queremos homens como você ao nosso lado. Agora diga onde está Beatriz.

– Mallory está segura. – Bianor ficou sério – Ela está a salvo. Não precisam se preocupar.

– Estando com você acho que não se preocupar é impossível. – Nicardo tentou não se irritar.

– Ela está segura, já disse. – ele sorriu mais uma vez – Eu dou minha palavra de honra que não encostarei um dedo sequer nelas.

– Que palavra de honra? – gritei – Desde quando a sua palavra tem algum crédito?

– Espere! – Nicardo me interrompeu – Você valou “nelas”?

– Sim. – Bianor levantou a sobrancelha – Nelas. Beatriz e Mallory.

– Mas as duas são a mesma pessoa. – Nicardo estava intrigado.

– Você está muito enganado. – Bianor baixou a voz – As duas são pessoas completamente diferentes.

– Agora diga para que nos trouxe aqui? – Amadeus perguntou sem rodeios.

– Não estou dizendo que esse príncipezinho é mais esperto do que pensava. – Bianor se levantou novamente – Já descobriu a pegadinha.

– Pegadinha? – perguntei.

– Claro. – Bianor se aproximou – Você já devem ter percebido que eu os trouxe aqui.

– Para que? – Amadeus disse começando a ficar nervoso.

– Como para que? – Bianor gargalhou – Não parece óbvio? Eu estava querendo me divertir. Vocês se divertem o tempo todo. Eu também tenho direito.

– Quem é você para falar em direito? – gritei.

– Eu ignoro você Alexis! – Bianor me lançou um olhar de desprezo – Mas como dizia, antes de ser interrompido, agora que a principal ameaça foi neutralizada eu quero me divertir. E como eu irei fazer isso? Eu mesmo respondo. Invadindo o castelo da Capital e tomando o que é meu.

– Desde quando você tem algo além do desprezo alheio? – perguntei debochando.

– E você acha que iremos deixar? – Nicardo lembrou bem.

– Eu tenho certeza que nenhum de vocês irá deixar. – Bianor se afastou um pouco – Mas o que vocês poderão fazer? Nada.

Bianor esticou o braço e fez alguns movimentos com as mãos. Pequenos pontos de luz começaram a surgir entre os dedos de Bianor e foi crescendo até se tornar uma grande espada.

– A minha arma principal ainda não está pronta, mas falta pouco – Bianor ergueu a espada – Não vejo a hora de remodelar Ofir a minha maneira.

– Está delirando? – Amadeus perguntou.

– Claro que não. – Bianor soltou outra gargalhada – Na hora certa vocês saberão. Mas agora vamos tratar de outro assunto.

Antes que pudéssemos falar qualquer coisa Bianor apontou a espada para cada um de nós. Não sabia o que ele estava fazendo e nem como estava fazendo, mas depois que ele apontou a espada para mim meu corpo ficou imóvel. Eu havia virado uma estatua viva.

– Não, não, não. – Bianor encostou o dedo sujo em minha boca – Se tentar falar pode acabar explodindo sua cabeça. Você não deve fazer muito esforço.

Eu estava com muito medo. Estava realmente com muito medo. Mas desta vez pelo menos eu não precisava disfarçar o medo. Ninguém iria notar o meu medo. Detestaria ser visto como um fraco por Amadeus, Nicardo e principalmente por Bianor.

Ele ficou admirando suas novas “obras de arte” e depois voltou para o trono arrastando sua espada pelo chão. A espada fazia um risco enorme no chão, mas rapidamente desaparecia sem deixar um único rastro. Bianor estava aprimorando seus poderes, não havia dúvidas.

Bianor nos admirou mais um pouco e depois começou a fazer uns movimentos circulares com as mãos. Logo um grande buraco negro se formou bem diante de nós.

– Não será para sempre, prometo, mas tenho que garantir que vocês não me atrapalharam. – Bianor falou bem alto.

Do seu trono ele começou a puxar uma corda imaginaria que fez com que Amadeus comesçasse a ser arrastado para dentro do buraco negro. Depois de Amadeus, foi a vez de Nicardo. Ele parecia tentar resistir, mas logo parou e deixou-se ser arrastado. Por fim eu comecei a sentir algo puxando meu corpo. Não fiz igual ao Nicardo. Estava desesperado demais para tentar impedir que Bianor me arrastasse. E se uma simples tentativa de falar poderia explodir minha cabeça, imagine o esforço de tentar ficar no mesmo lugar?

A escuridão tomou conta de tudo. Não se vi absolutamente nada além do preto. Conseguia me mexer novamente, ao menos isso. Senti que estava flutuando. Não parecia haver nada mesmo naquele local. Tentei alcançar o teto, mas fiquei subindo e subindo. Tentei voltar ao que poderia ser o chão, mas acabei não encontrando nada. Tentei achar as paredes, mas não também parecia não haver nada. Das duas uma: Ou estávamos jogados no meio de uma galáxia ou aquele local era realmente grande em todos os sentidos. E se tratando de Bianor poderia ser qualquer uma das opções.

– Amadeus? Nicardo? – só então me lembrei dos dois.

Não tive resposta, mas continuei gritando e seguindo rumo ao nada. Quanto mais eu vagava, mas certo eu ficava de que aquele lugar não tinha começo e nem fim.

– Alexis? – era a voz de Nicardo.

– Nicardo? – gritei – Ainda está me ouvindo?

– Estou! – a voz de Nicardo parecia distante.

– Amadeus está com você? – perguntei.

– Não. – Nicardo respondeu, agora um pouco mais perto – Continue falando que eu vou seguir sua voz.

– Tudo bem – comecei a falar – vou ficar parado bem aqui até você me achar. Você já me achou? Está perto de me achar? Onde você está? É o mesmo...

– Tudo bem, já pode fechar a boca! – senti Nicardo segurando minha mão.

– Engraçadinho. – fiz careta, mas ele provavelmente não viu – Vai ficar segurando minha mão.

– Dadas as circunstâncias eu vou! – Nicardo respondeu – Precisamos ficar unidos. Se nos perdemos nesse nada poderemos não sair jamais. Pelo menos não juntos. Se alguém encontrar uma saída, pelo menos todos nós saímos de uma vez.

Odiava admitir, mas ele estava certo. E odiava mais ainda saber que ele sabia que disso. Maldito leitor de mentes. Eu queria só ver como ele reagiria se de repente alguém comesse a ler a mente dele. Aposto como iria ficar todo estressadinho.

– Vamos deixar de papo furado e procurar por Amadeus. – Nicardo quebrou o silêncio.

– Precisamos mesmo? – perguntei.

– Alexis... – Nicardo provavelmente não fez uma cara muito bonita. Não que alguma vez ele já tivesse feito.

Continuamos atrás de Amadeus. Acredito que foram alguns minutos, mas o tempo ali não parecia passar.

Aos poucos comecei a me acostumar com a escuridão. Se existisse algo ali eu provavelmente conseguiria enxergar suas siluetas, mas não havia nada mesmo. Isso era um pouco estranho.

– Amadeus? – gritei.

– Se estiver nos ouvindo siga nossa voz! – Nicardo também estava gritando.

– Você está vivo? – continuei gritando.

– Não diga bobagens Alexis! – Nicardo apertou minha mão. Isso estava ficando muito estranho mesmo – Ele não morreu. E se estivesse morto, não responderia.

– Eu não estou ouvindo resposta de ninguém. – constatei.

– Agora eu que digo engraçadinho. – Nicardo disse debochando.

– Que ótimo! – bufei – Perdidos no meio do nada, tendo que ficar de mãos dadas com um cabeça de pedregulho e ainda procurando um pirralho que não se sabe nem se está vivo.

– Ei! Eu não morri – era a voz de Amadeus. Vinha por de trás de nós – E não sou assim tão mais novo que você.

– Chegue mais perto! – Nicardo falou – Cadê sua mão.

– Vai querer ver o futuro dele? – zombei.

– Você sabe muito bem que não. – Nicardo disse sério – Precisamos ficar todos juntos.

– Concordo. – Amadeus falou.

– Senhor sabe tudo, me responde essa – esse apelido era do Cosmo, mas como ele não está – Onde exatamente nós estamos?

– No meio do nada. – Amadeus respondeu.

– Isso já deu para perceber, mas eu quero saber... Esquece. – bufei mais uma vez – Isso daqui não deve nem existir. Deve ser outra dimensão. Ficaremos aqui para sempre.

– Não acredito nisso. – vi a algo se movendo. Era a cabeça de Amadeus – Bianor não vai querer que justamente nós três percamos a sua grande vitória. Ele vai nos tirar daqui, mas somente depois de conseguir o que quer.

– E o que ele quer? – perguntei.

– Alexis você já foi mais esperto! – Nicardo zombou – Ela está falando do castelo da capital. É claro que Bianor vai querer invadir o castelo.

– Acredito que ele já deve estar se preparando para isso. – Amadeus completou.

– E agora? – perguntei – O que vai acontecer com eles?

– O nosso exercito ainda conta com a ajuda de Neandro, Thalassa e Tales. – Nicardo lembrou.

– E não se esqueça de Linfa, que lutou muito bem durante o ataque a Praça de Calidora. – Amadeus se lembrou desse detalhe.

– Mas isso não é consolo. – disse chateado – É horrível ficar aqui sem fazer nada.

– Eu sei, também sinto o mesmo. – Nicardo falou.

– E nós ficaremos presos nesse nada absoluto sem fazer absolutamente nada? – gritei. Minha voz ecoou.

– É o que parece. Infelizmente. – Nicardo pareceu baixar a cabeça.

– Mas nós precisamos...

– Fazer o que? – Nicardo perguntou – Já tentou executar algum poder?

– Ainda não, mas...

– Não adianta você não vai conseguir. – Nicardo me interrompeu – Este local foi feito para que ninguém consiga sair. Não podemos executar poderes, não achamos chão, nem tetos e nem parede para tentar abrir buracos. E mesmo se conseguíssemos, quem garante que sairíamos daqui desse jeito?

– Mas precisa existir um jeito. – gritei e novamente minha voz ecoou.

Um fio de luz surgiu assim que minha voz parou de ecoar. Meu olhos doeram quando ela começou a ficar mais forte. Provavelmente minha visão já havia se adaptado a escuridão. A luz foi crescendo e crescendo até se tornar... um espelho?

– Mas o que é isso? – perguntei.

– Parece um espelho. – Nicardo falou no meu ouvido.

– Você quer parar! – briguei – Eu estou falando sério.

– Será que isso é uma passagem? – Amadeus perguntou.

– Nunca saberemos se não olharmos mais de perto. – disse me aproximando.

O espelho não era muito grande. Era um espelho de mão na verdade. Mas se apareceu naquele nada de forma tão mágica provavelmente não deve ser apenas um espelho.

Ele estava girando devagar, como se estivesse brincando de roda. O peguei e o virei em direção ao meu rosto. Mas não era o meu reflexo que via no espelho, era outra pessoa. E essa pessoa se chamava Beatriz Misse.

CAPÍTULO 19 / VISITAS DESAGRADÁVEIS

Beatriz Misse

*A*s coisas por aqui estavam extremamente entediadas. Tudo beirava ao insuportável às vezes e a solidão não era exatamente uma ajuda. Era um problema. Um grande problema para ser bem honesta.

A minha casa viva quase um silêncio absoluto. De vez em outra alguém batia na porta – sempre fechada – como se eu nunca tivesse descoberto a verdade sobre eles. Eu nunca abria. Nunca. Esperava até o momento em que desistissem. Eu tinha muito medo deles.

Minha única distração eram meus momentos com os cadernos.

Televisão e computador estavam ali apenas de enfeite. Nenhum deles funcionava. Sequer tinha tomadas para tentar ligar-los. Acabava passando meu tempo escrevendo. E o tempo era “generoso” comigo e me deixava ficar escrevendo até minha mão ficar dormente.

Eu escrevia sobre tudo. Desde minhas frustrações em não conseguir escapar dali, passando pela minha saudade do Alexis até os momentos de loucura que quase tomavam conta de mim por causa da solidão.

Outra coisa que sempre evitava era olhar no espelho. Sempre que fazia isso via a imagem da falsa

Mallory refletida e não a minha. Aqueles olhos maléficos, nunca consegui notar mais do que isso. Eles me davam muito medo, mas ao mesmo tempo pareciam tão familiares. Era como se, mesmo com toda a maldade que emanava deles, eu pudesse confiar naquele ser sinistro. Eram sentimentos confusos que eu não gostava nenhum pouco de sentir.

Por várias vezes eu tentei sair daquele local. Esse que simulava ser minha casa. Mas era impossível. A magia não funcionava muito bem por aqui. Pelo menos não da forma como eu gostaria que ela funcionasse. Eu ainda conseguia fazer as coisas flutuarem e o fogão ligar sozinho, mas não saía muito disso.

Às vezes eu acabava olhando pela janela. Não era exatamente a coisa mais sensata a se fazer, mas ficar trancada dentro de uma casa completamente vazia não dá muitas opções.

Ficava observando aqueles projetos de zumbi com cara de gente. Agindo como se tudo aquilo fosse real, como se aquela fosse realmente a vida deles. Como conseguiam fingir mesmo sabendo que eu já havia descoberto toda a verdade? Será que queriam me assustar criando um clima de filme de terror?

Virei-me e tive uma desagradável visita surpresa.

– O que você está fazendo aqui? – fiz questão de ser seca.

– Não imaginei que me receberia com tanta hostilidade. – Bianor respondeu debochando – Achei que viria me agradecer pelo belo... hotel que criei especialmente para você.

– Claro, um “hotel” repleto de zumbis que ficam me vigiando dia e noite. – zombei – Sem dúvida estou adorando. Principalmente o fato de não poder sair daqui.

– Não seja tão ingrata menina. – Bianor disse sério – Eu preciso te manter segura e preciso estar seguro de que você não fugirá.

– Como se eu pudesse. – bufei – Como você entrou aqui?

– Não é óbvio? – Bianor gargalhou – Eu criei esse mundo para você. Posso sair e entrar a hora que bem entender.

– Então você vai começar a me fazer visitinhas? – fiz cara de nojo – Que ótimo!

– Talvez eu volte, mas talvez essa seja a minha única aparição por aqui. – Bianor parecia estar orgulhoso com seja lá o quê que ele estava pensando.

– Você é um louco. – zombei outra vez.

– Sabe que não foi difícil criar esse mundo. – Bianor sorria agora – Na verdade foi mais fácil do que esperava. Os espelhos tem se tornado grandes aliados em minhas, acho que posso chamar assim, empreitadas.

– Por falar em espelhos – lembrei – Você poderia tirar aquela falsa Mallory do meu espelho. Acho que não é necessário.

– Em primeiro lugar aquela não é a “falsa Mallory” – Bianor fez aspas com os dedos – Segundo, ela é necessária sim. Ela quem está vigiando você. Mas acho que posso retirar-la do espelho.

– Muito obrigada. – respondi em tom de deboche.

– Pelo menos você mostrou algum agradecimento. – Bianor deu um sorriso torto – Beatriz, eu não quero seu mal, apenas quero que você entenda que eu não posso deixar ninguém atrapalhar meus planos.

– Sério? – continuei debochando – Ótimo, vamos então a parte que me importa.

– Diga? – ele juntou as mãos.

– Para que você veio? – fui direta.

– Eu precisava ver com meus próprios olhos que você estava segura. – Bianor respondeu sério.

– Por quê? – perguntei.

– Eu prometi ao Alexis que não encostaria um dedo sequer em você. Por mais que eu quisesse. – Bianor olhou de forma estranha para mim – Você cresceu tanto desde a primeira vez que te vi. Em todos os aspectos.

– Você é nojento! – gritei – Espere! Você esteve com Alexis? Falou com ele?

– Sim. – ele voltou a sorrir – Aquele jovem príncipe tolo. Nem percebeu que estava caindo em uma armadilha.

– O que você fez com ele? – avancei no pescoço de Bianor.

– Calma Beatriz, não seja antecipada. – Bianor soltou minhas mãos de seu pescoço sem fazer absolutamente nada – Guarde essa luta para o momento certo.

– Onde está o Alexis? – eu estava imóvel.

– Ele está seguro e está bem. – Bianor seguiu em direção ao espelho do banheiro – Ele também está em outra dimensão, mas não tem tantas regalias como a sua. E ele provavelmente está nos vendo agora. Se bem conheço o Alexis ele deve estar vermelho de raiva.

Bianor olhou o espelho como se estivesse procurando por alguém. E pelas expressões de felicidade que seguiram depois, parece que ele encontrou. Bianor começou a gargalhar do nada. A princípio eu levei um susto, mas depois a cena começou a ficar cômica demais para ser verdade.

– Que você é um louco todos já sabem – tentei me mexer – mas não precisa ficar demonstrando isso desta forma. É ridículo demais.

Bianor mexeu o dedo indicador e me fez flutuar até ele como se estivesse sendo puxada por uma corda invisível. Ele me segurou pelo braço e começou a encarar o espelho.

– Eu disse que ela estava sã e salva não disse? –
Bianor falava para... o espelho? – É assim que ela vai
ficar até chegar a hora de libertar-la. Eu prometi que a
manteria segura e eu não sou homem que quebra suas
promessas.

– Só quando lhe convém. – completei.

– Não me obrigue a fechar sua boca também. –
Bianor parecia estar falando realmente sério agora.

– Você poderia ao menos me dizer com quem
está falando? – perguntei, mas fui ignorada.

Bianor me soltou e pude novamente me mover.
Ele continuou olhando para o espelho, mas desta vez
parecia estar ouvindo alguém falar. Era muito estranho,
mas vindo de Bianor nada era tão estranho assim.

– Muito bem. – ele quebrou o silêncio.

– Muito bem o quê? – falei alto.

– Nada de mais. – Bianor achou graça.

– Está rindo? – debochei – Me conta a piada.

– Nada de mais! – desta vez ele falou em um
tom mais ameaçador.

– Ignorante. – fiz língua.

– Você já notou que não pareço mais uma
ameaça a você? – Bianor era convencido.

– Tudo bem, você é louco. – falei alto – Mas
você realmente não parece uma ameaça. Parece
apenas um pequeno obstáculo que tenho que vencer. E
vou vencer.

– Não se iluda Beatriz. – Bianor quase gargalhou – Você sozinha não é nada comparado a mim.

– É o que veremos! – falei desafiadora.

– Pois é realmente o que veremos. – Bianor sorriu – Mas não peça perdão no minutos finais de sua vida, pois depois que a batalha começar de verdade eu não terei piedade com ninguém.

– E eu estou morrendo de medo. – gostava de debochar de Bianor.

– Pois deveria me levar mais a sério. – Bianor levantou a sobrancelha – Você já está crescida o suficiente para perceber quando perdeu uma briga. Não me faça acreditar que ainda pensa como uma garotinha de 18 anos.

– Exatamente por não ser mais a mesma que você conheceu quase dois anos atrás que eu digo: não perderei essa batalha. – disse confiante.

– Vá sonhando. – Bianor sorriu.

– Você não estava de saída? – perguntei.

– Não, mas foi bom ter lembrado. – Bianor levantou o dedo indicador – Tem coisas importantes para fazer.

– Que tipo de coisas? – perguntei automaticamente.

– Não seja tão curiosa Beatriz! – Bianor balançou o indicador negativamente – Isso é muito feio.

– Acho que existem coisas mais horrendas – falei – tipo você.

– Atire pedras em mim. – Bianor deixou um leve sorriso aparecer – Aproveite enquanto pode. Depois que eu resolver esse pequeno problema que citei você não se sentirá tão por cima.

– Cale a boca! – gritei.

– Agora eu realmente estou de partida. – Bianor olhou pela janela – Que bonitinhos.

– Muito bonitinhos. – disse nervosa.

– A Mallory não vai mais aparecer no espelho. – Bianor falou – Pode olhar. Mas se algo de repente aparecer nele, não se assuste. Eu quero que veja uma coisa.

– Que coisa? – perguntei por impulso outra vez.

– Já disse para não ser tão curiosa. – Bianor sorriu.

Bianor sumiu de repente e sem deixar rastros. Parecia até aqueles efeitos de séries dos anos 60 do tipo com bruxas e gênios da lâmpada. E agora eu estava sozinha outra vez. Não completamente sozinha. Agora eu tinha uma preocupação, uma desconfiança e alguém atrás do espelho. Que maravilha!

CAPÍTULO 20 / MAIS VISITAS DESAGRADÁVEIS

Fiquei algum tempo fitando o espelho. Estava me sentindo ridícula, mas se fosse o que eu desconfiava ser eu teria um conforto enquanto não fosse liberada daqui.

Bati de leve no espelho, esfreguei, tirei do lugar e nada. Ele continuava exatamente o mesmo espelho velho de sempre – talvez não tão velho já que aquele não era o *meu* espelho.

Resolvi arriscar.

– Alexis? – falei – Se for você que está me observando através deste espelho como desconfio que seja faça algo. Por favor. Eu preciso de algum tipo de confirmação. Qualquer coisa. – não obtive resposta.

Tentei novamente encontrar algo que me desse à confirmação que precisava, mas não havia um único sinal suspeito. A única pista que tinha era a sensação guardada em meu peito de que era mesmo o Alexis que estava me observando. Talvez esse fosse o sinal.

– Alexis, eu espero que esteja bem. – comecei a falar – Estou me sentindo tão sozinha sem você. Bianor está me mantendo prisioneira, mas acho que já sabe. Eu te amo muito, nunca se esqueça disso.

– Falando sozinha? – uma voz feminina ecoou pelo quarto.

– Quem apareceu agora? – perguntei saindo do banheiro e tendo outra desagradável surpresa – Você?

– Imaginou que fosse o Papai Noel? – ela debochou.

– O quê? – fiquei assustada – O Bianor disse que você não iria mais me incomodar.

– Sim – ela sorriu – no espelho. Ele não disse nada em aparecer no seu quarto. Querendo ou não eu preciso te vigiar.

– Que ótimo! – bufei – Pelo visto eu não ganhei madrasta, mas sim uma babá malvada. Quando esse conto de fadas as avessas vai acabar?

– Acho que não vai demorar muito. – ela começou a flutuar deitada – Agora o final só irá depender de você.

– O que você quer aqui? – perguntei.

– Eu não já disse? – ela se aproximou de mim. Ainda flutuando. – Eu estou aqui para te vigiar.

– Eu não preciso de babá. – gritei.

– A questão não é essa. – ela me fez sentar – Eu fui obrigada a te vigiar. Eu também não tenho escolha. Sozinha eu não posso lutar contra Bianor.

– Mas você não está do lado dele? – perguntei.

– Eu estou do lado que você estiver. – ela respondeu voltando ao chão.

– Não faça piadas. – fiquei irritada.

– Mas eu não estou fazendo piadas. – ela sentou ao meu lado – Eu vou estar onde você estiver. Era para ser sempre assim.

– Gostaria de saber qual é o perfil de amizade dos loucos. – levantei – Eu só atraio gente maluca para o meu lado.

– Maluca não! – ela voltou a flutuar. Movia-se mais rápido desta forma – Eu sei muito bem o que eu estou dizendo. Você que é lerda demais.

– Você veio aqui para me insultar falsa Mallory? – perguntei muito irritada.

– Quem está insultando quem agora? – ela debochou – É a última vez que repito isso: estou aqui para te vigiar. Apenas para isso. Eu poderia muito bem ficar na minha, escondida em alguma sombra, mas estou aqui com você.

– Pois eu preferia que ficasse escondida ou voltasse pro espelho. – estava nervosa.

– Se é o que deseja – ela começou a desaparecer – Só achei que gostaria de conversar com alguém que pudesse te responder. Fiquei com pena de te ver tão sozinha.

– Espera! – segurei se braço que já estava sumindo – Tudo bem. Fique.

– Tem certeza? – ela sorriu – Eu anda posso voltar para o espelho.

– Tenho certeza. – respondi – Eu quero que fique.

Não achava que essa falsa Mallory fosse a melhor das companhias, mas ela tinha razão. Eu estava muito sozinha e não demoraria muito para que

enlouquecesse devido a solidão. Era mais uma questão de necessidade do que vontade própria.

– Você parece com medo. – a falsa Mallory estava girando na cadeira do computador – Não se preocupe, eu não irei te machucar. Nem poderia.

– Eu não estou com medo. – estava sendo honesta – É apenas estranho.

– Você nunca me olha no rosto. – ela se aproximou de mim ainda sentada na cadeira – Por quê?

– Tudo bem. – resolvi admitir – *Talvez* você me assuste um pouco.

– Mas não devia. – a falsa Mallory segurou minha mão – Apesar de que as vezes temos medos de nós mesmos.

– O que quer dizer com isso? – perguntei – Você é só mais uma invenção de Bianor.

– Tem certeza? – ela perguntou – Olhe melhor para mim.

Pela primeira vez olhei diretamente para seu rosto, sem desviar o olhar. Não era por acaso que eu nunca conseguia encarar a Mallory. Todo o pavor que senti da primeira vez que havia visto voltou naquele momento.

Seu rosto agora se parecia muito mais com o meu do que da primeira vez em que a vi. Seus cabelos estavam menos desarrumados, mas seu olhar continuava transmitindo algo ruim. Não eram mais tão diabólicos, pareciam mais olhos determinados, iguais a de alguém que planejava uma vingança.

– Por mais que você insista em me chamar de “falsa”, *eu* realmente sou a Mallory.

– Impossível! – disse alto – Eu sou a Mallory.

– Não, você é a Beatriz! – ela respondeu – Eu sou a Mallory.

– Mas eu já tive provas o suficiente de que sou eu quem vai escolher o destino de Ofir. – estava ficando nervosa.

– Não sozinha. – Mallory flutuou para perto do meu ouvido – Eu também estarei lá.

– Fazendo o que? – perguntei.

– Ajudando você! – Mallory respondeu na mesma hora.

– Como você vai me ajudar? – perguntei – Isso está destinado apenas para mim.

– Não, isto está destinado a nós duas! – ela continuava flutuando a minha volta.

– Como você sabe? – perguntei gritando – Você escreveu a profecia?

– Não, mas conheço a verdadeira história por trás dela. – Mallory também ficou nervosa – A história que apenas os três guardiões mágicos conhecem. A história que ficou esquecida para o resto do mundo.

– E que história é essa? – gritei.

– Nós nascemos entre dois mundos. – ela também gritou.

– Que loucura é essa agora? – perguntei.

– Você nunca quis saber o motivo de *você* ser a escolhida?

– Sim, mas isso não importa! – falei alto.

– Garanto a você que sim! – Mallory parou de gritar – Existe um limite, ou melhor, existia um limite entre o mundo da Terra e o mundo de Ofir. Esse lugar se chamava Grammí.

– Grammí? – perguntei por perguntar.

– Este lugar foi criado para manter ligadas as duas dimensões. – Mallory continuou explicando – Era um local onde poucos encontravam. E nós nascemos exatamente neste local.

– Espere! – interrompi – Você não disse que não era qualquer um que encontrava este local.

– E realmente não era. – Mallory se sentou – Mas a vida as vezes nos leva por caminhos inesperados. Seja por conta do acaso ou pelo destino, mas isso não importa mais. O que importa aqui é que nossa mãe..

– Minha mãe! – corrigi.

– *Nossa mãe* – ela insistiu – conseguiu chegar a Grammí e nos teve.

– Você está dizendo que é minha irmã? – perguntei assustada.

– Não, pois apenas um bebê nasceu. – ela respondeu – Você. Eu. Nós. Não importa como nos chamamos, fazemos parte do mesmo espírito. Apenas fomos separados.

– Então você é apenas outra parte de mim? – perguntei.

– Exatamente. – Mallory respondeu – Eu e você somos a mesma pessoa. A magia que existia em Ofir

afetou na hora do nosso nascimento. Parte de você, que sou eu, foi sugada para a dimensão de Ofir, enquanto você ficou na Terra.

– Não acredito. – estava pasma.

– Pois pode acreditar. – Mallory falou – Nunca reparou que você não é exatamente igual aos demais? Você ficou com o que havia de melhor, enquanto eu fiquei com tudo o que havia de pior da pessoa que nasceu naquele dia.

– Por acaso você teve muito azar durante a vida? – uma questão me veio a mente.

– Levando em conta que acordei há pouco tempo, acho que não. – ela não percebeu o que realmente queria dizer.

– Agora muita coisa está explicada. – disse para mim mesma.

– Como eu estava contando – Mallory continuou – Eu fui sugada para Ofir e fiquei em estado de vegetação, apesar de conseguir ver, ouvir e compreender tudo o que acontecia com você.

– E você não acordou antes por quê? – estava intrigada.

– A profecia de que chegaria alguém da Terra para salvar Ofir já estava escrita há décadas. – Mallory voltou a explicar – Estava apenas esperando que a peça chave nascesse para acontecer.

– Isso parece meio estúpido. – franzi os lábios.

– Mas é a verdade – ela se afastou de mim e seguiu para perto da janela – Você precisa acreditar. Nós precisamos...

– Precisamos do que? – perguntei.

– Ele está nos ouvindo! – Mallory se assustou.

– Quem está nos ouvindo? – perguntei.

– Quem mais poderia ser? – ela sussurrou e começou a desaparecer.

– Para onde está indo? – perguntei.

– Eu volto. – ouvi apenas uma voz baixa no meu ouvido.

Mallory tinha desaparecido, mas ainda tinha a sensação de que não estava sozinha. Olhei para a porta do banheiro e vi que uma imagem se formava no espelho. Corri para ver o que era.

A imagem estava um pouco embaçada, mas aos poucos pude começar a reconhecer o que estava sendo mostrado e não estava gostando nenhum pouco daquilo.

O castelo de Ofir estava em chamas, exatamente como no meu sonho. E eu estava presa, sem poder fazer nada. E isso – claro – não era nada bom.

CAPÍTULO 21 / A GUERRA COMEÇA DE VERDADE

*A*s chamadas logo se apagaram. Não consegui ver se foi algum tipo de defesa do castelo ou se havia sido Bianor que estava brincando com a cara deles mais uma vez. Mas era bem provável que fosse as duas coisas.

Tentei desesperadamente sair daquele lugar. Era muita crueldade me fazer assistir aquilo sabendo que eu estava de mãos atadas. Mas mesmo sabendo que já havia feito de tudo, continuei tentando achar uma forma de voltar para Ofir.

Tentei novamente magia, tentei encontrar passagens e tive que resistir ao impulso de pular para cima do espelho. Nada funcionava. Eu estava condenada a ver a Capital sendo destruída e não poder fazer nada para ajudar.

Neandro, Tales e Cosmo estavam fazendo a defesa, enquanto Linfa e Thalassa faziam a retaguarda. Vários soldados estavam espalhados em pontos estratégicos, atacando cada avanço que Bianor e seu exército davam.

Bianor brincava no céu com seu cavalo alado feito de sombras. Mas ele não parecia estar se divertindo. Seu rosto estava sério e pensativo. Parecia estar pensando em algo muito distante. Era como se nem estivesse concentrado na batalha. Por alguns instantes me fez pensar que sua presença ali não era meramente ilustrativa. Até que ele reagiu.

– Rápido! – Bianor gritou – Quero os portões abaixo! Destruam tudo!

A defesa dos homens de Ofir estava excelente. Eles não conseguiram impedir que os portões fossem quebrados, mas estavam conseguindo atrasar os passos do exército de Bianor e ainda fazer com que recuassem. Mas isso não durou por muito tempo.

– Detesto ter que fazer isso – Bianor estava desapontado – Perde totalmente a graça de uma boa luta.

Bianor fez um gesto com a mão e mais da metade dos homens da Capital voaram para longe, feito folhas jogadas ao vento. E eu continuava desesperada.

Os soldados da Capital não se deixaram abater e logo reagiram, mas a essa altura os homens de Bianor já estavam invadindo o castelo. Tive a impressão de que o exército de Bianor havia aumentado consideravelmente.

Neandro continuava a frente do exercito. Não consegui enxergar Linfa, Thalassa, Tales e Cosmo. O exército de Bianor realmente estava crescendo, mas não conseguia ver de onde eles surgiam.

Os homens de Bianor entraram rapidamente no castelo. A imagem do espelho mudou neste instante. Agora mostrava o interior do castelo.

Linfa e Thalassa estavam lá dentro, junto com um pequeno exército que lutava inutilmente contra os homens de Bianor. Eles pareciam invencíveis.

A imagem no espelho novamente mudou. Agora estava na sala do trono. Rei Céleo é outro pequeno exército que estavam visivelmente prontos para *qualquer coisa*.

Bianor invadiu a sala do trono sozinho. O exército que estava com Rei Céleo reagiu no mesmo momento, mas foram jogados janelas para fora com um simples sopro de Bianor. Era horrível constatar que Bianor estava aprendendo a usar todo o poder que lhe foi dado.

– O que você quer? – Rei Céleo perguntou – Já não basta o que você está fazendo? Veio tripudiar em cima de mim?

– Não exatamente. – Bianor sorriu – Mas sabe que não seria uma idéia ruim. Mas eu não gosto de me vangloriar de um feito que ainda não foi concretizado. Mesmo esse sendo apenas uma questão de tempo para se cumprir.

– Você é um doente! – Rei Céleo gritou – Nós lutaremos até vencer.

– Eu não colocaria tanta confiança nessas palavras. – Bianor continuou sorrindo – Agora que Beatriz e Mallory estão sob meu poder, nada poderá salvar-lo.

– Agora eu que não colocaria tanta confiança nas suas palavras. – Rei Céleo rebateu.

– Você ainda tem esperanças? – Bianor levantou a sobrancelha – Meu plano vai seguir exatamente como eu quero.

– Aquele plano insano? – Rei Céleo perguntou.

– Plano esse que você poderia ter compartilhado. – Bianor se aproximou do trono – Apenas pessoas atrasadas como você não enxergar a magnitude desse plano.

– Um plano onde é preciso matar pessoas nunca será contemplado. – Rei Céleo gritou.

– Não são pessoas! – Bianor agora parecia ofendido – São seres que de nada valem para a evolução de Ofir. Seres inferiores e que só atrapalhariam a criação da Ofir unificada. Vai ser maravilhoso quando eu juntar todos os reinos em uma única Ofir, onde apenas eu governarei. Uma Ofir onde apenas os fortes terão espaço.

– O que você quer fazer é desumano! – Rei Céleo continuou gritando.

– E desde quando esses fracos são humanos? – Bianor também gritou – Nosso mundo está infestado por raças podres, começando por esses seres errantes. A maior aberração que esse mundo já viu.

– Mas eles existem! – Rei Céleo não parecia bem – Eles existem e tem sentimentos. Eles são como nós.

– Você é como eles! – Bianor não parava de gritar – Você e todos os que pensam assim. São pessoas como você que eu quero fora da minha Ofir. Não existe piedade no progresso.

– Você está muito enganado! – Rei Céleo estava alterado – Só existe progresso se esse for

baseado em compreensão, respeito, honra. Coisas que você não conhece.

– Não me apareça com essa demagogia barata!
– Bianor explodiu em raiva – Compreensão? Respeito? Onde estavam essas coisas quando você expulsou seu próprio filho do trono apenas por ele não ser mais exemplo para o povo. Aceitar um casamento de um príncipe com uma plebéia não deveria ser um ato de compreensão e respeito?

– Não coloque os meus filhos no meio dessa sua intriga! – Rei Céleo gritava pra valer agora – Você não sabe o quanto eu me arrependo de ter feito isso. Mas isso é apenas um pequeno detalhe, insignificante para ser honesto, perto do que está fazendo.

– E o que eu estou fazendo? – Bianor gargalhava debochado – Tudo o que eu quero é transformar Ofir em um mundo melhor. Um lugar para se viver com dignidade. Claro, apenas quem merece isso.

– Seu monstro de espírito pobre e coração vazio! – Rei Céleo realmente não estava bem.

– Não tente me ofender com palavras de impacto. – Bianor sorriu – Você deveria saber que não me impressiono facilmente.

– Não mesmo! – Rei Céleo quase sussurrou – Você não faz parte dos seres vivos. Você é uma coisa sem sentimentos que apareceu.

– Eu me sinto mais vivo do que nunca – Bianor passava a mãos no próprio corpo – mas se tem tanta

curiosidade em saber como é o mundo dos mortos, eu posso te dar uma ajuda.

Fiquei triplamente desesperada. Bianor e morte não eram palavras que combinavam muito bem. Seja lá o que estivesse passando pela cabeça de Bianor, sem dúvida não era algo bom.

Sentia uma presença atrás de mim e um suave reflexo no espelho, bem atrás do meu. Era Mallory.

– Eu preciso fazer alguma coisa! – disse desesperada.

– Mas o que você tem em mente? – Mallory perguntou.

– Eu não sei. – respondi sem saber se era possível ficar mais desesperada do que eu já estava.

– Eu sei como podemos voltar. – Mallory flutuou até meu ouvido.

– E não me disse isso antes por quê? – perguntei irritada.

– Ele poderia nos ouvir. – Mallory respondeu – Ele nos ouve o tempo inteiro. Mas agora ele está concentrado com outras coisas.

– Não me interessa se ele está ou não nos ouvindo! – gritei – Apenas diga como eu posso voltar para lá.

Neste instante a porta da sala do trono bateu. Era Neandro que entrava para defender o pai. Bianor estava enforcando Rei Céleo, o levantando até o teto sem sequer encostar a mão nele.

– Solte meu pai! – Neandro gritou.

– Calado! – Bianor fez um gesto com a outra mão.

Neandro pareceu assustado e não falou mais nada. Ele mexia a boca de forma estranha, como se tivesse tentando abrir-la, mas não conseguia. Provavelmente algum feitiço de Bianor para fechar a boca dele.

Uma luz forte atingiu o local pouco antes de Neandro tentar atacar Bianor novamente. Era a Rainha Alina. Agora eu estava prestes a enlouquecer.

– Bianor, solte-o! – ela gritou – Eu me entrego no lugar dele.

Neandro arregalou os olhos, apavorado.

– Eu já não preciso mais de você Alina. – Bianor não tirava os olhos do Rei Céleo – Você é carta fora do baralho. Já deveria estar morta faz tempo.

– Eu não posso deixar que você faça...

– Cale a boca você também! – Bianor fez a Rainha Alina voar em direção a parede. Neandro estava paralisado.

– Eu... não... posso... – Rainha Alina estava sem fôlego.

De repente um vento forte começou a invadir a sala. Tudo estava sendo posto para o ar. Cadeira, estantes, vidros se quebrando, a sala estava sendo destruída e as únicas coisas que continuavam no mesmo lugar era a Rainha Alina, Rei Céleo, Bianor e Neandro. Era a Rainha Alina quem estava fazendo a tempestade. Infelizmente foi inútil. Ela caiu desmaiada.

– Rápido! – gritei – Não temos mais tempo.

– Você precisa me aceitar de volta Beatriz. –
Mallory falou.

– O quê? – estava confusa.

– Não haverá outra maneira, apenas essa. –
Mallory estava calma.

– Eu te aceito de volta – falei – Agora vamos!

– Você não está fazendo isso da forma correta
Beatriz! – Mallory flutuava.

– Mas eu não te aceitei de volta? – gritei.

– Você apenas disse. – Mallory continuava
flutuando.

– E o que eu preciso fazer? – continuei
gritando.

– Precisa me aceitar de volta. – Mallory falou
sem expressão.

– Você já disse isso! – já tinha perdido a
paciência.

– Você precisa me aceitar de volta – Mallory
continuava sem expressão – Eu e você precisamos
voltar a ser uma única pessoa.

– E como eu e você...

– O coração Beatriz! – Mallory me interrompeu
– Você precisa querer que eu volte de coração.

– De coração? – perguntei.

– Você ficou com o coração e a alma quando
fomos divididas. Eu sou apenas o que você tinha de
ruim. A nossa verdadeira consciência está com você. Só
você pode querer isso.

– Eu? – minha cabeça doía.

– Apenas assim eu poderei voltar e apenas assim você salvará Ofir! – Mallory já não tinha mais os olhos tão aterrorizantes.

Fechei os meus olhos e, por impulso, segurei as mãos de Mallory. Eu não sabia se estava fazendo da forma correta, mas tinha que tentar de qualquer jeito.

O que era mais importante para mim? O que eu realmente queria? Tudo o que eu mais queria era salvar Ofir. Já me sentia parte desse mundo. Eu era parte desse mundo. Não queria ver uma parte minha sendo destruída tão covardemente. E eu precisava da Mallory junto de mim novamente para que isso acontecesse. Não existe outro jeito.

– Eu quero de volta a parte de mim que me foi roubada para salvar a outra parte de mim que está sendo destruída. – pedi de coração.

Uma sensação estranha e inexplicável tomou o meu corpo. Não conseguia enxergar mais nada. Tudo o que eu conseguia era sentir algo mudando em mim. Sentia novos sentimentos, sentia outra força, enxergava novas memórias. A Mallory estava voltando a fazer parte da minha alma. Separadas há tanto tempo, mas que agora pareciam estar ligadas desde sempre.

Quando voltei a enxergar estava no meio da praça de Ofir. Uma verdadeira guerra estava acontecendo ali. Pessoas espalhadas para todos os

lados fazendo o seu melhor para defender o seu lado da história.

Já estava pronta para me defender de qualquer golpe, mas pareciam estar me ignorando. Era como se eu não tivesse importância alguma ou não representasse uma ameaça a eles. Mas eu não estava com tempo para me sentir ofendida. Eu era uma garota com uma missão.

Cheguei ao castelo feito louca. As coisas nos portões estavam mais calmas. Aparentemente a batalha que havia iniciado ali acabou migrando para a praça. O castelo estava completamente deserto. Nenhum sinal de vida.

Corri para a sala do trono, torcendo para que ainda desse tempo de fazer alguma coisa, mas eu havia chegado tarde demais.

A Rainha Alina continuava desmaiada em um canto qualquer da sala. Bianor colocava o trono, que havia sido atirado para o outro lado da sala, de volta ao seu lugar. Neandro chorava jogado ao chão, deitado no corpo do pai. Não precisava dizer mais nada, eu já sabia. Rei Céleo estava morto.

CAPÍTULO 22 / O JARDIM

A minha dor em ver o Rei Céleo morto só não era maior que a dor que eu vi nos olhos de Neandro. Ele estava completamente arrasado. Mas arrasado do que eu poderia imaginar – se é que algum dia eu fosse imaginar algo tão cruel.

A Rainha Alina estava viva, eu podia sentir. Reparei que ela não estava jogada como quando vi pelo espelho. Ela parecia ter sido posta de uma forma mais confortável. Provavelmente Neandro a deixou daquele jeito antes de correr em direção ao corpo do pai.

Bianor estava fazendo um trabalho manual. Depois de jogar coisas e pessoas ao vento apenas com o estalar de dedos achei que tivesse se esquecido. Ele pegava o trono que havia sido jogado para o outro lado da sala e colocava em seu lugar. Provavelmente ele queria sentir o prazer de fazer isso com as próprias mãos.

Depois de colocar o trono no lugar, Bianor seguiu em direção ao corpo do Rei Céleo. Neandro tentou parar-lo, mas foi em vão. Bianor esticou a mão e segurou Neandro pela cabeça, fazendo ficar paralisado. As expressões de desespero de Neandro me fizeram chorar.

Bianor se agachou, provavelmente para evitar ficar curvado, e pegou a coroa do Rei Céleo que estava jogada ao lado do corpo dele.

– Finalmente minha! – Bianor falou baixo.

– O que você pensa que está fazendo? – gritei –
Tire essas suas mãos imundas da coroa do Rei Céleo.

– Você não tem ideia de quanto isso é bom.
Muito bom. – Bianor zombava.

– Cale essa boca seu maldito! – me sentia
personagem de desenho japonês – Eu estou aqui! E a
mim que você quer! Sou eu quem você procura! Deixe
os outros fora dessa! Você está me ouvindo?

Bianor continuou a me ignorar. Não teve como
não me irritar com essa atitude. Ele estava zombando
demais. Já estava sendo muito doloroso ver o corpo do
Rei Céleo estirado no chão e saber que poderia ter
evitado e ele ainda zomba me ignorando. Não contive o
impulso e estapeei seu rosto.

– Mas o que é isso? – ele perguntou assustado
– Quem fez isso?

– O que foi Bianor? – estava furiosa – Além de
burro virou cego também?

– Eu estou avisando – Bianor se afastou de mim
– apareça!

– Eu estou bem na sua frente! – continuei
gritando.

– Eu sei que é você – Bianor rodava a sala –
Não adianta se esconder. Quero apenas que tenha a
coragem de se mostrar.

– Pare de bancar a criança Bianor! – eu estava
ficando realmente irritada – Você está me vendo.

– Eu vou contar até três – Bianor parecia estar pisando em ovos. Mas no sentido literal da frase – espero não ter que desmascarar você. Um, dois, três!

Bianor fez um gesto estranho com a mão – parecia alguém espantando mosca – e ficou muito assustado. Não sei o que exatamente ele esperava que acontecesse, mas fosse o que fosse parece não ter dado certo.

Bianor tentou novamente fazer o que quer que estivesse tentando fazer. Novamente a cara de espanto dele apareceu. Mas desta vez veio acompanhada de expressões de confusão e medo. Muito medo. Isso vindo de Bianor era novidade.

– O que está acontecendo? – Bianor perguntou.

– Eu que pergunto. – disse já esperando ser ignorada.

– Quem é você? – Bianor tentava disfarçar o medo – O que você quer?

– Você sabe muito bem quem sou e o que quero. – respondi.

– Eu exijo que você apareça. – ele quase gritou.

– Mas eu estou bem na sua frente. – me aproximei dele.

– Não me faça de bobo! – Bianor gritou – Eu sei que você é.

– Se sabe para que pergunta? – zombei da cara dele, mas fui ignorada. Neste caso isso é péssimo.

– Eu disse que juntas faríamos a diferença. – era a minha voz, mas não era um pensamento meu.

– Mallory? – perguntei.

– Não. – ela respondeu – Agora eu sou você também.

– O que está fazendo? – ainda não havia me acostumado.

– Em primeiro lugar eu aconselharia a você a falar comigo apenas por pensamento. – Mallory falou – Fale como se estivesse falando para si própria. O que não deixará de ser verdade.

– Tudo bem. – pensei.

– Ótimo. – se pensamentos sorriem eu a senti sorrir em minha cabeça – Bianor não está se fazendo de bobo. Ele apenas não contava que eu tivesse algum raciocínio lógico e que não soubesse juntar as duas partes de mim.

– Mas o Bianor sabe o que fiz? – perguntei em pensamento.

– É claro que não. – Mallory falou – Ele só irá descobrir o que eu fiz quando for me procurar.

– E ele vai sacar tudo quando vir que eu também não estou lá! – pensei o obvio.

– Eu também? – Mallory estranhou – Acho que estou ficando louca.

– Como assim você está ficando louca? – perguntei.

– Eu me referindo a mim mesma como se existisse outra pessoa além de mim. – Mallory estava levando a sério essa história de ser um só.

– Você está me deixando confusa Mallory. –
pensei.

– Não importa. – Mallory falou – Agora sou o
ser mais poderoso de Ofir. Juntar minhas duas partes
foi realmente necessário. Ninguém mais pode me ver, a
menos que eu queira ser vista.

– Mas eu quero ser vista! – desta vez disse em
voz alta.

– Não. – Mallory falou – Eu não quero ser vista.
Seria péssimo ser vista em um momento como esse.
Preciso aprender a conhecer os momentos certos para
fazer certas coisas.

– Mallory! – estava ficando irritada.

– O que foi? – ela perguntou.

– Te peguei! – disse em pensamento.

– Vamos Beatriz, leve isso a sério. – Mallory
parecia chateada.

– Você que não está levando isso a sério. –
falei.

– Claro. – ela parecia chateada – Acho que você
não sabia que para controlarmos todo o nosso poder
nós não temos apenas que nos juntar. Temos que nos
tornar uma só de corpo e alma.

– Você não disse isso quando estávamos na
dimensão paralela do Bianor. – lembrei.

– Não era o momento. – Mallory brigou –
Tínhamos algo mais importante para resolver.

– E chegamos tarde demais. – disse olhando para o corpo do Rei Céleo – Mas o que está acontecendo?

A minha conversa com Mallory acabou me fazendo perder o foco em Bianor. Ele agora estava chamando seu cavalo de sombra. Não sei o que ele pensou que fosse, mas estava claramente fugindo da sala do trono. Mas seus olhos pareciam dizer que ele voltaria para destruir quem quer que fosse. Mas eu já não tinha mais tanto medo.

Ele montou em seu cavalo e saía pela janela de uma forma assustadoramente rápida. Era como se tivessem acelerado um filme que já fosse rápido. Mas eu não estava com tempo para pensar em qualquer outra coisa. Já havia perdido tempo demais.

– Nós podemos fazer algo pelo Rei Céleo? – perguntei.

– Infelizmente não. – Mallory respondeu – A linha que separa o mundo dos vivos com o dos mortos não pode ser alcançada por nenhum mortal e nem por nenhuma magia. Apenas os seres místicos que criaram esse mundo tem acesso aos dois mundos.

– E por ele? – perguntei apontando para Neandro que continuava paralisado.

– Por ele ainda podemos fazer algo. – Mallory respondeu – Deixe comigo.

Mallory começou a fazer meu corpo se mexer. A sensação foi... curiosa. Não era como se alguém estivesse me controlando. Sentia como se meu corpo

estivesse me obedecendo. Era uma sensação muito difícil de explicar. Apenas tendo duas partes suas controlando o seu corpo para entender o que estou tentando dizer.

Encostei minha mão no rosto de Neandro. Senti meu peito cheio de ar e depois senti todo esse ar se dissipar imediatamente. Neandro voltou aos poucos a se mexer.

– Você está bem? – perguntei – Está me vendo?

– Sim. – Neandro respondeu. Fiquei aliviada – Eu estou bem e estou te vendo. Meu pai?

– Ele está ali. – disse em um tom mais baixo que o normal.

– Então aconteceu mesmo. – os olhos de Neandro se encheram de lágrimas.

– Você não sabe o quanto eu gostaria de dizer que isso não passou de um pesadelo horrível. – tentei consolar-lo.

– Aquele maldito! – Neandro gritou – E minha mãe?

– A Rainha Alina está ali. – tentei não apontar. Parecia muito grosseiro e indelicado ficar apontando.

– O que está acontecendo com Ofir? – Neandro perguntou – E onde está Alexis?

– Alexis, Nicardo e Amadeus não estão disponíveis por enquanto. – tentei não parece estar fazendo uma piada – É uma longa história, depois te

conto. Agora nós temos coisas mais importantes para fazer.

– Tem razão. – Neandro olhou para o corpo do pai – Você me ajuda em uma coisa?

– Se estiver ao meu alcance. – segurei sua mão.

– Eu quero levar meu pai para um lugar.

Ele pediu para que eu ajudasse a carregar a mãe dele enquanto ele levava o corpo do pai.

Neandro abriu uma passagem secreta, na sala do trono, que eu desconhecia. Ele havia dito que aquela sala tinha varias passagens espelhadas, todas levando para o mesmo lugar. Um lugar que apenas ele, o Rei Céleo, Alina e Alexis conheciam. Um lugar que realmente pertencia apenas a eles e a mais ninguém. Não pude deixar de me sentir honrada em ser levada para um lugar tão intimo e pessoal da família.

O lugar em questão era um belíssimo jardim subterrâneo. Neandro contou que aquele lugar sobrevivia por causa da magia que o Rei Céleo havia deixado naquele lugar.

O jardim parecia um pedaço do paraíso. Havia árvores e flores com cores tão vivas que pareciam saltitar. Existia um belo rio que cortava o jardim. Até mesmo as pedras davam um brilho diferente. Havia ainda uma árvore enorme, com dois balanços e uma toalha do tipo que se usa para piqueniques.

– Meu pai criou esse lugar como presente de casamento para minha mãe. – Neandro contou – Ele

dizia que a beleza daquele lugar simbolizava tudo o que ele sentia pela minha mãe.

– Mas esse é simplesmente o lugar mais belo que já vi. – fui sincera.

– Não duvido nada de que a magia que meu pai usou para criar esse jardim foi a magia do amor.

– E tenha a certeza de que foi. – disse colocando a mão em seu ombro.

– Eu quero que meu pai fique aqui. – Neandro falou – Eu sei que, como fui deserdado, o Alexis se tornou o primogênito e ele deveria escolher o local onde o nosso pai vai descansar.

– Eu não acredito que o Alexis escolheria outro lugar. – novamente fui sincera – E acredito que ele cederia esse momento para você. Você pode ter sido “exonerado” do cargo de primogênito por leis estúpidas, mas eu duvido que tenha sido expulso do coração de seu pai. Você continua sendo e sempre será filho dele.

– Obrigado pelas palavras. – Neandro fechou os olhos – Alexis deveria estar aqui.

– Não podemos fazer nada? – perguntei a Mallory.

– O que disse? – Neandro estranhou.

– Eu falei que você iria parecer louca. – Mallory falou em minha cabeça.

– Nada. – respondi e concentrei nos meus pensamentos – Não podemos trazer Alexis para cá?

– Acho que isso é mais difícil. – Mallory respondeu – Nós podemos nos transportar para qualquer lugar sem problemas, agora transportar outras pessoas já é um caso mais difícil.

– Mas eu não sou a criatura mais poderosa de Ofir? – perguntei.

– Sim, mas sabe usar toda essa magia corretamente? – Mallory rebateu. Fiquei sem palavras – Eu já falei o que precisamos fazer.

Um rápido momento de silêncio tomou conta do local. Neandro fez aparecer alguns galhos. Vários galhos e pedras começaram a flutuar e se juntar uns nos outros até formar uma grande coroa.

– Meu pai não queria um grande enterro. – Neandro falou – Ele queria apenas que guardassem as boas lembranças dele. E esse será a minha forma de mostrar o meu respeito por ele.

– Que belo gesto. – disse admirando a coroa.

– Para mim o meu pai será sempre o único rei de Ofir. – Neandro falou – E esse será o símbolo do meu eterno respeito a ele. Meu pai.

Neandro colocou o pai sentado perto da grande árvore e da coroa. Coloquei a Rainha Alina – que estava deitada ao meu lado – junto com o rei. Um vento começou a sopra de repente. Já não me assustava mais com a falta de lógica em Ofir. Mas esse não parecia ser um vento qualquer. E não era.

O vento estava transformando o Rei Céleo em minúsculas partículas douradas. Elas se espalharam

pelo jardim e o transformaram em algo ainda mais belo, com vários pequeninos pontos brilhantes no chão.

– Agora meu pai viverá eternamente aqui. – Neandro parecia satisfeito.

Não era exatamente um túmulo, mas eu sabia que mais uma parte do meu sonho havia se cumprido. E eu já sabia o que aconteceria depois.

CAPÍTULO 23 / FIM DO MUNDO

*S*em dúvida alguma aquela seria uma cena que guardaria para o resto da minha vida. Nunca imaginei que um momento tão triste pudesse ser também um momento tão belo. Rei Céleo havia partido de forma honrosa. E agora eu sabia que não poderia deixar mais ninguém morrer em vão. Eu precisava acabar com Bianor. E precisava fazer isso rápido.

Não sei dizer por quanto tempo ficamos naquele jardim. A Rainha Alina ainda estava desacordada, mas parecia bem melhor deitada ao lado das flores e sobre a sombra de uma árvore. Talvez ela tenha sentido a essência do Rei Céleo tomando conta do lugar.

Neandro resolveu deixar a Rainha Alina no jardim. Não estava tão certa de que seria seguro deixar-la daquele jeito, mas Neandro parecia confiar bastante no que estava decidindo que – por diversas razões – achei melhor não dizer nada.

– Eu me sinto péssima. – disse – Deveria ter chegado a tempo.

– Não foi sua culpa Beatriz. – Neandro parecia bem mais calmo – Acredito que era para ser assim. Infelizmente.

– Mas eu estava vendo tudo. – continuei – Se eu fosse mais esperta teria entendido imediatamente como sair daquele mundo louco que Bianor criou para mim.

– Você não fez nada que eu não teria feito se estivesse no seu lugar. – Neandro estava com a cabeça baixa – Você ainda vai trazer muita honra para memória do meu pai. Nós iremos ajudar você a vingar a morte do meu pai. Você destruirá Bianor por mim, por minha família e por toda Ofir.

– Eu às vezes começo a acreditar no contrario.
– também baixei minha cabeça.

– Pois comece a mudar seus pensamentos! – ele falou mais firme – Não deve pensar na derrota como uma realidade. Você irá vencer Beatriz, acredite!

– Mas eu quero acreditar. – bufei – Mas você tem razão. Passei esse período inteiro repetindo minhas dúvidas e aflições. Sempre a mesma história, sempre o mesmo contexto. Eu não posso me subestimar tanto assim. Eu vencerei Bianor!

– É exatamente desta forma que eu quero ver você falando. – Neandro deu um sorriso torto.

Percebi que aquelas palavras não eram minhas. Era a Mallory quem estava falando. Eu não tinha tanta confiança, mas algo dentro de mim estava aceitando aquelas palavras como se fosse realmente minhas. Alguma coisa estava mudando a minha forma de pensar. Talvez Mallory representasse esse lado mais corajoso que estava faltando em mim. A confiança que eu precisava para seguir em frente com essa batalha.

Saímos novamente na sala do trono. Aquele lugar agora parecia parte de um terrível filme de psicopata. O clima extremamente denso que tomou

conta do local criava toda uma atmosfera gélida e mórbida. Nunca mais veria essa sala do mesmo jeito.

Neandro seguiu em direção aos quartos.

– O que vai fazer? – perguntei.

– Não existe outra opção para mim no momento.

– Do que você está falando? – perguntei assustada.

– Eu preciso fazer isso ou não me sentirei bem comigo mesmo. – Neandro seguia em direção ao quarto dos pais.

– E o que pretende fazer? – continuei seguindo atrás dele.

– Irei me juntar aos outros. – Neandro entrou no quarto dos pais. Ele seguiu em direção a um grande quadro dourado. A moldura guardava uma imensa espada. Neandro quebrou o vidro da moldura – Eu irei defender Ofir até os últimos minutos.

– Mas... – não sabia se deveria deixar-lo ir ou se o impedia.

– Beatriz – ele pegou a espada – Eu estarei com você quando chegar a hora. Todos nós estaremos. Isso é uma promessa.

Neandro me deixou sozinha no quarto. Já não sabia o que fazer. De repente tudo aconteceu tão rápido que minha mente acabou ficando lerda e tudo o que conseguia pensar era “onde está o Alexis?”

– Está mais que claro! – era a voz de Mallory – Devo seguir e me juntar a eles também. Todos precisam fazer algo para salvar Ofir.

– Mas precisamos estar prontas para a batalha contra Bianor. – disse.

– E deixar todos por conta da sorte. – Mallory caçoou – Às vezes tenho cada pensamento.

– Eu estou falando sério. – instintivamente tentei fitar minha testa. Não consegui – Você deve sentir tudo o que eu sinto, assim como eu já estou começando a sentir o que você sente. Acho que já consegue notar que essa não é a questão.

– Então qual seria? – Mallory perguntou.

– Esse não é momento. – continuei – Eles irão precisar de nós quando formos lutar contra Bianor. Ele já conseguiu o que queria, não vai voltar aqui tão cedo.

– Ela está certa! – não estava acreditando no que estava ouvindo – Não sei exatamente como vocês duas estão conversando, mas eu vi tudo através desse espelho aqui.

– Alexis! – corri para os braços dele.

– Eu estou aqui agora. – Alexis me abraçou bem forte.

– Todos nós estamos. – era a voz de Nicardo.

– Como vocês conseguiram sair do local onde estavam? – perguntei.

– Acho que Bianor só queria impedir que ninguém atrapalhasse os planos dele. – Amadeus falou

– Agora que ele já conseguiu o que queria não havia mais sentido para nos manter presos.

– Você estava me vendo o tempo inteiro por esse espelho? – perguntei.

– Sim. – Alexis respondeu com a voz pesada – Cada segundo.

– Então você já sabe... Sinto muito. – o abracei mais forte ainda.

– Você não sabe como foi para nós assistir aquilo sem poder fazer nada. – Nicardo também estava com a voz pesada

– Eu sei exatamente como é. – disse.

– Mas Bianor irá pagar. – Alexis fechou o punho direito.

– Vocês passaram pela praça? – perguntei.

– Não. – Amadeus respondeu – Quando vimos à porta se abrindo saímos direto no castelo.

– Acho que as coisas não estão indo nada bem. – comentem.

– Mas eu não ouço nada. – Alexis falou – Parece que está tudo em paz.

– Espere? – perguntei – Não era para estar acontecendo alguma coisa?

– Será que Bianor parou os ataques? – Nicardo perguntou.

Corremos para fora do castelo. A surpresa que tivemos foi tão grande que ninguém conseguiu falar uma única palavra. Ninguém estava acreditando no que os olhos estavam vendo.

– Aquele é realmente...

– O castelo de Calidora! – Nicardo completou minha frase.

Não apenas o castelo de Calidora, mas o castelo de Neide também estava sobrevoando a Praça da Capital. As pessoas que estavam lutando simplesmente haviam desaparecido e tudo o que havia restado eram ruínas das construções de lojas e casas que ficavam naquela praça.

– Mas o que significa isso? – Alexis perguntou.

– E as pessoas? – perguntei – O Neandro? Onde foram todos?

– Eu também gostaria de saber. – Nicardo falou.

O chão começou a tremer de repente e um barulho de algo sendo arrancado invadiu nossos ouvidos. O castelo da Capital também estava sendo suspenso aos ares.

– Meus pais! – Alexis gritou seguindo em direção ao castelo.

– Alexis cuidado! – o puxei para trás.

O chão se partiu e um imenso precipício se formou entre a Praça da Capital e o caminho que levava para o castelo. Larvas borbulhavam no fundo do precipício e raios começavam a cair botando fogo nas ruínas que restaram.

– É o fim do mundo? – Nicardo perguntou.

O castelo da Capital se juntou aos outros castelos. As ruínas começaram a cair em chamas e não demorou muito para todo o lugar ficar do mesmo jeito.

– O que faremos agora? – Alexis perguntou.

– Acho que tenho uma idéia! – falei.

Comecei a voar e chamei os outros para seguir comigo.

– O que está planejando? – Alexis perguntou.

– Acho que já estou entendendo. – Nicardo comentava mais para si próprio.

– Estou seguindo para o único lugar onde acredito que encontraremos respostas para o que está acontecendo. – falei.

Seguimos em direção ao castelo de Calidora. Provavelmente era lá que Bianor estava. O castelo estava seguindo lento. As raízes penduradas davam um tom tenebroso ao castelo, mas não era hora para isso.

Entramos no castelo pela janela. Não havia mais guardas para nos impedir, então não foi muito difícil perambular pelo castelo.

Dentro do castelo encontramos varias gaiolas cheias de pessoas. Existiam ali pessoas de todas as espécies. Mas havia algo de estranho nelas. Via em seus olhos o mesmo que havia visto nos olhos do povo de Calidora.

– Vejo que temos visitas! – Bianor apareceu bem atrás da gente.

– O que você está planejando? – perguntei.

– Beatriz, Beatriz – ele me rodeou – sempre curiosa.

– Fale logo seu canalha! – Alexis teve que segurar o impulso de pular no pescoço de Bianor.

– Não achei que você fosse se juntar a Mallory.

– Bianor estava extremamente calmo – Acho que te subestimei. Mas não faz diferença. Agora eu sou o dono de Ofir.

– E o que você vai fazer com essas pessoas? – perguntei.

– Isso? – Bianor olhou com desdém – Esses lixos vivos? Eu vou eliminar-los!

– Você vai o que? – Alexis gritou.

– Não existe lugar para seres inferiores como esse na nova Ofir. – Bianor parecia orgulhoso – Apenas os fortes poderão fazer parte da nova Ofir. Ainda está em tempo de se juntar a mim.

– Eu nunca me juntaria a você! – quase cuspi na cara dele.

– Nenhum de nós faria isso! – Amadeus falou.

– O convite era apenas para Beatriz! – Bianor falou – Vocês são todos fracos e insignificantes. Igual aquele reizinho meia boca que eu destruí facilmente.

– Retire o que disse agora! – Alexis berrou – Retire o que disse ou venha me enfrentar!

– Vocês querem brincar? – Bianor sorriu – Pois vamos brincar.

CAPÍTULO 24 / O ACERTO DE CONTAS

B

ianor ergueu as mãos e vários buracos no chão apareceram ao lado das gaiolas. Com outro movimento ele foi levando as gaiolas para dentro dos buracos, que foi caindo lentamente. Os buracos se fecharam com um último gesto de Bianor.

- O que você fez com essas pessoas? – perguntei.
- Por enquanto nada. – Bianor agora andava pelo salão vazio – Eu estou apenas guardando para quando chegar a hora de me livrar de pesos indesejáveis.
- Você é um monstro. – falei. – Sou apenas um mal compreendido. Tudo o que estou fazendo é para o bem de Ofir.
- Talvez você não seja mesmo um monstro. – Amadeus falou com fúria – Só um louco mesmo.
- De você eu não permito esses tipos de abuso! – Bianor iniciou um gesto, mas se interrompeu – Acho melhor começarmos a nossa brincadeira.

Bianor desapareceu.

- Cretino covarde! – Alexis gritou – Está fugindo maldito? Volte e brigue feito homem!
- Alexis... – tentei dizer algo.
- Vejam! – Amadeus interrompeu meus pensamentos – Uma porta aberta.
- O quê? – perguntei me virando.
- Uma porta foi aberta. – Amadeus repetiu.
- Espere! – falei – Está porta não estava ali antes.

- Talvez devêssemos entrar. – Amadeus sugeriu.
- Não sei. – falei – Isso parece uma armadilha.
- Concordo com a Beatriz. – Nicardo analisava a porta – Acho que é uma armadilha.
- Ele não disse que quer brincar? – Amadeus fitava todos nós – Talvez esse seja o início da brincadeira.
- Continuo desconfiada. – falei.
- Eu irei entrar. – Amadeus se ofereceu para ser cobaia.

Apesar de a idéia ter partido dele, pude notar que Amadeus também não estava tão seguro quanto parecia. Ele seguiu cauteloso até a porta e entrou tomando o dobro de cuidado. Aparentemente nada aconteceu. Amadeus estava dentro da sala.

- Até agora a sala parece segura. – ouvimos a voz de Amadeus.
- Você acha que deveríamos? – Alexis perguntou.
- Não temos muitas alternativas. – conclui – Vamos entrar!

O cômodo era um grande salão vazio, com quatro pilastras transparentes que pareciam uma queda d'água. O piso era muito escuro, mas não chegava a ser preto e o teto era de um branco que quase cegava, o que me fez detestar ficar dentro daquela sala.

De repente as luzes se apagaram e um único foco de luz surgiu no centro da sala. Um barulho de máquinas industriais invadiu o local e algo começou a descer do teto. Era uma gaiola, igual as que encontramos quando chegamos ao castelo. Dentro da gaiola, uma surpresa.

- Vocês também foram pegos! – disse desesperada – Vamos tirar-los dessa gaiola rápido!

Os prisioneiros da vez eram Tales, Neandro, Linfa, Thalassa, Cosmo e minha amiga perdida Camila.

Antes que pudéssemos fazer qualquer coisa, a gaiola subiu novamente e ficou no topo do teto, que pareceu mais alto agora.

– Planejei algumas brincadeiras para vocês. – a voz de Bianor invadiu o salão – Gostaria de ver-los executando todas, mas acredito que o tempo não será o suficiente. Estamos quase chegando ao nosso destino.

– Que destino? – perguntei.

– Isso não interessa agora. – Bianor falou seco – Mas ainda não chegamos e eu só estou fazendo isso para me distrair um pouco durante a viagem.

– Solte-os! – Alexis gritou – Solte-os agora.

– Não, não! – Bianor pareceu sorrir – Vocês só terão seus amiguinhos de volta quando terminarem a brincadeira. Antes disso nem pensar.

– Então comece logo essa brincadeira! – Nicardo falou.

– Que ótimo – Bianor sorriu – Estão animados!

– Claro. – Alexis disse em tom de deboche.

– Que comecem a brincadeira! – a voz de Bianor ecoou desta vez.

O foco de luz saiu de cima da gaiola e seguiu em direção a uma porta que se abria lentamente.

Algo muito inesperado apareceu atrás das portas: um pequeno gato manco.

– Mas isso é brincadeira mesmo! – Amadeus falou.

– Espere! – Nicardo pareceu se lembrar de algo – Truque velho! Preparem-se!

No mesmo instante o pequeno gatinho se transformou em um imenso Leon – e sem nenhuma pata manca.

– Que original não? – achei graça.

– Lutem! – a voz de Bianor novamente ecoou.

Alexis foi o primeiro a atacar, fazendo uma espada aparecer do nada e Nicardo atacava o Leon com as próprias mãos. Amadeus começou a atirar pequenas esferas de aço no Leon, o que era um tanto estranho. Às vezes pensava se realmente tudo o que ele contou até agora era verdade. Ou seria esse um pensamento da Mallory? Nós estávamos ficando cada vez mais unidas.

Alexis atacou o Leon pelas pernas, mas os golpes de Alexis não faziam mais que pequenos arranhões no Leon, que sempre conseguia impedir os golpes mais fortes.

Nicardo desistiu de tentar fazer algo sozinho e pediu ajuda para Amadeus.

Eu ajudei jogando as minhas bolas de fogo e água, mas eles não passavam de distrações. O Leon sempre conseguia se desviar delas.

Alexis, em uma tentativa desesperada de libertar o resto do grupo, pulou na cabeça do Leon e avançou com sua espada para cima da gaiola, mas antes que chegasse perto ele foi arremessado para longe, batendo em uma das pilastras.

– Sem trapaças! – a voz de Bianor falou.

– Como se você não fosse especialista nisto. – disse nervosa.

Nicardo e Amadeus pareceram ignorar o que havia acontecido e amarraram seus braços direitos um no outro. Amadeus e Nicardo tomaram impulso e conseguiram

saltar até a cabeça do Leon e antes de caírem atiraram uma rajada de pedras nos olhos do Leon.

– Ele conseguia se defender bem pois seus olhos conseguiam enxergar tudo a sua volta. – Amadeus gritou – Agora será mais fácil de destruir-lo.

Alexis não perdeu tempo. Assim que ouviu o que Amadeus falou, se levantou e seguiu correndo em direção ao Leon. Alexis saltou e atingiu as costas do monstro, rasgando-o de cima a baixo. O bicho caiu no mesmo instante. O Leon desapareceu lentamente e sons de aplausos invadiram o local.

– Mas o que é isso? – perguntei.

– Parabéns! – a voz de Bianor – Vocês conseguiram derrotar esse bichão bem depressa, mas acho que – infelizmente – não teremos tempo para outra brincadeira.

As luzes se acenderam novamente e a gaiola foi aberta enquanto descia lentamente até o chão.

– Estão todos bem? – Nicardo perguntou.

– Estamos. – Neandro respondeu.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Não sei explicar direito. – Cosmo falou.

– Mas eu sei! – Camila quase gritou – Você esqueceu completamente da minha existência. Mas eu te não irei te culpar. O tempo que passei escondida no castelo foi o suficiente para descobrir que sua missão era outra.

– Eu peço desculpa. – estava envergonhada – Eu acho que fui um pouco desleixada com você mesmo.

– Não tem problema. – Camila me abraçou.

- Mas como vocês acabaram aqui? – perguntei agora para Thalassa.
 - Nós estávamos lutando contra os homens de Bianor, quando uma luz forte saiu de um tipo estranho. – Thalassa tentava explicar.
 - Tipo estranho? – *estranhei*.
 - Era um tipo de ciclope ou algo parecido. – Cosmo completou – A luz saía do olho dele.
 - De repente todos estavam parecendo zumbis. – Linfa continuou – Seguiram em direção ao castelo de Calidora, que foi outro momento estranho.
 - O castelo apareceu do nada. – Neandro acrescentou – Quando sai do castelo, foi a última coisa que vi antes de ser pego.
 - Que coisa... estranha. – franzi a testa.
- Interrompendo nossa conversa, um tremor nos chacoalhou para todos os lados e um barulho que mais parecia uma escavadeira fez com que meus ouvidos doessem.
- Chegamos ao nosso destino! – a voz de Bianor parecia estar sendo emitida de outra galáxia.

Quando abri novamente os olhos estávamos do lado de fora do castelo. Não estávamos flutuando e todos os castelos estavam bem presos ao chão. Do lado direito estava o castelo da Capital e do lado esquerdo o castelo de Neide. Menelau, Sotero e Leander não estavam e nem poderiam já que seus reinos foram completamente destruídos.

Olhei melhor ao redor e logo reconheci o local. Era o Deserto Orestes.

Não precisei andar muito para encontrar com Bianor novamente. Desta vez Nínive estava ao seu lado.

– O que estamos fazendo aqui? – perguntei.

– Não parece óbvio? – Bianor rebateu.

– Não para mim. – respondi.

– Bobinha. – Bianor sorriu – Pense um pouco. Foi aqui que tudo começou. Foi neste lugar que consegui o poder para conquistar o mundo de Ofir. Nada mais justo que o fim desta Ofir seja aqui e nada mais justo que o início da *minha* Ofir também comece aqui.

– Acho que isso não será possível. – eu tinha uma grande confiança. Provavelmente influencia de Mallory. Só então reparei que ela não estava mais falando comigo.

– Deixe-me adivinhar – Bianor se aproximou – Você vai dizer que eu vou ser derrotado, que vocês vão impedir meu plano maligno e blá, blá, blá. Por favor, eu não sou o vilão desta história! Quando vão compreender que o que eu estou fazendo é pelo bem de Ofir?

– Eu não acredito que você teve a cara de pau de dizer uma coisa dessas! – Alexis gritou.

– De qualquer forma, sim, eu não irei deixar que você prossiga.
– falei.

– Não Beatriz – Alexis ficou do meu lado – Nós não deixaremos que isso prossiga.

– Acho que essa luta seria inevitável. – Bianor se aproximou mais de mim.

– Sim! – disse – Chegou a hora de acertamos nossas contas!

Começava a acreditar que Mallory já havia se tornado parte de mim e eu havia me tornado parte dela. Nós havíamos voltado a ser uma única pessoa. Só não saberia dizer se era a Beatriz ou a Mallory quem estava desafiando Bianor naquele momento. Talvez até não fosse nenhuma das duas.

- Eu não quero perder muito tempo com brincadeiras agora. – Bianor fez duas luvas de couro preto aparecer em suas mãos – Já chega de fazer joguinhos com vocês.
- Não zombe antes do tempo! – Alexis falo – Você pode se sair muito mal.
- Não acredito nisso, mas se te conforta – Bianor ergueu as mãos e varias armas apareceram – Que vença o melhor. Escolham suas armas!
- E quem disse que confiamos em você? – falei.
- Imaginei que fosse dizer isso. – Bianor sorriu – Façam como quiser. Deixe apenas eu criar o clima.
- Que clima? – Nicardo perguntou.
- Esse clima!

Bianor levantou o braço direito e vários raios e trovões começaram a aparecer.

- Você é pateticamente previsível Bianor! – Linfa zombou – O que você anda lendo ultimamente?

Bianor não respondeu, apenas atirou um raio em nossa direção. Esquivamos e rapidamente nos preparamos para batalha. Realmente a hora de brincar havia acabado.

Alexis estava usando a espada mágica que ele mesmo criou. Neandro ainda estava com a espada do pai. Linfa,

Thalassa estavam se preparando para fazer a nossa retaguarda. Cosmo estava protegendo Camila e Amadeus e Nicardo tentavam, desde já, distrair Bianor.

- Brinquedinhos – Bianor resmungou – Vocês não passam de brinquedinhos!
- Você não havia acabado de falar que não queria perder tempo? – Amadeus provocou.

Alexis aproveitou o momento para tentar acertar Bianor, mas ele foi mais rápido e se defendeu. Linfa e Thalassa também tentaram atacar, mas foram impedidas por Nínive. Neandro tentou atacar Bianor com a espada do pai, mas assim como Alexis ele foi impedido.

Eu assistia tudo, mas não estava parada. Algo em mim conseguia prestar atenção em tudo ao redor, sem perder o foco em Bianor. Estava atacando com bolas de fogo, mas sabia que isso não era o suficiente.

- Você precisa deixar que o poder de seu coração flua em todo seu corpo – uma voz feminina veio em minha cabeça. Não consegui identificar de quem era.

Alexis e Neandro estavam atacando com as espadas em um tipo de luta em conjunto. Eles até conseguiam atingir Bianor às vezes, mas não era nada de grave. Eles não deveriam estar lutando.

Linfa e Thalassa agora travavam uma briga a parte. Elas e Nínive estavam se atracando no outro lado da “arena”. Nínive e Linfa pareciam duas bailarinas e lutavam graciosamente. Thalassa era a parte bruta da coreografia.

Amadeus e Nicardo continuavam distraindo Bianor, que aos poucos deixava de prestar atenção nos dois e se concentrava mais na luta. Amadeus e Nicardo tiveram que entrar na luta apenas com as próprias mãos.

Eu continuei tentando cansar Bianor atirando mais bolas de fogo e a voz em minha cabeça continuava me perseguindo. Ela estava começando a me irritar.

– Não é difícil – ela dizia – Bianor só pode ser derrotado quando o poder de seu coração for libertado.

– Que poder? – perguntava mentalmente – O que meu coração tem com essa história?

– Procurei achar o caminho que leva para o poder de seu coração! – a voz continuava.

Bianor diminuiu as investidas e começou a se defender. Não conseguia saber se aquilo tudo era apenas um joguinho ou se ele realmente estava lutando para valer, mas fosse o que fosse Bianor não estava usando toda sua força.

– Já está desistindo? – Neandro provocou.

– É claro que não! – Bianor respondeu rindo.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa Bianor o acertou com um raio roxo que fez Neandro voar para perto dos castelos.

– Menos um. – Bianor soprou o dedo indicador.

Alexis, Nicardo e Amadeus continuaram atacando e a voz já começava a me atrapalhar e tirar minha concentração na luta.

– Se você não achar o caminho para libertar o poder que existe em seu coração todos irão morrer. – a voz sabia como acalmar uma pessoa aflita.

Cosmo e Camila continuavam escondidos em algum canto. Cosmo parecia ter criado um campo de proteção invisível. Tudo o que seguia em direção a eles era arremessado para longe.

Linha e Thalassa pareciam estar apanhando muito de Nínive, o que me deixava ainda mais aflita. Não queria que ninguém se ferisse. E a voz continuava em minha cabeça.

– Você sabe o que fazer. – a voz dizia.

– Quer sair da minha cabeça?! – gritei.

– Eu não posso ver o mundo de Ofir sendo destruído por conta de algo que eu ensinei. – a voz parecia estar triste.

– Quem é você? – perguntei.

– Eu sou Damaris. – a voz respondeu – O jovem espírito aprisionado no cristal.

– Damaris? – estava surpresa.

– Você precisa deter Bianor o mais rápido possível! – Damaris parecia estar tentando não se desesperar.

– Mas como eu faço isso? – perguntei – Eu não sei como libertar o poder em meu coração.

– Você precisa chegar ao caminho. – Damaris falou.

– Mas que caminho é esse? – perguntei.

– Você deve chegar ao caminho. – a voz estava ficando fraca.

Alexis, Nicardo e Amadeus também estavam muito feridos. De repente Bianor começou a atacar-los com muita força e

eu havia parado de tentar distrair-lo com bolas de fogo e água.

Linfa e Thalassa já haviam sido derrotas. Camila e Cosmo haviam sido atingidos e só neste momento reparei que estava chovendo. O meu sonho começava a se cumprir.

– Sou eu que você quer Bianor! – gritei – Você disse que não quer perder tempo com brincadeiras. Acho que você já perdeu tempo demais. Venha lutar comigo!

– Você já achou o caminho para libertar o poder do seu coração? – Damaris perguntou.

– Eu encontro depois! – respondi mentalmente.

– Você não pode se arriscar a morrer nas mãos dele. – Damaris tentava me alertar.

– Eu sei o que estou fazendo. – respondi.

– Eu realmente espero que saiba. – apesar de aflita, a voz de Damaris continuava meiga.

– Eu não sei o que te faz pensar que você também não seja um brinquedinho. – Bianor gritou – Se juntou a Mallory e mesmo assim o melhor que consegue fazer é atirar bolas de fogo. Poupe-me Beatriz. Eu que talvez tenha sido tolo demais em acreditar que um dia você poderia ser minha companheira.

Eu não sabia o que iria fazer, mas sabia que precisava fazer algo muito rápido. E não poderia ser apenas algo, teria que ser algo que realmente o parasse, mas o que?

Bianor não me deu tempo para pensar.

No mesmo instante Bianor já estava do meu lado, me jogando para perto de Linfa e Thalassa.

– Você é patética Beatriz. – Bianor estava com o rosto sangrando – Muito patética.

Um feixe de luz começava a surgir da mão esquerda de Bianor. Ele atirou o feixe em direção a minha cabeça.

Branco. Tudo o que eu conseguia enxergar era o branco. Abri os olhos e notei que estava sozinha no meio da escuridão. Não enxergava nada, até um rápido pulsar avermelhou o local. Esse pulsar parecia um coração batendo e comecei a seguir a luz avermelhada que estava piscando junto com o pulsar.

Não demorei muito para ver um coração batendo. Não era exatamente um coração humano, era o ícone do coração. Ele estava lapidado em uma pedra de rubi. Só então notei que não era uma simples pedra em forma de coração, era na verdade uma porta.

O pulsar parou e a pedra de rubi ficou exibindo a sua luz vermelha, porém agora estava mais fraca. A fechadura era a única coisa que continuava piscando.

Notei então que estava usando o pingente em forma de coração que já havia acreditado ter perdido. Ele começou a brilhar e flutuar como da primeira vez em que o usei. Retirei o pingente do cordão e testei na fechadura da porta. Funcionou.

Girei a maçaneta. Eu estava de volta.

– O que você estava dizendo mesmo? – perguntei.

– Mas por mil raios! – Bianor gritou – Eu já não havia dado um jeito em você?

– Acredito que tenha falhado! – respondi.

Feixes de luz começaram a surgir em minhas mãos. Os feixes cresceram até se tornarem raios. Atirei contra Bianor, que conseguiu se defender. Ele estava cansado, mas ainda era ágil.

Continuei atirando mais raios e ele continuou se defendendo, até que resolveu atacar revidando com bolas de luzes amarelas. Uma das bolas atingiu meu braço, arrancando a pele. Por alguns instantes eu fiquei apavorada, mas o ferimento se curou rapidamente e uma nova pele nasceu por cima.

Bianor estava assustado, mas não desistiu e continuou atacando. Eu defendi lançando tiras de luz e estourando as bolas amarelas e cortantes de Bianor.

Bianor resolveu mudar de tática e partiu com um soco. Defendi na mesma hora. Meus reflexos estavam bem melhores.

- Será que era esse o poder que estava escondido em meu coração? – perguntei a mim mesma.
- Você parece que estava escondendo o jogo. – Bianor estava ofegante.
- Você ainda não viu nada!

Uma onda de areia tomou conta do corpo de Bianor. Estava conseguindo controlar tudo o meu redor.

Bianor cambaleou e Nínive não conseguia se mexer. Sem perceber eu já havia arrumado todo o pandemônio que Bianor havia criado antes. Alexis e os outros estavam protegidos dentro de um escudo e eu havia parado Nínive no exato lugar onde ela estava.

Bianor tentou atacar, mas já estava completamente sem forças.

Um cristal apareceu flutuando em cima de Bianor.

– Você já sabe o que fazer.

CAPÍTULO 25 / RENASCIMENTO



cristal que havia aparecido em cima de Bianor havia sido enviado por Damaris. Eu deveria aprisionar-lo ali. O cristal era a única prisão que poderia segurar Bianor. Mas ele ainda poderia voltar, por isso decidi quebrar o cristal em vários pedaços. Eu não iria espalhar-lo pelo mundo. Mandaria cada pedaço para uma dimensão diferente, assim o cristal jamais poderia ser remontado e Bianor jamais poderá voltar.

Alexis, Neandro e Nicardo foram os primeiros a acordar. Eles ainda estavam muito cansados, mas conseguiram comemorar a derrota de Bianor.

Nínive foi liberta. Em todos os sentidos. A obsessão que ela tinha com Bianor havia desaparecido junto com ele e todas as lembranças desta época também.

Aos poucos os outros foram acordando. Linfa e Thalassa não conseguiam acreditar que finalmente tudo havia acabado. Cosmo e Camila eram o que estavam mais bem dispostos e ajudaram os outros a se levantar.

Seguimos para o Castelo da Capital. Todos nós precisávamos nos recuperar antes de pensar em qualquer coisa. Ficamos todos na sala do trono. Contei tudo o que havia acontecido e eles não pareciam tão surpresos quanto imaginava.

– Apenas você duvidava que fosse conseguir! – Nicardo falou.

– Eu sabia que poderíamos contar com você. –
Neandro botou a mão em meu ombro.

– Você salvou Ofir! – Thalassa sorria – Salvou Ofir e a todos nós.

– Mas o que vamos fazer agora? – perguntei.

– Acho que o primeiro de tudo é libertar os prisioneiros que estão no Castelo de Calidora. – Neandro começou a falar – Acredito que com o fim de Bianor, todos agora estão libertos de qualquer armadilha que ele possa ter feito.

– Precisamos também arrumar uma forma de reconstruir o mundo de Ofir. – Alexis tentou se levantar – Nós teremos uma longa caminhada pela frente.

– Realmente – Nicardo sorriu – Temos uma grande missão. A maior de todas.

– Nem acredito que isso finalmente terminou. – Cosmo comemorou.

– Sabe que eu vou sentir falta – Alexis deu um sorriso de nostalgia – Não do Bianor, claro, mas das aventuras. Foram tantas coisas que vivemos. Tantos encontros e desencontros. Tantos lugares e pessoas que nem consigo me lembrar.

– Quanto a isso você tem razão – Nicardo se aproximou – Foram bons tempos.

– Mas novos tempos viram – Neandro entrou no meio – e novas aventuras irão começar.

– Por Ofir! – Amadeus ergueu a mão. Todos repetimos o gesto.

– E agora chegou a hora mais importante para você Beatriz! – uma voz ecoou por detrás de mim.

– Rainha Alina! – me virei.

– Você já decidiu o que irá fazer agora? – a Rainha Alina parecia completamente recuperada – Sua missão aqui terminou. Você já pode voltar para casa se quiser.

– Eu quero! – Camila berrou – Foram dias muito loucos e divertidos. Apesar de eu não participar da ação eu gostei daqui, mas nada como a minha casa. Eu quero voltar.

– Você irá voltar. – a Rainha Alina sorriu – Mas e você Beatriz? O que vai decidir?

Eu sabia que esse momento chegaria. Eu sempre soube. Mas nunca pensei que fosse ficar em dúvida sobre qual caminho seguir. Meu coração não queria deixar a minha família e nem o meu mundo, mas ele também não queria abrir mão de Alexis. Ele estava sendo muito egoísta e queria todas as duas coisas.

– Eu não sei. – respondi.

– Pense um pouco. – a Rainha Alina sorriu – Passem a noite aqui. Amanhã decida o que você realmente quer.

– Para onde você vai? – Alexis perguntou.

– Alexis, Neandro – a Rainha Alina abriu os braços – Meu dois queridos. Minhas jóias raras. Chegou a hora de seguirem seus caminhos sem mim.

– Do que está falando? – Neandro perguntou.

– Eu não pertenço mais a esse mundo – a Rainha Alina começava a desaparecer.

– O que quer dizer? – vi lágrimas saindo dos olhos de Alexis – A senhora morreu?

– Eu não diria que morri, mas agora eu pertenço a outro mundo. – a Rainha Alina sorriu – Quando Neandro espalhou o espírito de Céleo naquele jardim, uma nova dimensão foi criada. Aquele será o nosso mundo. E eu quero ficar nele, junto com Céleo.

– Mas mãe...

– Alexis, isso não quer dizer que nós nunca mais iremos nos ver. – a Rainha Alina começava a ficar transparente – Eu apenas não poderei estar fisicamente sempre com vocês. Mas eu estarei em seus corações.

– Rainha Alina... – tentei dizer algo, mas nada saiu.

– Pense Beatriz. – a Rainha Alina havia desaparecido – Amanhã eu voltarei para saber de sua decisão.

Passamos a noite no castelo, como a Rainha Alina havia aconselhado. Ainda não fazia idéia do que iria decidir, mas sabia que seria inevitável. Era a última parte do meu sonho que ainda não havia se cumprido.

Tentei pesar tudo, mas continuava sem saber qual caminho seguir. Eu queria muito ver minha mãe novamente, mas eu não podia deixar Alexis. Eu também não podia viver entre dois mundos, seria

desgastante demais. Eu precisava escolher e precisava fazer isso logo.

A manhã chegou sorrateiramente. Era o primeiro dia de uma nova era no mundo de Ofir. A primeira coisa que fizemos foi libertar os prisioneiros. Descobrimos que no castelo de Neide havia mais prisioneiros e todos estavam desorientados. Juntamos os prisioneiros do lado de fora do castelo e explicamos tudo desde quando Bianor tomou o poder.

Apesar de haver muitas pessoas ali, não acreditava que todos os habitantes de Ofir estivessem naquelas gaiolas. Precisaríamos conferir os sobreviventes em todos os reinos.

Já estávamos vendo que teríamos muitos trabalhos pela frente, mas não estávamos assustados. Esse era um desafio que cumpriríamos com prazer.

Ao fim da tarde a Rainha Alina voltou para saber de minha resposta.

– O portal está aberto. – ela falou – Já decidiu o que irá fazer?

– Depois de muito pensar – respirei fundo – Sim, eu já decidi.

– E o que você decidiu? – a Rainha Alina perguntou.

– Eu vou ficar. – disse sorrindo – Por mais que me doa o coração deixar minha mãe, esse agora é meu mundo. Eu não posso mais sair daqui. Eu pertencço a esse mundo.

– Esta certa disso? – a Rainha Alina sorriu.

– Sim. – retribui o sorriso.

– Acho que você vai voltar sozinha. – Rainha Alina brincou com Camila.

– Tem certeza mesmo? – Camila perguntou.

– Tenho sim. – sorri em uma tentativa inútil de não chorar.

– Eu vou sentir saudades. – Camila me abraçou.

– Eu também – falei – E se cuide.

– Você também! – Camila sorriu.

– Antes de ir, quero que fique com isso e isso! – fiz Camila abrir as duas mãos.

– Seu pingente? – ela sorriu confusa.

– Não irei precisar mais disso. – dei um sorriso torto – Espero que te de sorte.

– Um presente vindo de você dando sorte? – Camila gargalhou – Obrigada. Vou guardar com muito carinho. Mas o que é isso?

– Esse é um pedaço do cristal de Bianor – falei – Quero espalhar-lo pelas dimensões.

– Mas não é perigoso? – Camila perguntou.

– Não sozinho. – respondi – O cristal pela metade nada mais é do que um pedaço de pedra brilhante.

– Se você está dizendo...

– Adeus! – acenei.

– Adeus! – ela fez o mesmo.

Camila entrou no portal que rapidamente se fechou. Nunca mais tive notícias dela, nem da minha

mãe. Isso me deixou um pouco triste, mas eu sentia que elas ficariam bem. Eu sabia que ficariam bem.

Tales havia desaparecido antes de começarmos a luta. Ele havia ficado dentro do castelo. Descobrimos que Bianor havia jogado uma maldição nele e em todos os habitantes de Leander. Toda a vez que eles se feriam eles se transformavam em um tipo de morto vivo. Era por isso que Tales nunca deixava que ninguém cuidasse de seus homens, pois ele não queria que ninguém descobrisse o que eles verdadeiramente eram. Com o fim de Bianor, a maldição havia acabado e Tales finalmente pode descansar em paz, junto com seus homens e todos os habitantes de Leander que sofriam muito com essa maldição.

Thalassa reencontrou seus pais e descobriu que eles não haviam traído o reino de Neide como ela acreditava. Eles também eram prisioneiros de Bianor e foram forçados a entregar o reino a ele. Ela e Cosmo estavam arrumando as coisas em Neide que, junto com Calidora, era o reino que menos havia sido devastado.

Nicardo voltou para Leander. Ele teria uma grande missão pela frente, pois Leander e Sotero haviam sido completamente destruídos. Os sobreviventes dos dois reinos eram poucos e a reconstrução acabou precisando de uma ajuda extra de outros reinos. Sotero e Leander se tornaram um só e agora se chama Elpída. Nicardo reencontrou com Layla, filha da Elma ex-dona de pensão que estava

desaparecida. Durante a reconstrução do reino, a implicância que existia entre os dois acabou se tornando um grande amor. Parece até uma história que conheço.

Amadeus recuperou a coroa de Calidora e se tornou um grande líder, como me contaram que o pai dele era. Ele se tornou um dos reis mais jovens e mais amados do reino e, junto com Alexis – que finalmente deixou de implicar com ele – construíram uma parceria entre o reino de Calidora e Menelau que agora seria parte dos dois reinos: o de Ofir e o de Calidora. E adivinha quem ficou por conta desse reino?

Com Neandro e Linfa reinando em Menelau, chegou à vez de Alexis finalmente ganhar a coroa. Eu acabei me tornando rainha. A Capital renasceu das cinzas, como todo o mundo de Ofir. Os dias se tornaram mais calmos e aos poucos tudo volta ao lugar e eu finalmente pude viver o meu tão sonhando “felizes para sempre”.

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez a Deus e minha família, sempre em primeiro lugar.

Como já virou tradição, gostaria de agradecer a Pryh, minha grande amiga que sempre tirava um tempinho para ler os novos capítulos deste livro.

Gostaria de reservar um espaço especial para Natasha Almeida, Júlia, Carol, Camila, Jéssica e Laryssa que deram seu jeitinho de demonstrar o carinho por minhas obras – desculpe se esqueci alguém.

Por fim eu queria agradecer a todos os meus novos fãs e aos antigos que me acompanham desde TDA.

Um grande abraço para todos vocês.

– Felipe Reino

PARA SABER MAIS SOBRE BEATRIZ SIGA NO TWITTER:

@BeatrizMisse

OU

@FelipeReino

E AGUARDE POR NOVIDADES



MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O LIVRO E O AUTOR EM:

WWW.FELIPEREINO.WEEBLY.COM